

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 117

Terça-feira, 22 Julho de 1986

Preço 40\$00



Pires de Miranda

**Ofensiva
diplomática
na África
Austral**

**Portugal
ofereceu-se
para
medianeiro
entre a CEE
e o ANC**

Pág. 4

ONDA DE PROTESTO PELOS FUZILAMENTOS NA GUINÉ-BISSAU



Nino Vieira e Mário Soares: os apelos do presidente português não foram atendidos

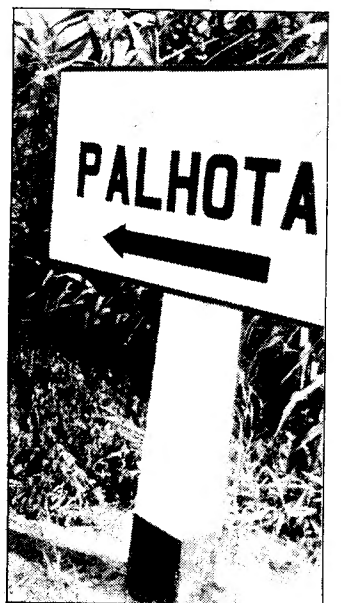
SOARES RECUSOU RECEBER ENVIADO DE NINO VIEIRA



Filinto Barros

O Presidente da República recusou receber um enviado especial do presidente guineense, que viria a Lisboa «explicar» as execuções, ontem consumadas, de seis dos implicados no «golpe» de 17 de Outubro. Nino Vieira comunicara ontem ao fim da tarde a sua intenção de mandar a Lisboa o ministro Filinto Barros, mas recebeu de Soares a resposta de que só valeria a pena se fosse para salvar vidas. Os fuzilamentos provocaram uma onda de protesto em Portugal, do Governo à Igreja Católica, passando pelos partidos políticos e organizações cívicas.

Pág. 15



**Em Glória
e na
Palhota
na rota
de Alves
Redol**

Págs. 12, 13

Ainda a mediocridade da gestão da Câmara de Lisboa

A. Anselmo Anibal (*) Vitor Costa (**)

1 — Um dos aspectos mais reveladoramente medíocres da gestão do eng.º Abecasis é o da estreiteza de relacionamento com as freguesias, sempre analisadas numa óptica que as menora numa situação que as deixa permanecer na obscuridade e na penúria.

As 53 freguesias de Lisboa receberam, no conjunto, em 1986, 230.000 mil contos, numa modalidade de financiamento que não facilita qualquer significativa alteração da sua actividade. Os seus orçamentos traduzem uma intenção quase emblemática. Se algumas há que intervêm activamente, fazem-no em constantes solicitações à «Câmara» — entenda-se aos diversos Serviços do Município — e conseguindo, com um amplo empenho dos eleitos, fazer «coisas», solicitar, organizar «trabalho voluntário», etc. As freguesias de Ajuda e Alcântara, na zona ocidental da cidade, as de S. Vicente de Fora, do Castelo, de Santiago, de S. Miguel e St.º Estevão, na zona «velha», as de Carnide, Ameixoeira, Charneca, nas zonas de expansão ao norte da cidade, e as do Beato e Marvila, na área oriental, representam, nesse aspecto, um importante exemplo no conjunto. São bem conhecidos e estão inventariados os problemas das freguesias; conhecem-se, nessas freguesias, os percursos organizacionais a percorrer no Município para conseguirem uma informação ou uma obra; desenvolvem-se acções a que nem faltam os financiamentos decorrentes da Associação dos Eleitos Comunistas e Outros Democratas (1); estabelecem-se prioridades e metas de acção que são divulgadas às populações, assim como os resultados obtidos e a razão do não cumprimento, quando é o caso disso. A tudo isto, a actual Câmara responde mal e muito pouco. As freguesias são mal informadas — ou não informadas — do que se passa no seu «território» em termos de actuação municipal. A Câmara não dispõe de qualquer mecanismo que assegure a articulação entre os seus serviços e as freguesias; pelo contrário, os presidentes de juntas e outros eleitos das freguesias são geralmente mal recebidos nos serviços, sem qualquer consideração pela respectiva qualidade.

Delegar competências nas freguesias é coisa que arrepiava o eng.º Abecasis.

Por vezes, quando as freguesias conseguem, pelos seus meios, resolver alguns problemas, a Câmara recorre, mesmo, ao boicote. Ainda recentemente veio a público a acção da Polícia Municipal no sentido de impedir que a Junta de Freguesia de Carnide limpasse uma lixeira e aproveitasse o espaço para fins desportivos, com máquinas que tinha pedido às vizinhas freguesias da Pontinha e Brandoa e com trabalho voluntário, porque tal espaço pertencia à Câmara!

As freguesias não têm qualquer aparelho digno desse nome e os seus recursos são de penúria, como dissemos. É urgente modificar a situação, no sentido do que vem acontecendo noutros pontos do País.

2 — A gestão do eng.º Abecasis, prevalece-se da «capitalidade» e enxerga mal a cooperação com os outros municípios envolventes e vizinhos.

É cada vez mais aceite por todos que os limites administrativos das fronteiras de Lisboa são apenas isso mesmo, sendo a cidade, em termos de morfologia geral urbana, o grande polo central numa vasta e grande região urbana, ao qual se ligam seis eixos de povoamento, dispostos de forma radial em relação ao polo central — dois na margem esquerda e quatro na margem direita — todos apoiados, naturalmente, nas principais vias de comunicação da região.

Como variados estudos identificam, estamos perante uma área territorial onde se implantaram e implantam vários centros urbanos, próximos e independentes, gerando uma estrutura complexa de relações liderada por um polo principal onde tendem a repercutir-se variados problemas decorrentes dessa situação. A concentração populacional é elevada e coexistem numerosas áreas de emprego secundário e terciário.

Conforme referimos no artigo que, no passado dia 16, publicamos nas páginas do Diário de Lisboa, este é um segundo artigo sobre o balanço da acção da «actual maioria» na CML.

Julgamo-lo oportuno e revelador agora que, em meados de Julho, se discutiu o Orçamento e o Plano de Actividades para 1986, instrumentos que, nos termos legais, deveriam ter entrado em vigor no início do ano.

Não pretendemos, com estes dois artigos, esgotar o tema, mas apenas contribuir para que a população de Lisboa forme a sua opinião e construa a alternativa necessária.

LISBOA exige-o.

Entretanto, assinala-se que o polo central — a cidade de Lisboa — tem uma oferta de emprego (cerca de 490 mil) superior a todo o resto dos municípios vizinhos, oferta caracterizada por terciária (mais de 350 mil), o que origina as migrações pendulares quotidianas de pessoas e mercadorias dentro da área urbana da cidade, com utilização intensiva de transportes colectivos e individuais e motivadas prioritariamente pelas exigências de emprego, ensino e outras actividades.

É conhecido o valor de 70% como o percentual das viagens sobre Lisboa de toda a região urbana, através dos grandes eixos de transportes, tornando-se evidente a fortíssima dependência da região urbana em relação à cidade de Lisboa.

É também uma evidência que nesta grande região urbana se assiste continuamente a:

- estrangulamento e má qualidade global de serviço no sector de transportes;
- falta conjunta de habitações e concentração de clandestinos;
- uma das mais altas concentrações de desemprego no País;
- ocupação de terrenos agrícolas, ou sua ameaça, por expansão urbana, em alguns casos, incontrolada;
- carências graves em infraestruturas de saneamento básico, em particular na recolha e tratamento de esgotos e lixos urbanos e industriais e nos sistemas de águas residuais.

Trata-se, na prática, de um conjunto de exigências em termos de Área Urbana de Lisboa que têm expressões conhecidas e vulgarizadas em problemas que vão desde o Saneamento da Costa do Estoril, às infra-estruturas de comercialização por grosso de produtos agrícolas para abastecimento à grande zona urbana; que vão das exigências de construção da CREL e da CRIL, às infra-estruturas decorrentes do terminal rodo/ferroviário/fluvial do Barreiro; e que se alargam a muitos outros domínios em que o escalão municipal de decisão deve ser inserido institucionalmente num escalão supra-municipal, operativo e eficaz, com meios adaptados à dimensão dos problemas.

Regra geral considera-se, «in limine», apenas áreas/problema as zonas menos desenvolvidas do interior e é uso, na procura de um esforço de redução de assimetrias entre as regiões, canalizar os investimentos prioritariamente para essas áreas. Mas porque se associa (muitas vezes primariamente) interior a subdesenvolvimento e litoral e áreas urbanas a desenvolvimento, não há sensibilidade suficiente para olhar convenientemente áreas cada vez mais densamente povoadas, onde se acumulam problemas que dificultam o normal curso e desenvolvimento da sua decisiva actividade económica. Ora, na área envolvente da Cidade de Lisboa sublinham-se graves problemas de estratégia de desenvolvimento planeado e de esforço para vencer a situação presente, que poderão e deverão ter, em condições políticas muito concretamente verificáveis, expressão institucional. Tal expressão institucional deveria ser viabilizada, desde há muito, por uma mais persistente e continuada política de vizinhança na ligação aos outros municípios fronteiriços e vizinhos, sem necessidade de recorrença a qualquer estatuto de capitalidade. É uma

larga área em que se verifica a necessidade de um trabalho aprofundado e de real empenhamento na alteração da situação actual, tudo no sentido de se resolverem, por outra forma, problemas que são de envolvimento e cariz supra-municipal, em estruturas de enlace que assegurem o continuado e consistente esforço conjunto e institucional.

Como em nenhuma outra zona do País tornam-se candentes as necessidades de associativismo municipal, pelo menos em torno de objectivos concretos.

A estas evidências responde o eng.º Abecasis com sobrançeria e paternalismo, alternando «declarações de guerra» (todos nos lembramos do problema da lixeira da Boba, na Amadora) com atitudes de quem trata os municípios vizinhos como «entes menores», de mistura com conhecidas atitudes de tipo «orgulhosamente só».

3 — É, também, medíocre o enlace e a coordenação de esforços entre a Câmara de Lisboa e as estruturas da Administração Central que intervêm em Lisboa e as Empresas Públicas que «servem» Lisboa.

Os enlaces, cruzamentos e choques de competências entre a Câmara e certas estruturas da Administração Central a nível, por exemplo, de tráfego, de abastecimentos, de fiscalização e inspecção sanitárias, de educação e do património edificado imporia que cada uma destas áreas de intervenção fosse objecto de ponderação por parte dos órgãos do Poder Central e, em articulação e diálogo com o Poder Local, fossem encontradas as soluções mais adequadas para, em cada caso, definir atribuições e competências, delimitar intervenções e encontrar sistemas equiparados susceptíveis de tornar eficaz a intervenção integrada e conjugada ou complementar das várias entidades.

Entretanto, enquanto o Governo Central parece não se preocupar muito com estas questões, os organismos públicos e a Câmara não encontram formas de diálogo e optam por se degladiar e guerrear mutuamente. Ainda recentemente, o Instituto Português do Património Cultural ameaçou embargar a pintura de um painel no Largo de S. Carlos e o calcetamento da Rua Garrett e do Largo do Chiado, tendo de imediato o eng.º Abecasis retorquido que ignoraria o embargo e que as obras continuariam, aproveitando para adjectivar o IPPC com alguns epítetos.

Por outro lado, há certos organismos que, como a Administração Geral do Porto de Lisboa (AGPL), têm jurisdição sobre importantes áreas da Cidade.

Também a este nível pensamos que importaria definir rigorosamente as competências de cada entidade e negociar e fazer funcionar protocolos e acordos mútuos.

A actual gestão da Câmara, porém, optou por se virar de costas para estas entidades e por as hostilizar. Não há muito tempo, a AGPL divulgou um projecto de Plano Director para a área do Porto de Lisboa.

Face a esta importantíssima iniciativa, o eng.º Abecasis afirmou que a Câmara não foi ouvida nem participou na elaboração de tal Plano. Em resposta, o presidente da AGPL referiu que o Plano foi discutido no âmbito da Junta Consultiva da AGPL, órgão no qual a

CML tem assento. Seja qual for a verdade, pode concluir-se que é lamentável a ausência de cooperação e ligação entre as duas entidades.

Finalmente, importantes Empresas Públicas intervêm e «servem» Lisboa — CTT/TLP, EDP, EPAL, METRO, CARRIS, RN e outras.

Tornar-se-ia indispensável garantir mecanismos de efectiva coordenação com estas entidades, de partilha de meios, de cooperação mista. Porém, isso parece não preocupar muito a actual maioria que governa o Município, que prefere intervir em desfavor destas Empresas. É de recordar, por exemplo, as pressões que segundo a Alta Autoridade Contra a Corrupção, o eng.º Abecasis terá feito sobre o Metro, para a aquisição, em condições ruinosas, de um terreno ao Luna Park. É, igualmente, de recordar os factos consumados criados pelo eng.º Abecasis e as pressões sobre o Metro para resolução do diferendo com um prestigiado clube de futebol.

Além disso, a falta de coordenação entre estas Empresas e a Câmara leva a situações caricatas como a abertura e fecho dos mesmos «buracos» por várias vezes e a existência de serviços paralelos.

Convém recordar que, num aspecto, o eng.º Abecasis conseguiu uma forma de cooperação.

Trata-se da cobrança das famigeradas «Tarifas de Saneamento» que, como se sabe, é feita pela EPAL.

4 — Por último, mas não em último lugar, revele-se que, a alguma melhoria e dignificação no âmbito das relações da cidade com cidades geminadas, particularmente dos países africanos de expressão oficial portuguesa, se segue, por intervenção desastrosa e medíocre do eng.º Abecasis, em directo, uma linha que fere os próprios interesses do País. Trata-se, fundamentalmente, das intervenções na República da África do Sul, tingidas de uma simpatia evidente face à «actualização» e «modernização» de uma política que só a ruptura pode determinar ter novo rumo. As circunstâncias em que tiveram lugar tais visitas, o carácter «expansivo» das afirmações produzidas, tiveram ecos que não puderam deixar de ser levados à Câmara tendo, na oportunidade, e no mesmo dia em que o eng.º Abecasis relatou a viagem à Af. do Sul, a maioria de vereadores (APU, PS e arq.º Ribeiro Teles) votado uma moção contrária à política prosseguida pela República da África do Sul em consonância com as posições unânimes da Comunidade Internacional. (2)

5 — Em Lisboa, como em outras áreas do País, é possível refazer as maiorias e constituir novo programa de acção, definindo diferentemente as prioridades de acção política. Lisboa bem necessita, para que na Cidade se viva menos mal e com maior dignidade, emprestando aos seus habitantes e utilizadores, o conforto e o gosto da bela cidade que é.

A gestão do eng.º Abecasis já deu provas da total incapacidade em resolver os problemas fundamentais.

O Povo de Lisboa já penalizou, nas urnas, a política de compromisso com a actual gestão da Câmara.

Lisboa já mostrou que quer uma política diferente; exige uma alternativa.

NOTAS

(1) — Convém sempre repisar que os eleitos nas listas da APU têm uma regra importante que é a de não serem beneficiados nem prejudicados, no nível das suas remunerações, em relação ao que receberiam se não fossem eleitos. As senhas recebidas pela participação nas sessões da Câmara ou Assembleia Municipal vão assim, inteiramente, para os cofres da Associação que utiliza as respectivas importâncias para financiar obras de interesse para as populações em várias zonas do País.

(2) — É o seguinte o teor da parte deliberativa dessa moção:

«1 — Reiterar a sua viva condenação ao regime do Apartheid, a propósito da passagem do 10.º Aniversário do Soweto.

2 — Juntar-se à Comunidade Internacional na exigência do imediato levantamento do estado de emergência na África do Sul, do fim da repressão e da cessação das invasões dos países vizinhos.

(*) Vereadores da CML

A Assembleia da República os deputados e a Democracia

O deputado socialista Manuel Alegre afirmou nos inícios de 1985: «Se a função do deputado não se modificar, a democracia não sobreviverá» («O Jornal», 25/1/1985). Não se desvaneceram por inteiro as razões das críticas que os deputados, no exercício das suas funções, justificam. Mas há que reconhecer que a Assembleia da República tem procurado melhorar a imagem, dignificar a função, morigerar costumes, e está em condições de corrigir abusos e de pôr um travão à deserção parlamentar.

Para já, há que assinalar que a conjuntura política tendo dado lugar a um Governo minoritário criou as condições da formação de maiorias oposicionais flutuantes e favoreceu que a Assembleia da República verdadeiramente assumisse a sua função fiscalizadora. As dificuldades que surgiram com o Governo de Cavaco Silva são o reflexo dessa intervenção fiscalizadora do Poder Legislativo relativamente ao Poder Executivo. Constitucionalmente correcta a posição da Assembleia da República reconduziu-a a níveis de responsabilidade democrática e de eficácia.

Declarações recentes — anotámos as originárias de áreas políticas distintas — valorizam a acção parlamentar. E até se concebe — como ocorre em afirmações oriundas do MDP-CDE e do PCP — que a Assembleia da República, com a actual correlação de forças, oferece eixos de convergência que poderiam criar possibilidades de alternativa democrática parlamentar ao Governo minoritário do PSD.

O deputado Carlos Brito, dirigente do Partido Comunista e presidente do respectivo grupo parlamentar, na conferência de Imprensa em que anunciou projectos legislativos e iniciativas do seu partido, no quadro parlamentar, afirmou que «com as eleições de 6 de Outubro se tornara possível uma salutar resposta às práticas governamentalizadoras e um exercício mais eficaz das competências da Assembleia da República». Na opinião do Partido Comunista medidas

«inconstitucionais do Governo» e iniciativas «atentatórias» dos interesses populares e das conquistas de Abril, tinham sido contestadas e evitadas pela convergência objectiva das representações parlamentares dos «partidos democráticos».

O próprio CDS, na discussão da «moção de confiança» apresentada pelo Governo PSD, não deixou de sublinhar a autoridade fiscalizadora da Assembleia da República. Considerem-se, em particular, as intervenções de Noirana Coissoró e de Adriano Moreira.

Também o Partido Socialista, ressentindo-se como é natural da crise de sucessão e dos trabalhos de preparação do seu Congresso, defendeu, e exerceu, o papel que cabe aos deputados. Em Outubro próximo, a anunciada reorganização do Grupo Parlamentar, em prestará nova dinâmica à presença dos socialistas na Assembleia da República.

O grupo parlamentar do PSD, apesar das tentativas, mais formais do que essenciais, de António Capucho, na solidariedade sem remédio que ao Governo deve reduziu-se a uma função de acompanhamento.

É da parte do Partido Renovador Democrático — o que perfeitamente se justifica — que é mais entusiástica a valorização da acção parlamentar. Declarações num recente «tempo de antena» na RTP e nas recentes «Jornadas Parlamentares do PRD», dão-nos a perspectiva de até que ponto os «renovadores democráticos» contam com o impacto político da sua presença na Assembleia da República. Presença que constitui a sua principal base de trabalho. Não se vá ao extremo, ou ao acinte, de considerar o PRD, nesta fase de espera por Eanes, um mero «Grupo Parlamentar», mas é no Parlamento que o partido afirma uma função nacional, que a sua voz se faz ouvir, que o seu voto é decisivo.

Por obra e graça da presença parlamentar do Partido Renovador Democrático, e da competência dos seus deputados, teve José Carlos de Vasconcelos a possibilidade de afirmar que o partido tem contribuído para uma renovação da prática política.

Será que nas afirmações que respigamos, nas atitudes que referimos, se traduz um excessivo optimismo? Será que está afastada a perspectiva sombria que se nos deparava na frase crítica de Manuel Alegre: «Se a função de deputado não se modificar, a democracia não sobreviverá».

Realmente, com as eleições de 6 de Outubro de 1985, e entre os seus resultados haverá que destacar a constituição do Grupo Parlamentar do PRD, a Assembleia da República tem visto valorizada a sua função na vida política portuguesa. Não esqueçamos, porém, que essa valorização resulta do papel de crítica, contestação e fiscalização nas relações com o Executivo. Papel que a Democracia não só constitucionalmente estabelece, como, politicamente, exige. Sem fiscalização democrática não existe Poder de Estado democrático.

Mas — e o deputado? — Ter-se-ão encontrado os meios de o reaproximar do eleitorado? Ter-se-á conseguido vencer a distância entre o deputado e o seu eleitorado? Ter-se-á libertado o deputado dando-lhe capacidade de escolha e de decisão num relacionamento democrático adequado com os seus eleitores? Numa palavra entre **deputado** e **eleitor** ter-se-á anulado ou corrigido a intervenção da **máquina partidária**, com os seus interesses, tácticas, disciplina?

Todas estas questões carecem de resposta. Aos **partidos democráticos** cabe levar à Assembleia da República as ideias que efectivamente renovem a prática política e as medidas que rejuvenesçam e revigorem a função do deputado. Para já institua-se o contacto directo do **deputado** com o seu **eleitor**, a sua directa responsabilidade, o mandato vinculativo.

A Democracia não se esgota na actividade partidária. Nem se esgota na sede parlamentar. Mas passa por aí. Passa pela Assembleia da República. Passa pelos deputados. O deputado Manuel Alegre tem razão: «Se a função do deputado não se modificar, a democracia não sobreviverá».

Valorizando o que foi feito — quanto à função da Assembleia da República — não se esqueça o que resta fazer no que diz respeito ao «deputado».

As palavras perdulárias

Jose Manuel Mendes

Uma rajada de vento forte abriu, há instantes, a janela do quarto e golfou chuva contra a parede, sobre a colcha da cama, pelo chão. Noite desabrida. Até o cão, nos fundos do casarão, se recolheu, entre esparvoado e contente, que este leito de águas crespas é bom para dormir. Estivéramos nas azenhas, confortando o estômago com um vinho verde meio seco, espevitador, alvarinhado, enquanto, a toda a volta, a tempestade crescia. Lugares bravios, onde o pinheiro e a pedra encastam a terra dura, horizontes de luxúria para o olhar embaciado do quotidiano poluído das cidades. Berços de mal viver, todavia. A gente é pobre, extrai das leiras magras o sustento, anda curvada ao peso de rotinas muito antigas que chamam como as rodas de carros de bois. Pegou-se-lhes ao sopro um estranho senso de renúncias, tornam-se pasto fértil para os alvissareiros da imobilidade apodrecente. Aqui se realizam, é certo, desde há catorze anos, os festivais de música. Irregulares, não conseguiram consumir-se como a meca de um ritual de viajantes extravagantes, rebeldes, saudavelmente animados de ilusões. Vim cá, com

amigos, assistir ao primeiro, ainda sob o tecto de corvos do fascismo. O que então se atingiu não foi decisivo nem espectacular, mas o programa, privilegiando um «rock» no geral inconsequente, acabou por atravessar-se de um tal apelo à libertação de sufocadas energias que o regime temeu desenvolvimentos mais afoitos. A população considerava o recitar como coisa de barbudos, entes amalucados e inofensivos, rejeitando-o como frioleira que nada dizia à sua existência de labuta pelo pão. Vadios, vagabundos éramos; os apóstolos ou os simples observadores inconvincentes.

O mundo está perdido, ouviamos.

Soube que o certame de 83 se revelou decadente, alheio a toda a corrente protestatária, fazendo desfilar o revivalismo e a mediocridade da actual produção, não obstante os casos de qualidade reconhecida. Sinais dos tempos, comentava alguém. Com desconfiança injustificada?

Voltemos, contudo, a Vilar de Mouros sob o arancel da ventania. Lá fora, debaixo das altas ramadas, luziam os pirilampos à

dava, pela tarde, milho às galinhas. Era esse milho fresco que, nas trevas, fulgia. Ou assim o inventava o meu idear errante. Das raízes erguia-se devagar um fumo ralo, irmão do granito e dos nodosos troncos; apetecia orvalhar com ele o calmo rosto da Carla, pupilas ardendo de avidez inebriada nos interiores da lonjura. Foi aí que descobri, agachado junto a um tanque, o miúdo bizonho que os anos fizeram adulto no meu sangue. Eis-me, no quintal de meus avós, ao pé da roda verde de ferro rangendo enquanto a água sobe no cântaro. Ali perto o muro: heras, folhas largas do milharal mais abaixo, as cerejeiras onde nascia o Verão. Havia chovido horas antes. Agora sei: é o mesmo o cheiro, indefinível, alentador, suave. Vou acender a lareira da infância, ver os olhos chorar em cima do pão. Ao lado, nos vidros rectangulares das gelosias, voltarão a bater os braços frenéticos da laranjeira grande. Batem, lentos, no momento exacto em que galgo os degraus de acesso à casa, inclino os passos para a lâmpada que alguém acendeu, respiro o linho, aqui, bafejado pelo remoer longínquo dos moinhos de Vilar de Mouros.



Parque de campismo de Vilar de Mouros

É tempo de outros lazeres. Não se vive longamente da memória. Amanhã, abandonada a

serra, espero os ondulados rios entre margens plácidas. Bem ao invés das desoladas paisagens

humanas que os dias correntes mais e mais arrepiam, enegrecem, magoam.



Pires de Miranda deu a entender em Bruxelas

Governo português pode ser bom medianeiro na resolução do problema da África do Sul

O ministro dos Negócios Estrangeiros Pires de Miranda confirmou em Bruxelas, de forma implícita, o papel de mediação que Portugal tem desempenhado na resolução do problema da África do Sul, em declarações fornecidas aos jornalistas num intervalo do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros que ontem se iniciou na capital belga para debater, entre outras, questões relacionadas com o problema sul-africano.

Por outro lado, segundo fontes do Conselho, o Governo de Lisboa teria oferecido os seus bons ofícios no estabelecimento de pontos de contacto entre a Presidência do Conselho, ocupada pelo Reino Unido e o Congresso Nacional Africano, em vésperas de uma missão à África do Sul do

ministro britânico dos Negócios Estrangeiros Geoffrey Howe.

Pires de Miranda, de resto, manteve à margem da reunião, antes da discussão em Conselho relativa ao problema da África do Sul, um encontro bilateral com o seu colega britânico, durante o qual observadores estimam que se tenha verificado a manifestação de disponibilidade por parte do Governo de Cavaco Silva em exercer esse papel.

Os contactos de Haia, Angola e Moçambique

Entre as acções diplomáticas desenvolvidas pelo Governo português no sentido de desempenhar um papel de mediação, Pires de Miranda destacou aos jornalistas o encontro que manteve no fim do mês de Junho, durante o Conselho Europeu, em Haia, com o responsável pelas Relações Externas do ANC, Makati-ni.

O ministro fez também alusão aos contactos que manteve na semana passada, em Angola e Moçambique, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Azevedo Soares.

Esses contactos, segundo disse, «correram bem» e permitiram constatar a existência de pontos de vista entre o Governo português e aqueles dois países quanto à importância de resolver o problema da Namíbia para «avaliar a pressão sobre a África do Sul».

Pires de Miranda disse ainda aos jornalistas «que estão a ser pensadas outras acções porque a responsabilidade histórica e outras aconselham a que se faça mais qualquer coisa». «Estamos a fazer uma coisa que parece útil», acrescentou.

O ministro fez ainda referência a «dificuldade» de que se reveste a missão à África do Sul de Geoffrey Howe, de 23 a 29 deste mês.

A missão do ministro britânico

Geoffrey Howe desloca-se à África do Sul em nome da Comunidade Europeia, na tentativa de procurar vias de solução para o problema, esperando encontrar autoridades governamentais e líderes da oposição.

O ANC, principal partido da oposição, reclamando contra a posição britânica em relação às propostas sanções económicas à África do Sul, tem no entanto manifestado a sua indisponibi-

lidade em avistar-se com Geoffrey Howe durante a sua estada na África do Sul.

O Governo português, como dissemos citando fontes do Conselho, teria sugerido nesse quadro a possibilidade de desempenhar um papel de mediação no estabelecimento de pontos de contacto entre o ANC e a Presidência do Conselho da Comunidade Europeia.

A mesma fonte considerou que a recente visita a África Austral do secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros, Azevedo Soares, poderia já encontrar-se relacionada com esse papel de mediação.

Até ao momento, no entanto, não foi possível obter uma confirmação da delegação portuguesa quanto à veracidade destas informações.

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, falando ao princípio da tarde de ontem aos jornalistas, reafirmou, entretanto, a sua intenção «de procurar um compromisso sobre novas medidas» caso seja votada ao fracasso a sua missão na África do Sul.

Geoffrey Howe manifestou igualmente o seu contentamento com o facto dos seus colegas da Comunidade Europeia lhe terem renovado a confiança na missão em que está incumbido, que decorrerá de 23 a 29 deste mês.

Pires de Miranda desmente «El País»

O ministro dos Negócios Estrangeiros desmentiu, ainda em Bruxelas, a existência de qualquer intervenção do Governo português na procura de um país de acolhimento definitivo para aquele que é considerado o dirigente histórico da ETA.

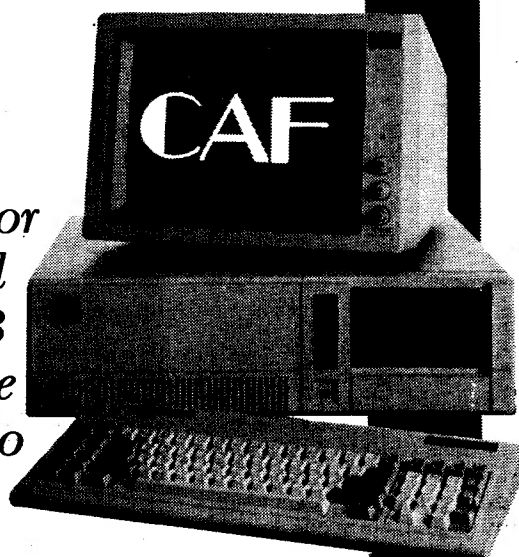
De acordo com uma fonte próxima da delegação portuguesa, o ministro teria considerado «sem qualquer fundamento» as informações publicadas domingo nesse sentido pelo quotidiano espanhol «El País».

Esse jornal afirmava que o Governo português se havia aprestado para intervir junto de países terceiros no sentido de concederem refúgio político àquele que é considerado o dirigente histórico da ETA-Militar, Txomin, recentemente extraditado da França para o Gabão, país que considera ser apenas um ponto de passagem.

380 contos*

até 31. Julho

* é o preço de um Computador Profissional CAF Compatível Modelo College III com 20 MB que a CMC (Portugal) lhe oferece em troca do seu equipamento usado



Veja nos Concessionários:

COIMBRA - MI-MICROINFORMÁTICA, LDA.
ÉVORA - MICROTRÓNICA
LOUSÃ - V. CORREIA + L. CORREIA
PONTA DELGADA - GIA - GABINETE DE ESTUDOS E INFORMÁTICA DOS AÇORES, LDA.
QUELUZ - CONTA ALPHA
S. JOÃO DO ESTORIL - ESTORILMÁTICA
SINES - DIGITAL SUL, LDA.
VILA DO CONDE - HARDSOFT-INFORMÁTICA E GESTÃO, LDA - Tel. 63 18 63
LISBOA - MAQUEST, LDA. - Tel. 714 18 23

Rua Sanches Coelho, 2 1600 LISBOA Telef. 777012/770661

CMC PORTUGAL

Um general preocupado

O futuro comandante da Região Militar Norte, general Carlos Azeredo, considera que existe uma «mentalidade antimilitar que se pretende impor na sociedade portuguesa». Em mensagem dirigida à Anna de Cavalaria, de que ainda é director, Carlos Azeredo considera «excessivo» o encurtamento do período de prestação do serviço militar e afirma que a instituição da objecção de consciência facilita a «fuga à prestação do dever militar devido à comunidade nacional». Para o futuro comandante da Região Militar Norte, já nomeado, cabe a todos os cidadãos «combater com denodo a lassidão resultante da rotina que tende a instalar-se, fruto do descuidado sentimento de que nada há-de acontecer».



Depois de uma curta visita Presidente argentino regressou hoje a Buenos Aires

O presidente argentino Raul Alfonsín deixou esta manhã Lisboa no final de uma curta visita privada a Portugal onde se encontrou com o chefe do Estado português Mário Soares. No aeroporto, o Presidente português, esteve a apresentar cumprimentos de despedida a Alfonsín, que se encontrava acompanhado de sua mulher, dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Economia, Dante Caputo e Juan Surouille, respectivamente e de outros altos funcionários argentinos.

Raul Alfonsín, que após o encontro de segunda-feira com Mário Soares sublinhou numa conferência de Imprensa a amizade que ambos cultivam e as boas relações existentes entre os dois países, concluiu em Lisboa uma digressão por vários continentes que o levou a países tão distantes como a Austrália, as Filipinas, o Japão e a Arábia Saudita. Não houve declarações de Alfonsín à partida para Buenos Aires. Apenas confirmou a aceitação do convite que Mário Soares lhes fizera para visitar oficialmente Portugal em data a combinar bilateralmente, ao mesmo tempo que manifestava a intenção de receber o Presidente português em Buenos Aires.

Raul Alfonsín, que tem vindo a promover a nova imagem da Argentina democrática, debateu com Soares a situação internacional, particularmente na América Latina tendo este, a propósito manifestado a convicção de que é possível alcançar uma solução pacífica para os conflitos regionais. Os dois dirigentes consideraram «excelentes» as relações entre os dois países, tendo Alfonsín manifestado abertura à emigração portuguesa para o seu país, ao afirmar numa conferência de Imprensa que o único problema que enfrentam os portugueses a viverem na Argentina é «não serem mais». «Esperamos, de braços abertos, pelos emigrantes portugueses», declarou Alfonsín.

Dívida externa: um problema argentino

A questão da dívida externa da América Latina — um dos problemas que mais afecta o governo argentino — foi abordada ontem na conferência de Imprensa conjunta dos dois presidentes. Soares diria, sobre o assunto, que Portugal era favorável a uma maior compreensão dos países ricos do «Norte» para com os países endividados do «Sul», na abordagem da dívida das nações em vias de desenvolvimento.

Ontem, Alfonsín foi obsequiado com um jantar no Palácio de Belém para o qual foram convidados o presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, o Primeiro-Ministro Cavaco Silva, os três últimos presidentes da República Portuguesa, Ramalho Eanes Costa Gomes e Spínola, o Cardeal Patriarca de Lisboa e outras individualidades.

Antes deste jantar, durante a tarde, na conferência de Imprensa, que deu com Mário Soares, Raul Alfonsín considerou «um êxito» a viagem que realizou a vários países do mundo, e que incluiu esta pequena visita particular a Portugal. A viagem de Alfonsín teve em vista, segundo as suas próprias palavras, «uma nova inserção da Argentina no mundo, inserção que tem vindo a ser prejudicada por razões geográficas, mas também políticas».

Em resposta a questões relacionadas com a economia argentina Alfonsín falou dos esforços que têm sido feitos para ultrapassar uma situação que classificou de hiperinflação. «Estamos no bom caminho mas precisávamos também da ajuda de um Maradona da Economia», disse de forma irónica o presidente que quis também homenagear «os portugueses que com o seu trabalho e inteligência enriqueceram a Argentina».

Mário Soares, que se referiu a Alfonsín, como o «grande restaurador da democracia argentina», agradeceu o acolhimento dado por este país aos emigrantes portugueses. «Falamos dos emigrantes mas não há problemas», disse Soares, ao que Alfonsín retorquiu: «Há problemas, mas são poucos».

O Presidente português, que recordou ter sido Portugal o primeiro país a reconhecer a independência da Argentina, disse que «o auxílio aos países do Terceiro Mundo e latino americanos tem de ter em conta que eles não podem ser assistidos pelas dívidas externas».

Parlamento

Não às alterações à Reforma Agrária Sim à Segurança Interna

A proposta do Governo que prevê alterações à Reforma Agrária não vai passar — por oposição do PS, PRD, PCP e MDP — apesar da sua discussão ser admitida a plenário, ao contrário do que sucede com o diploma sobre a Segurança Interna que, tudo indica deverá merecer a aprovação da maioria dos deputados.

Com efeito, e segundo o «DL» apurou, esta proposta deverá ser aprovada na generalidade pelo Parlamento para depois ser sujeita a profundas alterações na especialidade. Alterações que certamente acabarão por descaracterizar o texto governamental o qual, como o «DL» já referiu, o próprio Executivo se viu obrigado a modificar designadamente no artigo 18 (sobre escutas telefónicas).

De qualquer forma, a Oposição não se mostra satisfeita com este quase que pormenor, apesar de reconhecer positiva a atitude do Governo, e no parecer elaborado pela Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias considera que «subsistem, neste ponto as dúvidas expressas (...) relativas à incoerência sistemática da medida legal proposta».

É a segunda vez que uma proposta de Lei de Segurança Interna vai ser discutida no Parlamento. A primeira, foi no Governo do bloco central (PS/PSD) cujo texto, que o renovador José Carlos Vasconcelos qualificou de «pequeno monstro», viria a ser aprovado na generalidade com os votos daqueles dois partidos aos quais se juntou o CDS.

Daí se infira que o actual diploma vai passar: é que o PS nunca poderá opor-se a um texto que todos são unânimes em considerar melhor do que aquele outro que votou favoravelmente. Isto mesmo dizia ontem ao «DL» um deputado socialista.

Resta pois aguardar a discussão que hoje se vai processar na generalidade após a votação que, às 12 horas, derrotou as impugnações do MDP e do PCP que, sob a alegação de inconstitucionalidades várias, pretendiam não ver admitida a proposta governamental.

Processo penal

Como atrás dissemos esta lei irá passar na generalidade, mas condicionada a profundas alterações na especialidade... o mesmo que aconteceu, afinal, à autorização legislativa do governo em matéria de processo penal. A proposta passou, com os votos contra do PCP e MDP mas será passada «a pente fino na especialidade» sobretudo no que diz respeito às escutas telefónicas e às domiciliárias, assunto que dominam também as preocupações dos que põem grandes reservas à proposta de Lei de Segurança Interna.

Quanto as propostas de Lei 77/77, a que aprovou as bases gerais da Reforma Agrária sendo certo que, também aqui, a Câmara não dê provimento à impugnação do PP, é pé seguro que a proposta governamental não passa e aquando da discussão da generalidade.

O PRD, ao contrário do que é costume, anunciou ontem pela voz de José Carlos de Vasconcelos a sua intenção de votar contra. «Frontal discordância», quanto ao texto do diploma eis como reunem os renovadores a sua posição. Mas vão mais longe: «A Reforma Agrária teve e tem naturalmente, a nosso ver, muitos aspectos positivos e vá-

rios aspectos negativos, que estamos dispostos a apreciar e rever sem dogmas nem preconceitos. Mas a Reforma Agrária expõe, na sua essência e no seu spropósitos mais louváveis uma ideia justa e generosa da luta contra a exploração e contra privilégios ancestrais na zona do latifúndio em que a terra e a riqueza eram de muito poucos, e suor e a carência, se não a fome, eram de quase todos. É esta ideia, justa e generosa, que em nosso juízo a proposta de lei 29/IV do Governo põe ou pode pôr em perigo. O PRD não o admite e por isso votará contra ela».

Igual posição tem o Partido Socialista, que rejeita liminarmente a proposta do Governo de Cavaco Silva.

Segundo o «DL», ontem apurou, deverá, entretanto, ser retirada a proposta de lei do emparelhamento rural, um diploma que fazia parte do «pacote» agrícola. De acordo com a nossa fonte, o executivo terá cedido aos argumentos da Oposição e da sua própria bancada, que diziam ser impossível a discussão em profundidade de uma proposta nova, extremamente complexa e que, ainda por cima, tinha nem mais nem menos do que 50 artigos.

Ainda ontem começou a ser discutida a proposta sobre o Estatuto Disciplinar da PSP. Eurico de Melo fez a apresnetação do texto legal que deverá ser hoje votado.

O ministro contrariou a desmilitarização daquele corpo policial, argumentando com a deficiente preparação cultural de muitos elementos da PSP para que possam ser retirados de imediato os cerca de 100 oficiais do Exército que prestam serviço na Polícia. Figueiredo Lopes, PSD, defendeu a posição do Governo, enquanto Seica Neves (MDP) criticou o diploma por afectar os direitos de reunião e associação.

Saltillo na berra

Entretanto, na quinta-feira, Saltillo e a participação portuguesa no Mundial 86 vão estar na berra. É que será apreciado um projecto de resolução que prevê a constituição de uma comissão eventual cujo objectivo é «apreciar os factos ocorridos durante o processo de formação da selecção portuguesa de futebol que concorreu ao último campeonato do Mundo realizado no México, nomeadamente os acontecimentos verificados em Saltillo».

Quem não perde tempo é o deputado (ex-PSD) Rui Oliveira e Costa, que tem já preparado um requerimento com algumas perguntas pertinentes para os amantes das lides futebolísticas.

Está ou não programada a constituição de uma comissão para estudo da «reformulação do desporto profissional, designadamente do futebol?» — quer ele saber do Governo através, do Ministério da Educação. E, em caso afirmativo a esta questão, para quando a sua nomeação e quem dela fará parte? Quando é que são tornadas públicas as contas da deslocação da selecção ao México (isto porque foi o Estado, nós, a subsidiá-la)?

Aquele deputado justifica previamente o porquê do seu interesse: «não se pode pactuar com a contínua (...) falta de organização e planificação» que se vive no futebol português; com a «fuga às responsabilidades»; «com a escassez de informação» e porque a selecção nacional, quando actua, é sempre «a equipa de todos nós», não se pode aceitar que, «sem explicações públicas, claras, concretas e objectivas» a selecção passe a ser «a equipa de alguns de nós com a equipa da direcção portuguesa de futebol».

PSD queria um civil para ministro da República

Rocha Vieira nos Açores: um militar à paisana...

O brigadeiro Rocha Vieira disse ontem em Ponta Delgada não considerar a sua função de ministro da República como se de uma missão militar se tratasse. Rocha Vieira falava à sua chegada aos Açores, onde vai iniciar as suas funções de ministro da República para a Região Autónoma.

«Julgo ser para todos claro que não entendo a minha função de ministro da República no contexto de uma missão militar, ou mesmo para a qual possa ser essencial a minha condição de militar», disse. «Estou confiante que a evolução dos acontecimentos acabará por reduzir à sua verdadeira dimensão as questões circunstanciais para que se possa realizar plenamente as atribuições do ministro da República», sublinhou.

Rocha Vieira acrescentou que o seu «empenhamento na afirmação autonómica e na concretização dessa política nacional, democraticamente

legitimada sem margem para quaisquer dúvidas, não têm raízes de circunstância e muito menos corresponde a uma adesão recente». Ela resulta da minha convicção profunda de que a política autonómica consubstancia uma forte condição de afirmação regional e o reforço da solidariedade nacional e da identidade do Estado», disse.

Salientou ainda que «sendo a política autonómica uma política nacional, o cargo de ministro da República é político exigindo um elevado sentido de equilíbrio global adaptado às concretas e específicas condições regionais e nacionais».

Rocha Vieira definiu ainda o seu principal objectivo enquanto ministro da República: manter uma relação aberta, sem problemas nem atritos modo a garantir a defesa interesses da região no quadro das condições políticas nacionais. «Tenho uma preocupação essencial a orientar a minha acção: garantir relações estáveis e fomentadoras de diálogo», disse para acrescentar que «essa é uma exigência da democracia a que todos os órgãos democráticos estão necessariamente obrigados mas é também uma necessidade para que o projecto autonómico se desenvolva em todas as suas potencialidades».

«É neste quadro que defino como marcos essenciais a permanente colaboração institucional — que nunca será por mim posta em dúvida — e o total empenhamento na política

nacional de autonomia regional», afirmou.

Rocha Vieira aguardado por Mota Amaral

O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, encontrava-se no aeroporto a aguardar a chegada de Rocha Vieira a quem apresentou cumprimentos de boas-vindas e ainda pelo presidente da Assembleia Regional e por outras autoridades civis e militares.

Entretanto, o comandante Brito Abreu será o chefe do gabinete do novo ministro da República. Recorde-se que aquele oficial da Armada desempenhou já funções militares na Região Autónoma, nomeadamente no comando-chefe das Forças Armadas no arquipélago e no comando naval.

Navios estrangeiros "dominam" movimento do porto de Lisboa

Mais de 80 por cento dos navios que entraram em 1985 no Porto de Lisboa eram estrangeiros, num total de 3377 barcos. São números do boletim da Administração-Geral do Porto de Lisboa (AGPL), o qual acrescenta que entraram em 1985, no Porto de Lisboa, 4058 navios, dos quais 681 nacionais (16,8 por cento) 3377 estrangeiros (83,2 por cento).

Relativamente a 1984, verificou-se uma diminuição de 62 navios (- 1,5 por cento) devido à quebra registada na entrada de navios nacionais (- 104).

A carga marítima manifestada atingiu o valor de 11 752 383 toneladas, das quais 2 322 814 toneladas em mercadorias carregadas, 9 216 573 toneladas em mercadorias descarregadas, 26 491 toneladas em trânsito e 186 577 toneladas para a baldeação.

Também se registou uma quebra na carga marítima, relativamente ao ano anterior, em 445 842 toneladas (menos 3,7 por cento).

Para este resultado contribuíram «principalmente as diminuições registadas nas mercadorias descarregadas (- 505 565 toneladas), apesar do acentuado aumento de mercadorias carregadas (+ 171 623 toneladas).

O número total de passageiros de navegação marítima registado o ano passado foi de 64 194, o que representa um acréscimo de 19,2 por cento em relação a 1984.

Este acréscimo resultou dos aumentos verificados em trânsito (+ 9060) e nos passageiros embarcados e desembarcados (+ 1263).

Quanto aos passageiros de navegação fluvial, atingiram em 1985 o número de 62 312 903, o que representa um aumento de 16,1 por cento relativamente a 1984.

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL MEDALHA DE HONRA REGULAMENTO DO CONCURSO

A Câmara Municipal do Seixal, com a finalidade de galardão individualidades ou entidades colectivas públicas ou privadas cuja acção cívica se tenha salientado por relevantes serviços prestados ao desenvolvimento, conhecimento e divulgação dos valores materiais e espirituais do município, vai editar a MEDALHA DE HONRA DO MUNICÍPIO DO SEIXAL, a qual será seleccionada em concurso cujo REGULAMENTO a seguir se publica:

1. Os concorrentes, individuais ou colectivos, devem ser de nacionalidade portuguesa.
2. O formato da medalha é circunferencial, quadrado ou rectangular.
3. Os Trabalhos deverão ser realizados em maquete de gesso com um diâmetro ou largura/comprimentos mínimos de 20cm.
4. A maquete deverá ser acompanhada de uma folha de formato A4 com os desenhos (na horizontal) da face e do verso da medalha.
5. Os únicos elementos obrigatórios são os seguintes:
verbais: MUNICÍPIO DO SEIXAL; MEDALHA DE HONRA (na face)
CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL (no verso)
Figurativos: o brasão da vila do Seixal (no verso)
Os outros elementos são de livre iniciativa do concorrente, dando o júri especial atenção às composições com referências locais.
6. A identificação do concorrente processar-se-á do seguinte modo:
1 — colocação de uma etiqueta com o pseudónimo na face da maquete;
2 — inscrição do pseudónimo na folha A4, no canto superior direito;
3 — apresentação de um sobrescrito com a inscrição do pseudónimo no exterior e a do nome, morada e telefone no interior.
7. Os trabalhos deverão ser entregues nos Serviços Culturais (Animação Cultural) da Câmara Municipal do Seixal até 22 de Agosto de 1986.
8. O júri será constituído por: o Presidente da Câmara (que presidirá), o Presidente da Assembleia Municipal, um artista plástico, um crítico e estudioso de artes plásticas, e um técnico dos Serviços Culturais.
9. Os valores dos prémios são os seguintes: 1.º 80 000\$00; 2.º 35 000\$00; 3.º 20 000\$00.
10. A atribuição do 1.º prémio ao concorrente vencedor corresponde ao pagamento dos direitos e às várias aplicações da obra nas edições consideradas necessárias.
11. Os trabalhos não premiados deverão ser levantados até 31 de Dezembro de 1986, não se responsabilizando a Câmara pela devolução dos mesmos.
12. Considera-se que os concorrentes aceitam este Regulamento a partir do momento em que entregam os trabalhos.
13. Todos os casos não previstos serão resolvidos pelo júri ou pela entidade organizadora.

Aprovado na Sessão de Câmara de 5 de Junho de 1986



Revelado por Nuno Abecasis

Gulbenkian deu mais 250 mil contos para Bairro das Furnas

A Fundação Calouste Gulbenkian entregou à Câmara Municipal de Lisboa o terceiro subsídio no montante de 250 mil contos destinado a financiar a construção de mais 130 fogos no bairro das Furnas, revelou ontem Nuno Abecasis. O anúncio foi feito durante uma reunião do executivo camarário, na qual foi ainda decidido que a Câmara passe a admitir a aplicação de contratos de promessa de compra e venda aos fogos municipais.

A Câmara Municipal de Lisboa recebeu da Fundação Calouste Gulbenkian a terceira tranche, no valor de 250 mil contos, de um subsídio destinado a financiar a construção de mais 130 fogos no bairro das Furnas. De acordo com o presidente da edilidade, que anunciou aos vereadores a entrega do subsídio, 60 desses fogos destinam-se a operações de realojamento local, ficando concluída a recuperação daquele bairro, sendo as restantes 70 destinadas ao realojamento das famílias do núcleo degradado da Quinta dos Milagres, situado nas traseiras de Sete Rios.

Segundo Nuno Abecasis, para a quarta fase deste programa prevê-se a construção de fogos para as famílias residentes no bairro do Alto dos Moínhos.

Por proposta do presidente, a Câmara decidiu admitir a aplicação de contratos de promessa de compra e venda

de fogos municipais com imediata transmissão da propriedade, e que os coeficientes a adoptar na fórmula de cálculo dos preços de venda se referissem ao ano imedia-

tamente anterior ao da data da escritura.

De acordo com a Câmara de Lisboa, estas disposições permitirão a rápida satisfação dos milhares de pedidos ainda por atender, e a eliminação de situações de injustiça relativa que se vinham a verificar.

Delegações vão ter seguro de vida

Por maioria, a Câmara deliberou delegar em cada um dos vereadores com responsabilidades sectoriais a competência para a aplicação de coimas em consequência da

violação de normas que se inisiram nos sectores de intervenção a que respeitam as competências delegadas.

A edilidade aprovou, ainda, pequenas correcções ao regulamento de taxas, licenças e outras receitas do parque de campismo de Monsanto, relativamente aos descontos a praticar nas taxas de utilização diária para os utentes de nacionalidade portuguesa ou estrangeira residentes em Portugal e aos portadores do «cartão jovem».

Para o primeiro caso, os descontos foram fixados em 60 por cento sobre as taxas diárias, e para o segundo, nas épocas baixa e média foi decidido um desconto suplementar de 50 por cento. Recordando-se, a este propósito, que na última reunião pública do executivo, a Câmara Municipal de Lisboa decidiu aderir aos descontos propiciados pelo «cartão jovem».

Por fim, e por unanimidade, foi deliberado que o Município assegure os encargos de um seguro de vida individual, no valor de 10 mil contos, a atribuir aos participantes de delegações do Município ao estrangeiro, válido pelo período de duração da deslocação. O montante anterior era de 2 mil contos e tinha sido fixado em 1977.

Inquérito à gestão dos cemitérios Polícia Municipal só recebeu duas queixas

Apenas duas pessoas se queixaram ao comandante da Polícia Municipal, entidade nomeada pela Câmara de Lisboa para presidir ao inquérito, sobre irregularidades na gestão dos cemitérios. As reclamações, de cidadãos comuns, serão analisadas amanhã, mas, de acordo com um dos responsáveis que trabalha no inquérito, «as investigações constituem um trabalho prolongado».

Segundo disse a mesma fonte à agência NP, nesta fase «vão ser passados a pente fino» cerca de 40 processos de obras feitas nos cemitérios, referentes aos últimos cinco anos. O processo deverá esclarecer a «existência de procedimentos irregulares e culposos na gestão de cada um dos cemitérios de Lisboa, relações entre as agências funerárias, a administração e pessoal dos cemitérios».

Recorda-se que a decisão da sindicância foi tomada pelo Município na sequência de notícias surgidas em Maio último sobre «negócios estranhos com mármore das campas, gratificações extra pedidas pelos funcionários dos cemitérios e irregularidades nas medições».

Mais cinco declarantes passaram por Monsanto

Métodos da polícia não são para revelar...

Um agente da PJ, dois elementos da GNR, um bancário e uma farmacêutica a quem foi roubada uma viatura que participou depois num assalto, foram ontem ouvidos na 155.ª sessão do julgamento do chamado «caso FUP/FP-25», a decorrer no Tribunal de Monsanto.

O agente da PJ, Rui Azevedo de seu nome, foi interrogado pelos advogados de defesa sobre os critérios que levam a Polícia a que pertence a colocar pessoas sob vigilância.

Rui Azevedo, o último dos declarantes de ontem, afirmou, quando instado pela defesa a indicar os motivos que o levaram a exercer vigilância sobre quatro dos réus deste processo, que «não podia revelar os métodos da Polícia».

Os réus em questão — José Jacob, Moutinho Teixeira, Guedes Monteiro e José Rola — «estavam conotados com assaltos a bancos», disse o agente, que não esclareceu contudo os advogados de defesa sobre a data deste quando eles se encontravam referenciados na Polícia, nem quais os actos concretos de que eram suspeitos.

O declarante afirmou que seguiu na rua esses réus «por iniciativa própria», tendo-os reconhecido porque «havia fotografias deles na Polícia».

Sobre tais réus «existi a ficha, mas não no ARI (Arquivo Central de Registo de Identificação)», disse Rui de Azevedo.

Os advogados de defesa quiseram saber então que fichas a Polícia organiza sobre as pessoas, e a isto o agente da PJ deu um esclarecimento um pouco mais pomenorizado que o anterior: a PJ organiza fichas por sectores, ou seja, cada sector encarregado de uma área específica de investigação tem as suas próprias fichas.

O declarante revelou ainda que «quando foi para o sector a que pertence (investigação de assaltos a bancos) determinadas pessoas foram-lhe indicadas como suspeitas de assaltarem bancos e de terem ligações prováveis às FP-25».

A GNR esteve representada em Monsanto por dois elementos: um capitão, de Loures, chamado Armindo Marques, e um sargento, comandante do posto de Alcácer do Sal, com o curioso nome de José Teles.

O capitão foi a tribunal porque acorreu, com os seus homens, ao local onde Canha e Sá, administrador da Gelmar, foi assassinado em 29 de Maio de 84.

As cápsulas apreendidas no local do atentado — «umas cápsulas especiais, sem o habitual revestimento metálico», segundo disse o capitão — eram semelhantes às utilizadas nos assaltos à Rodoviária no Laranjeiro e à Renault em Setúbal, de acordo com a opinião do procurador Teodósio Jacinto.

Quatro feridos no Rossio em despiste de autocarro

Quatro passageiros ficaram feridos, sem gravidade, em consequência do despiste de um autocarro da Carris, na Rua do Ouro, em Lisboa ocorrido cerca das 15 horas de ontem. Albino Moreira, motorista do veículo, que seguia do Rossio para o Terreiro do Paço, disse que o acidente foi provocado por um bloqueamento da direcção. O autocarro galgou o passeio indo embater na frontaria do prédio n.º 277, onde está instalada a Camisaria Paris / Londres.

GNR deteve em Julho 27 traficantes de droga

A Guarda Nacional Republicana deteve, durante o passado mês de Junho, 27 indivíduos por posse de droga, tendo sido seis em Oeiras, cinco em Sintra, três em Loures, seis no Algarve, três em Paredes, um em Idanha-a-Nova, dois no Seixal e um em Penafiel. Em Algezur, a GNR descobriu 207 pés de liamba, distribuídos por duas plantações, e nos arredores de Leiria detectou 100 pés da mesma droga, detendo o seu proprietário, João Capelo, de 24 anos.

Queimado o automóvel do cônsul de Portugal

O automóvel do cônsul-geral de Portugal em San Sebastian, Alfredo Lopes Pires, foi incendiado no domingo à noite por manifestantes que protestavam pela entrega pela Polícia francesa às autoridades espanholas do presumível membro da ETA-Militar, José Varona Lopez. O automóvel ainda tinha matrícula francesa.

TÍTULOS DE PARTICIPAÇÃO

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Emissão de 5000 000 000\$00
Títulos de valor nominal de 1000\$00

SUBSCRIÇÃO

Pública, não sujeita a rateio, ao valor nominal de 1 000\$00

TÍTULOS

Ao portador, de 5, 10, 20, 50 e em Certificados

RENDIMENTO

Os Títulos de Participação proporcionam um juro anual composto de duas partes:

- a parte fixa será calculada aplicando a 70% do valor nominal do título uma taxa de juro igual à taxa de referência das Obrigações, em vigor no início de cada período de contagem de juros;
- a parte variável, que incidirá sobre 30% do valor nominal do título, corresponderá ao produto do índice de crescimento anual dos resultados globais do Banco com a taxa dos Depósitos a Prazo a mais de 180 dias até um ano, vigente no início de cada período de contagem de juros.

TAXA DE REMUNERAÇÃO

A taxa anual líquida estimada para o 1.º cupão é de 17,0%

PAGAMENTO DA REMUNERAÇÃO

Anualmente a partir de 14 de Julho, ocorrendo o pagamento do 1.º cupão em 1987

REEMBOLSO

Ao longo de 10 anos, por iniciativa do Banco ou do Participante mediante acordo do Banco

COTAÇÃO

Serão admitidos à cotação nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto

VANTAGENS FISCAIS

Isenção de Imposto Complementar, Imposto de Capitais e do Imposto de Sucessões e Doações

PERÍODO DE SUBSCRIÇÃO

Subscrição pública, no período de 14 de Julho a 8 de Agosto de 1986, em qualquer Balcão do B.P.S.M.

Os cinco primeiros dias destinam-se exclusivamente à subscrição de montantes não superiores a 500 contos.

Uma boa opção para as suas poupanças



BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
Factor de Progresso

Era professor em Mira e dizia-se militante trotsquista

Quando o juiz Almeida Cruz foi alvo dum "atentado bombista"

Manuel Geraldo

Numa altura em que a filiação (origem) partidária das duas vítimas da explosão na Avenida dos Estados Unidos da América, em Lisboa, ainda não parece ser um dado «pacífico» para os investigadores da Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB) da Polícia Judiciária, possuímos em nosso poder uma informação que, ao ser divulgada, não poderá deixar de provocar alguma celeuma na opinião pública, e mais particularmente junto das pessoas mais familiarizadas com o processo das «FP-25»: num dos dias que antecederam o 25 de novembro de 1975, Martinho de Almeida Cruz, o controverso magistrado que, na qualidade de titular do 4.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa (4.º JIC), é considerado, sem margem para dúvidas, como o principal responsável pela detenção dos réus (Otelo, inclusive), ora em julgamento no Tribunal de Monsanto, foi noticiado como tendo sido alvo de um atentado à bomba em Mira, em cuja Escola Preparatória desempenhava as funções de professor eventual de História e de Português.

A existência de tal facto chegou ao nosso conhecimento através de um recorte de «O SECULO», onde entre textos de alerta sobre «o golpe militar de direita» em preparação, passava quase despercebida uma «correspondência» de Coimbra, que, sob o título «Explosão no automóvel dum militante da LCI», noticiava assim: «Um petardo de fraca potência explodiu junto ao automóvel de um conhecido militante da Liga Comunista Internacionalista (LCI), Martinho de Almeida Cruz, professor da Escola Preparatória de Mira.

«A explosão deu-se ao princípio da madrugada de ontem, ouvindo-se um grande estrondo, que alarmou os moradores da zona baixa da Rua Nicolau Chanterenne e imediações.

«Um ou mais indivíduos poderão estar na origem deste atentado terrorista, pois tudo leva a crer que o incidente esteja relacionado com outros actos violentos e intimidatórios que se registaram próximo de Mira. Dois indivíduos dispararam alguns tiros de rajada, largando depois panfletos em que ameaçavam os comunistas.

«Aquele professor já tinha recebido vários avisos telefónicos no estilo «qualquer dia marchas».

Colocados perante esta autêntica «bomba» jornalística, desde logo nos surgiu um ponto que necessitava aclarar. Seria este Martinho de Almeida Cruz, professor, o mesmo que anos decorridos se haveria de transformar no «famoso» Martinho de Almeida Cruz, juiz-instrutor de processos tão polémicos como os das «FP-25» e da «Dona Branca», com passagem esporádica pelo processo dos «Caso Dopa», de que é principal implicado o ainda em fuga Queiroz de Andrade?

Contactámos assim com docentes à data na Escola Preparatória de Mira que nos vieram a confirmar serem Martinho de Almeida Cruz, professor, e Martinho de Almeida Cruz, magistrado, uma e a mesma pessoa.

Havia a partir daqui que confirmar se a alegada opção trotsquista do visado seria apenas uma questão de apreço de simpatia, ou de «boca ideológica», ou se pelo contrário se tratava de militância partidária legalmente assumida, e participada. Nesse sentido abordámos Francisco Louçã, que foi um dos principais dirigentes da LCI, o qual nos garantiu não existir, nem nos arquivos «históricos» da extinta organização nem na sua memória, a referência a qualquer Martinho de Almeida Cruz, enquanto militante. Ainda nos contactos estabelecidos em Mira foi-nos dito que, dado o espírito extrovertido de Martinho de Almeida Cruz, com um certo «pendor para o exibicionismo», o atentado bombista ocorrido nunca foi «levado muito a sério». Admitindo mesmo outros que, face ao itinerário posterior de Martinho de Almeida Cruz, não poderá ser de todo afastada a hipótese de se estar perante uma «manobra de diversão» das forças que já se opunham ao processo revolucionário em curso, e de que Martinho de Almeida Cruz seria já então uma peça activa, e consciente.



O juiz Martinho de Almeida Cruz



O recorte de «O SÉCULO» onde era noticiado o atentado. Estava-se em 23 de Novembro de 1975

Não será talvez de esquecer que, em entrevista concedida à nossa camarada de Redacção Lourdes Féria, publicada no «DL» de 4 de Outubro de 1984, Martinho de Almeida Cruz afirmou «nunca ter sido militante de nada». E ao ser questionado por Lourdes Féria sobre se um tal posicionamento já era o mesmo em 1969, quando aluno da Faculdade de Direito de Coimbra, responderia sem hesitar: «Assim aconteceu, pois já nessa altura achava que o militância servia apenas para esconder os problemas pessoais não resolvidos».

Mais tarde, numa entrevista que nos concedeu, publicada em 11 de Setembro de 1985, Martinho de Almeida Cruz revelou que iria abandonar em breve a instrução do processo das «FP-25» e que, por razões de segurança e até de apetência por uma outra área do Direito, talvez viesse a ser colocado como juiz-auditor no Tribunal Militar de Santa Clara ou num colectivo castrense na cidade do Porto. Martinho de Almeida Cruz acabaria afinal por abandonar de facto o 4.º JIC, mas para ser nomeado consultor jurídico da representação permanente portuguesa junto da Comunidade Europeia em Bruxelas. Isto apesar de ser um especialista na área do Processo Penal e não,

como seria cívico, na do Direito Comunitário.

No entanto um pormenor há a reter: com o abandono de Martinho de Almeida Cruz, a actualização policial no processo das «FP-25» parece ter vindo a ressentir-se, ao que consta, sobretudo ao nível da defesa dos arguidos presentes em Monsanto, devido a «uma menor permeabilidade» por parte dos magistrados destacados nos JIC's, para o atropelo por parte da DCCB de normas jurídicas e constitucionais.

E isto porque, ainda de acordo com as mesmas fontes, Martinho de Almeida Cruz, «à maneira do antigamente», não olhava a meios para atingir os seus fins, tendo-nos sido referido como explosos a exumação nocturna, à procura de armas, da sepultura do pai de Ângelo Benevides, um dos réus no caso das «FP-25», no cemitério de S. Cosme, em Gondomar, à revelia das autoridades locais, e as suas surtidas às celas dos detidos, em busca de «documentos comprometedores» e para «aliciar arguidos», como o atesta a existência de Macedo Correia e de outros «arrependidos».

Essa menor «permeabilidade» por parte dos juizes instrutores para uma certa impunidade policial, terá tido como exemplo mais recente o que aconteceu aquando da captura de Joaquim Dias Lourenço (um dos réus do caso das «FP-25» fugido da Penitenciária) e as buscas que se seguiram às residências de alguns «suspeitos», sobretudo na zona das Mercês, onde os elementos da DCCB se apresentaram munidos de mandatos cuja legalidade continua a ser posta em causa, dado que não possuíam data e a assinatura do juiz-instrutor e o n.º do JIC eram praticamente ilegíveis, como tivemos oportunidade de constatar por um dos documentos a que tivemos acesso.

O exemplo de Durão Barroso

Mas voltando à «bomba» de Mira, e mesmo que se viesse a confirmar a antiga militância trotsquista de Martinho de Almeida Cruz, não estaríamos ainda assim perante uma transfiguração (mutação) ideológica inédita na chamada extrema-esquerda, onde já são inúmeros os casos de destacados militantes desta área que vieram a transformar-se (resta saber se já não o eram) em peças fundamentais na prossecução de uma política de direita em Portugal.

Para tanto bastará referir, pela sua actualidade no momento em que está em debate a Lei de Segurança Interna de que é um dos proponentes (há mesmo quem diga que é o próprio autor do projecto), o caso de Durão Barroso, actual n.º 2 do Ministério da Administração Interna (MAI) de Eurico de Melo, que, no pós-25 de Abril, se assumiu como chefe-de-fila das hostes do MRPP na Faculdade de Direito de Lisboa.

O exemplo de Durão Barroso, cujo perfil já fora anteriormente traçado pelo «Expresso», voltou ser objecto de um artigo publicado por Fernanda Mestrinho, na edição do «Jornal» de 20 de Junho deste ano, sob o título «Durão Barroso já no MRPP velava pela segurança».

Depois de traçar o itinerário de Durão Barroso, até ser chamado por Cavaco Silva para o Governo, desde bolseiro em Genebra e em Washington, Fernanda Mestrinho concluiu assim o seu artigo: Seria Durão Barroso um dos membros do Governo que defenderia, no Parlamento, a Lei de Segurança Interna. Dez anos separaram duas lutas: a do MRPP, contra a autoridade do Estado (os «eme-éres» afirmavam que havia escutas, que o COPCON perseguia e prendia indiscriminadamente, sem mandatos) para agora surgir em favor da autoridade do Estado, permitindo as escutas telefónicas (suavizadas com regras-argumenta), etc, Durão Barroso representa a nova geração do PPD/PSD, e é um nome que será ouvido nos próximos anos em Portugal. Uma carreira política a não perder de vista.

Já depois de sair este artigo de Fernanda Mestrinho, e ainda na linha que temos vindo a divulgar, Durão Barroso nomeou para seu assessor, requisitando-o aos quadros da RTP, Nuno Cintra Torres, ex-activista da AOC. Significativo, sem dúvida!...

Mário Castrim



A cabava o turista de pôr o pé em terra quando o senhor bem vestido se aproximou e lhe disse:

— elcome!
Abriu a boca.
— Bienvenu!
Abriu os olhos.
— Bienvenido!
Abriu o casaco.

O homem teve um ar de desalento:

— Bem-vindo...
Delicadamente, o turista agradeceu. Torna ele:

— Vem a férias?
— De facto.
— Já escolheu algum hotel?
— Mais ou menos.
— Posso saber qual?
— A Pensão Pardal.
— Não diga!

— Digo, digo! Tem cá uma caldeirada de enguias que não lhe conto nada.

— Tem uma alternativa.

— Qual é?

— O Hotel Real. Um hotel cinco estrelas extra super luxo. Olhou em volta com medo de que alguém o tivesse ouvido:

— Sou um homem sério, veja lá o que diz. vivo do meu trabalho.

— Claro, claro. Não se preocupe. Fazemos-lhe aqui o preço de um hotel de quatro estrelas.

— Mas eu também não iria...

— Pronto, pronto: a Pensão Pardal. Fazemos o mesmo preço. Deixe essa espelunca!

— E a minha caldeirada de enguias?

— Damos-lhe caviar. Serve?

— Faz algum sentido tudo isso e andar na camioneta de carreira?

— Tem um «rentacar» de graça.

— Mas eu não sei guiar...

— Chofer é por nossa conta.

— E gasolina?

— Por nossa conta.

— Mas vim sozinho, sem a mulher...

— Também se arranja. Tem alguma graça os nossos hóspedes dormirem sós...

O turista arregalou os olhos:

— Sério?

— Sério!

— Loura?

— Se o desejar...

— Loura mesmo, sem anilinas?

— Claro!

O turista sorriu para longe, como se recebesse sinal de algum mistério. Mas logo se recompôs, passou a língua pelos lábios:

— Pois sim, pois sim, mas a mim, quem me tira a caldeiradilha de enguias, tira-me tudo!

E rumou para a Pensão Pardal.

Região Centro sem fogo

Apesar dos esforços dos bombeiros, continua a lavrar com intensidade o fogo em Arouca, que tem sido combatido por mais de uma dezena de corporações. No entanto, a calma voltou à região Centro do País, mártir do fogo durante as últimas semanas, enquanto que os meios aéreos afectos àquela área têm estado a trabalhar na zona Norte.

«Neste momento, a situação na Região Centro do País é de absoluta calma, pois o último fogo, o que lavrava em Góis, foi decarado extinto durante a noite de ontem», declarou ao fim da manhã de hoje ao «DL» o inspetor regional de bombeiros do Centro.

O major Ribeiro de Almeida adiantou, ainda, que se mantêm as equipas de vigilância e de prevenção para qualquer eventualidade, precisando que os meios aéreos afectos aquela área foram deslocados para a região Norte, onde ajudam ao combate a outros sinistros.

Entre os fogos que continuam a lavrar com intensidade, destaca para o que, desde domingo, tem destruído uma considerável área do concelho de Arouca. «A frente tem

10 quilómetros, e, por não ter contacto com os meus homens, não sei ainda o que se está a passar», declarou esta manhã ao «DL» o comandante dos Bombeiros Voluntários de Arouca.

A mesma fonte adiantou que, apesar dos diversos pedidos, os meios aéreos não têm podido actuar, alegando condições adversas, nomeadamente a existência de muito fumo que impossibilita a visão do terreno para que os lançamentos da calda retardante possam ser efectuados. Em terra, mais de uma dezena de corporações procede ao combate ao incêndio, não evitando, contudo, que a progressão das chamas ponha em perigo as povoações de

Janarde, Vilar de Servos, Fonte de Tinta e Cortezaca.

Vários incêndios extintos

Entretanto, em vários pontos do País, os bombeiros conseguiram extinguir diversos incêndios. Na Guarda, um sinistro que lavrava em Fornos de Algodres foi declarado extinto às 4 horas de hoje, o mesmo acontecendo ao incêndio da Serra do Furdouro que, depois de ter sido considerado extinto ao meio dia de ontem, se reacendeu obrigando os bombeiros a mais doze horas de luta contra as chamas.

No distrito de Castelo Branco, o incêndio de grandes proporções que durante o dia de ontem afectava Alameda, onde chegou a ameaçar a povoação de Tripeiro, foi extinto durante a tarde de ontem, o mesmo sucedendo a outro fogo que, na Sertã, devastou uma grande área florestal da Cumeada.

O primeiro destes sinistros tinha deflagrado anteriormente, mas reacendeu-se

várias vezes, propagando-se por um conjunto de pequenas serras com acessos difíceis: Rocha de Baixo, Rocha de Cima, Violeiro e Maril foram alguns dos locais devastados pelas chamas.

Outros dois pequenos fogos registaram-se no distrito de Castelo Branco, um dos quais em Vila de Rei, concelho que, devido à vaga de fogos e, de acordo com os bombeiros locais, ardeu em 80 por cento.

A sul do distrito de Castelo Branco, na área do Comando Operacional da Sertã, eclodiram ontem à tarde, entre as 14 e 13 e 18 e 7, em locais distantes em vários quilómetros, oito focos de incêndio. Dois dos sinistros chegaram a atingir dimensões preocupantes, mas os «soldados da Paz» conseguiram extinguir as chamas no Casal da Madalena, às 20 horas de ontem, e esta manhã procediam às operações de rescaldo e vigilância no lugar de Terizão. «Entre o Casal da Madalena, sobre a albufeira do Rio

Zêzere e Vale de Porco, a norte da Sertã, distam 25 quilómetros, e os focos de flagram quase simultaneamente nos dois locais, o que dá fortes indícios de fogo posto», revelou à agência NP um informador do comando da Sertã.

Povoação evacuada a pé...

Mais de 300 habitantes da povoação de Pádua Freixe, no concelho de Mirandela, abandonaram a pé as suas casas ameaçadas por um incêndio de grandes proporções, dominado às quatro horas da madrugada de hoje.

Centenas de bombeiros conseguiram proteger a povoação, criando uma barreira com auto-tanques, operação que levou os bombeiros de Mirandela a perderem cerca de 300 metros de mangueira quando as chamas se aproximaram das habitações.

Este, foi um dos sete fogos que os bombeiros transmontanos tiveram ontem que dominar, transformando o quartel, na expressão de um dos responsáveis da cor-

poração, num «verdadeiro pandemónio».

Esta manhã, os «soldados da Paz» procuravam recuperar do esforço desenvolvido, mas era com preocupação, como adiantou um informador da corporação ao «DL» que viam «muito fumo espalhado na região, não se sabendo se é no nosso concelho ou se é, ainda, o resultado do fogo de ontem».

Incêndios: opiniões diferentes

Enquanto que, em Lisboa, o ministro da Administração Interna declarava ontem, num intervalo da reunião mantida com os 18 Governadores Civis, que «a verdadeira origem dos incêndios» está no mato muito seco e crescido, e o que é necessário é fazer a limpeza das florestas portuguesas, um representante da Associação de Defesa dos Agricultores do Distrito de Braga sublinhava, em conferência de Imprensa, que grandes interesses económicos estão na origem dos incêndios florestais.

No espaço de um ano entraram 3 600

Advogados "pouco escrupulosos" na origem da chegada maciça de portugueses ao Canadá

Advogados «Pouco escrupulosos», que angariaram como clientes candidatos à emigração, estão por detrás da chegada maciça de portugueses ao Canadá, registada recentemente, segundo revelou uma fonte próxima do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados citada pela NP. O grupo de advogados, cuja identidade e nacionalidade não foram referidas, propôs aos candidatos a emigrantes a regularização posterior da sua situação no Canadá, através da obtenção do estatuto de refugiado, com base na alegação de perseguição religiosa em Portugal.

Registe-se que a maioria deles alegaram pertencer ao credo religioso das Testemunhas de Jeová e não dispõem da neces-

sária liberdade de culto em Portugal, pelo que procuravam refúgio naquele país.

A situação, que as autoridades

canadianas consideraram ter atingido proporções alarmantes nas últimas semanas, levou a que o governo de Otava cancelasse temporariamente a autorização especial de entrada de portugueses no Canadá. Um jornal de Toronto, o «Globe And Mail», revelou que só nas últimas três semanas tinham solicitado o estatuto de refugiado 250 portugueses e que no espaço de um ano entraram 3600 no país, invocando situações ao abrigo do referido estatuto.

A lei canadiana prevê que os «dossiers» dos requerentes de Estatuto de Refugiado sejam vistos por uma comissão que, actualmente, leva quatro ou cinco anos para examinar os casos. Durante este período, os requerentes recebem uma autorização provisória de residência e de trabalho. Dado o longo período de tempo utilizado na análise dos seus casos, mesmo quando lhes é negado o Estatuto de Refugiado político ou religioso, acabam por receber autorização para se fixarem no Canadá como emigrantes.

CEE ajuda Hospital de Maputo

Moçambique pede médicos portugueses

A Associação Médica Internacional (AMI) lançou um apelo a médicos portugueses para trabalharem em Moçambique e para contribuírem financeiramente para a concretização de projectos apoiados pela CEE.

Fernando Nobre, presidente daquela organização não governamental (ONG), afirmou «importar-se» a presença de portugueses naquele território, onde actuam cerca de 30 ONG's estrangeiras.

Anunciou também que estão em curso contactos com o Ministério português da Saúde no sentido de serem garantidos salários e regalias aos profissionais da Saúde que desejem associar-se a esta missão.

Segundo Fernando Nobre, ex-membro da Associação congénere francesa «Médicos sem Fronteiras», dos 350 médicos existentes em Moçambique apenas meia dúzia são portugueses, que estão lá por razões familiares.

50 por cento dos médicos de Moçambique estão concentrados no Hospital Central de Maputo, que por sua vez representa cinquenta por cento do capital financeiro e recebe 40 por cento dos medicamentos do país — disse.

Neste hospital — explicou —, onde «não há donde venha tratar-se fora sem passar por ele», não existe equipamento de diálise nem aparelho de ecografia.

A AMI elaborou nove projectos que se destinam espe-

cialmente a dotar o Hospital Central de Maputo, com algum material especializado, e ainda pessoal médico para o Hospital Psiquiátrico e Centros de Saúde nos arredores do Maputo.

Estes projectos, que deverão arrancar dentro de três meses, surgem na sequência de uma investigação sobre a saúde em Moçambique efectuada este mês.

A CEE participa até 80 por cento do investimento necessário, sendo o restante coberto por fundos próprios da AMI e angariados com a realização de galas, exposições e outras iniciativas.

A concretizarem-se estes projectos, para os quais foi solicitado apoio da Fundação Gulbenkian, a AMI será a pri-

meira organização não governamental portuguesa a «estar fisicamente presente em Moçambique».

A capital moçambicana, com um milhão de habitantes, representa 25 por cento da população espalhada pelo território. Esta é apenas assistida por 30 a 40 médicos.

Dificuldades económicas, carências alimentares, receio pela insegurança impedem as populações de se deslocarem aos Centros de Saúde onde, por vezes, existem apenas um médico e pessoal auxiliar.

A AMI, criada em Portugal em 1984, à semelhança da congénere francesa «Médicos sem Fronteiras», vai iniciar no próximo mês uma investigação similar em Cabo Verde e Guiné-Bissau.

"Clandestinos" da Arrábida

Câmara de Setúbal dá 70 dias para demolição de 600 casas

Seiscentos proprietários de casas clandestinas da Arrábida devem proceder à sua demolição dentro de setenta dias, nos termos de um edital ontem divulgado pela Câmara Municipal de Setúbal. O documento foi afixado nas construções clandestinas e nos lugares do estilo, assinado pela Câmara Municipal de Setúbal, Parque Natural da Arrábida e Direcção-Geral de Florestas.

Segundo o edital, «ficam notificados os utentes das casas clandestinas construídas na zona da Serra da Arrábida, nomeadamente em Galapos, Galapinhos, Praia dos Coelho, Portinho da Arrábida e Alportuche, sem licenciamento, que deverão proceder à demolição daquelas construções no prazo máximo de 70 dias».

A legislação de suporte é constituída pelos Decretos-Leis 166/70 de 15 de Abril, 622/76, de 28 de Julho e portaria 26-F/80, de 9 de Janeiro.

O edital refere ainda que os proprietários das referidas habitações, não aceitando esta imposição, «estão sujeitos às penalidades legais decorrentes daqueles diplomas bem como a procedimento judicial por desobediência» e que a demolição será feita pelos «serviços competentes, sendo as respectivas despesas da responsabilidade dos infractores referidos».

Pela 404ª vez em Setúbal a Feira de Santiago

A edição deste ano da tradicional Feira de Santiago, de Setúbal, pretende apresentar as características de pólo de atracções de todo o distrito, revelaram responsáveis da Câmara local, organizadora do certame.

Em conferência de Imprensa, Paula Costa, vereadora do pelouro da Cultura, afirmou ter sido dada uma «imagem nova» à Feira de Santiago, que decorre de 25 de Julho a 10 de Agosto em dois locais concorrentes de Setúbal, nomeadamente Parque das Escolas e Avenida Luísa Todi.

O certame, que este ano completa 404 anos, ocupará, segundo os organizadores, 1700 metros quadrados de área coberta e 29 800 metros quadrados de área descoberta. Paula Costa reiterou o propósito de uma redinamização da feira, com fixação de visitantes e atracção de turistas.

«A Feira de Santiago/1986 vai ser a montra da economia da nossa região — acentuou — e vamos demonstrar as imensas potencialidades do nosso distrito».

Foi ainda comunicado aos jornalistas que o certame deverá ser inaugurado pelo ministro do Comércio e Indústria, Fernando Augusto Martins, atendendo à indisponibilidade do Presidente da República, com compromissos já assumidos para a data da inauguração.

MANGUALDE

"Já cidade?"

«Mangualde, cidade já em 1986?» foi a primeira reacção da maioria dos habitantes deste centro industrial que «desconhecendo os meandros da política» recebeu a notícia «como fruto colhido verde».

O presidente do município, Mário David Lopes, do PS, actualmente a cumprir o terceiro mandato, admitiu que «não estava prevista tão cedo a elevação a nova cidade».

«Houve muita gente que, desconhecendo os meandros da política, nomeadamente os projectos de lei em discussão na Assembleia da República, foi surpreendida. Daí que no primeiro momento a reacção fosse de surpresa: Mangualde cidade, já?».

Este novo título hierárquico de Mangualde, promessa do programa eleitoral do autarca, proposta ao Parlamento pelo deputado Armando Lopes, em Junho, foi contudo antecedido por um projecto apresentado pelo deputado do PSD, Luís Martins, em Maio...

«Foi uma jogada de antecipa-

ção clara e nítida de tentar tirar daí os seus proventos próprios, políticos e pessoais» disse o presidente do município, considerando-a uma manobra eleitoral.

«Se não é de eleições autárquicas ou legislativas, é de eleições para a comissão política distrital do PSD» — disse.

Ponderados os prós e os contras, e antes que fosse adiado — até porque os deputados na Assembleia da República já criticaram a proliferação de cidades — Mangualde «seria já ou não o era tão cedo».

Contudo várias peripécias sucederam até que Mangualde nascesse cidade.

Os documentos, prova dos requisitos exigidos por lei para uma vila passar a cidade, apresentados em 30 de Junho, «per-

deram-se na Assembleia ou alguém os fez perder» — disse o autarca da nova cidade.

Telexes de protesto, acusações de «manobras de baixa política» e novos esforços por parte do município, fizeram Mangualde «levar a água ao seu moinho».

«É dever dialogarmos com o poder central invocando uma origem cidadina do que uma origem meramente de vila» — considerou o presidente do município, referindo que se «cidades são 71 e vilas são mais de 300, desde logo é um critério de distinção».

Por outro lado, a própria repartição de dinheiros do Orçamento do Estado passará a ser maior para uma cidade que exige um reordenamento urbanístico mais intenso, infra-estruturas mais desenvolvidas e, principalmente, quando essa cidade puder ser a sede de um município urbano.

Com cerca de 11 mil habitantes e 18 freguesias, a manter-se

uma média de crescimento anual de 10 por cento, Mangualde terá, em 1990, o dobro da população actual.

Mangualde, que apresenta actualmente reflexos de um forte fluxo migratório, visível pelo crescimento urbano de várias influências arquitecturais, precisa de espaços definidos para um museu e uma biblioteca, espólios que se encontram dispersos por várias instituições.

O abastecimento de água à cidade, projecto comum com a de Viseu, constitui um dos problemas prioritários, prevendo-se que a falta de água, que se faz sentir na região nos períodos de Verão, seja solucionada com a conclusão da barragem de Fagilde, em Agosto.

Um parque TIR, cinema, pavilhão desportivo, e a construção de novas escolas são alguns dos projectos que a cidade terá de concretizar a curto prazo, para acompanhar o «Boom» industrial da região.



No lugar do desastre pretende erguer-se um monumento ao emigrante

Monumento vai recordar Alcafache

A Câmara Municipal de Mangualde vai apoiar a construção de um monumento ao emigrante em Alcafache, no local onde o ano passado se verificou um acidente de comboio que vitimou 37 pessoas e feriu outras 170.

A iniciativa da Rádio Eglantine — estação portuguesa em França — que se prevê concretizada ainda este ano, visa evocar aqueles que ali faleceram, na sua maioria emigrantes que regressavam aos países de acolhimento.

Decorrido um ano após o acidente, no local, barras de pedra que saltaram da linha de caminho de ferro, restos de bancos e equipamento do comboio, resíduos de sacos e bagagens e ainda pedaços de vestuário das vítimas, recordam a gravidade do desastre.

Uma cruz de ferro de cerca de cinco metros de altura é ponto de reflexão e oração por parte dos familiares das vítimas.

Velas, flores e mensagens são frequentemente colocadas junto à cruz onde foram recentemente celebradas duas missas.

O acidente entre dois comboios que chocaram de frente, e que transportavam cerca de 360 passageiros, ocorreu em 11 de Setembro do ano passado e foi considerado um dos maiores desastres na história da CP, deixando enlutadas muitas famílias portuguesas e estrangeiras.

Terras de Zurara

Mangualde, recentemente elevada a cidade, vai celebrar esse título hierárquico em 8 de Setembro, festa de Nossa Senhora do Castelo, seu ex-libris.

Romarias, manifestações de carácter popular e concertos, são algumas das actividades previstas para o «dia da cidade».

A urbe, limitada a norte pelo Rio Dão e a sul pelo Rio Mondego, situa-se no meio de uma região que nos tempos de ocupação árabe na península se chamava terras de Zurara, posteriormente designada terras de Azurara ou Azurra da Beira.

Do seu passado, conserva ainda um conjunto de monumentos de grande valor, com particular relevo para a Igreja Matriz, da época visigótica e cuja traça actual data do século XII, o solar dos Pais de Amaral, e o conjunto arquitectónico da Igreja da Misericórdia e Igreja das Almas, que datam dos séculos XVII e XVIII.

De destacar também o solar dos Condes de Anadia, onde ainda recentemente se reproduziram gamos e veados.

Através da Associação Cultural Azurara da Beira, Mangualde, que possui sete ranchos folclóricos e três grupos corais, está a recuperar a sua etnografia.

Um historiador local, Alexandre Alves, vai fazer, em 1988, uma nova monografia do concelho.



Centro da nova cidade

Principal centro económico do Planalto Beirão

«No ar límpido o penacho do comboio e galhardo...» E um símbolo ilustrado por escritores do progresso que já era e continua a ser em Mangualde, onde o alargamento dos caminhos-de-ferro vão permitir maior escoamento da indústria.

Considerado o principal centro económico do planalto beirão, Mangualde — o segundo local que D. Henrique concedeu no país, em 1102 — «está hoje virada para a exportação».

A cidade é sede de um município que arrecada cerca de 27 mil contos por ano de impostos directos e nos últimos anos tem tido o terceiro maior orçamento dos 24 municípios do distrito.

Cerca de 25 mil habitantes,

dos quais perto de 11 mil na área urbana da própria cidade, integram o concelho de Mangualde constituído por 18 freguesias.

O presidente do município, Mário David Lopes, deseja prioritariamente melhores condições para ao relançamento económico em geral, que permita a Mangualde o contínuo florescimento.

O caminho-de-ferro vai procurar facilitar ainda mais meios aos novos investidores, com uma obra que passa pelo alargamento das plataformas em quatro hectares e a criação de novas linhas: seis de circulação e sete de estacionamento.

Das regiões mais pequenas que constituíam o concelho ao

tempo de D. Manuel, nos anos quinhentos, Mangualde, porque se situa no cruzamento de vias rodoviárias importantes de ligação entre a fronteira e o litoral, tornou-se um entreposto comercial, sobretudo no domínio dos lanifícios.

As fábricas estavam localizadas na serra da Estrela, Gouveia, Maiteigas, Seia, S. Romão e Covilhã, sendo Mangualde, há décadas atrás, a porta de escoamento.

Actualmente, «está em plena pujança a indústria de confecções, com Mangualde mais virada para a exportação do que para o país», considerou o presidente do município.

Com base numa certa tradi-

ção, que já havia, de indústrias metalomecânicas, embora de carácter artesanal, fixou-se, a partir de 1963, em Mangualde, a Citroen, uma das principais indústrias locais de montagem que exporta mais de 50 por cento do que faz.

Desta têm derivado outras fábricas de componentes para automóveis que praticamente tem produção garantida para dois clientes: Citroen e Renault.

A indústria de confecção de camisas, com 350 operários, constitui um dos pólos de maior índice económico, exportando 95 por cento da produção.

Particularmente no vestuário e malhas, várias outras empresas tem uma actividade rele-

vante para a exportação, sendo de referir apenas o encerramento de duas empresas após o 25 de Abril «devido a critérios de gestão».

Em Setembro, Mangualde vai contar com mais uma fábrica de materiais de construção, segundo o sistema de monobloco.

Também em Mangualde, e a nível de aproveitamento de infra-estruturas, existe a fixação de um parque de recolha de madeiras da Portucel e um terminal da CIMPOR, prevendo-se a implantação e outros entrepostos de empresas nacionais, criando redes de distribuição baseadas na estação central de caminhos-de-ferro. Um outro projecto financiado pela CEE

está em curso para a fábrica de congelação de produtos animais.

Mangualde, que aposta igualmente na via rápida Viseu/Vilar Formoso, também em execução, está igualmente a construir a primeira fase de um parque TIR, financiado pelo FEDER, para apoiar a circulação de veículos de transporte internacional de mercadorias. A segunda fase, que inclui a instalação de uma alfândega, só «lá para 1988».

O presidente do município observa que Mangualde «está a levantar cabeça e a recomendar a dinâmica industrial que teve no passado recente e que estes anos de crise económica atenuaram».

Portugal votou isolado contra quotas de bacalhau

Portugal votou ontem em Bruxelas isolado contra uma proposta da Comissão Europeia no sentido de fixar as possibilidades de pesca de bacalhau da Comunidade no Atlântico Norte.

Esse voto negativo ocorreu durante o Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros dos Doze que discutiu brevemente a questão da fixação das quotas globais de pesca da Comunidade na chamada Zona NAFO (Organização de Pesca do Atlântico Norte).

«Votámos contra o contingente global e contra a repartição por zonas», disse aos jornalistas o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda. Segundo informou, Portugal não está de acordo com o contingente global de 102 mil toneladas fixado, por considerá-lo reduzido, nem com a sua repartição por subzonas — na medida em que teria preferido um maior volume de possibilidades de pesca naquela onde normalmente pescam os bacalhoeiros portugueses.

A repartição por países em cada uma das subzonas deverá ser efectuada em Setembro, pretendendo Portugal assegurar um mínimo de 6 mil toneladas na subzona em vez das propostas 2,6 mil toneladas.

Pires de Miranda minimizou, no entanto, o impacto económico desta questão, que considerou «pequeno», acentuando em alternativa a importância estratégica que lhe

está subjacente.

«O importante é termos capazes de modernizar a nossa frota de bacalhoeiros», acrescentou, sublinhando que nesse esforço aguarda o apoio financeiro da Comunidade Europeia.

Relativamente a um outro tema em análise no Conselho, o da renegociação, em consequência do alargamento, dos acordos preferenciais celebrados pela Comunidade Europeia com países terceiros mediterrânicos, Pires de Miranda afirmou ter-se efectuado «um avanço».

O ministro disse, no entanto, que a proposta da Comissão Europeia, tendo em vista a satisfação das exigências da Espanha para que as Canárias não sejam prejudicadas pelo tratamento preferencial concedido a países terceiros, levanta agora «algumas objecções» portuguesas devido à situação em que aquelas ficariam em relação à Madeira.

De acordo com técnicos

portugueses que acompanhavam o ministro, do Orçamento do ano corrente poderá resultar um saldo líquido favorável a Portugal da ordem dos 180 milhões de ECU.

Segundo os mesmos técnicos, no próximo ano — cujo projecto de orçamento está a ser discutido neste momento — a situação não será pior em termos de saldo líquido, independentemente dos resultados finais daquela discussão.

Isto porque, segundo afirmaram, apesar da contribuição portuguesa aumentar em 1987 cerca de 50 milhões de ECU, relativamente a 1986, começarão a ser efectuados pagamentos relativos ao Programa de Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa (Pedap).

Orçamento acentua clivagem Norte-Sul

Entretanto, os ministros do Orçamento da Comunidade Europeia não conseguiram, esta madrugada, em Bruxelas, chegar a acordo sobre o

projecto orçamental para 1987.

Os ministros, após doze horas de discussões, separaram-se para retomarem os trabalhos durante o dia de hoje.

De acordo com uma fonte do Conselho, voltou a verificar-se «uma verdadeira clivagem Norte-Sul» entre países que beneficiam ou não dos fundos estruturais.

Ambos os grupos de países constituem por si só a chamada minoria de bloqueio, isto é, a capacidade de evitar que numa votação por maioria qualificada seja constituída a maioria necessária à aprovação de uma proposta com que não estejam de acordo.

A mesma fonte acrescentou que os esforços efectuados pela presidência do Conselho, actualmente exercida pelo Reino Unido, foram ao longo da noite no sentido de «partir» a minoria de bloqueio formada pelo grupo de países que beneficiam dos fundos estruturais.

Conflitos salariais resolvidos à custa de greves prolongadas

O primeiro semestre de 1986 indica um aumento das lutas sindicais em relação a igual período do ano passado e o acentuar das greves de longa duração, segundo um estudo divulgado pela CGTP.

Esse estudo incide sobre «os conflitos com maior expressão, quer pela sua dimensão quer pelas suas repercussões sociais, quer pelo conteúdo das reivindicações» e diz que no primeiro semestre de 1986 foram contabilizados 378 conflitos colectivos, um ligeiro aumento em relação aos 375 em igual período de 1985.

Relativamente a conflitos sectoriais, a CGTP aponta cerca de duas dezenas, entre as quais médicos policlínicos, metalurgia, gráficos, química, têxteis, portuários, professores, função pública, guardas prisionais, saúde, administração local, Polícia Judiciária e vidreiros.

Cerca de dois terços dos conflitos colectivos analisados no primeiro semestre do ano em curso passaram por processos de greve.

Entre os casos de greves de longa duração, o estudo daquela central sindical cita a C.P., com 38 dias de duração, o Metro, com 35 dias, a Carris, com 28 dias, e os transportes internacionais rodoviários, com 12 dias.

As causas principais dos conflitos colectivos de empresa analisados são a luta pelo pagamento de salários em atraso (cerca de 30 por cento do total no primeiro semestre), a defesa dos postos de trabalho e a luta contra os despedimentos e a reclamação de melhoria de condições de vida e de trabalho.

Quanto aos conflitos sectoriais, as razões mais frequentes são a negociação de instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho e a defesa do emprego.

O documento da CGTP assinala que, embora a greve tenha sido a forma de luta predominante nos conflitos analisados, os trabalhadores recorreram também a concentrações de rua ou nas empresas, vigílias, marchas a pé, cortes de vias de comunicações (estradas, caminhos-de-ferro) e ocupações simbólicas.

A CGTP destaca o menor número de conflitos colectivos nos dois primeiros meses do ano, período em que «o movimento sindical unitário esteve bastante empenhado nas eleições presidenciais».

O documento daquela central sindical atribui a longa duração de várias greves ao «radicalismo exacerbado e injustificado do Governo», que «levou ao prolongamento de muitos conflitos».

AOS BANCÁRIOS

O Conselho Geral do Sindicato dos Bancários do Centro reunido em Coimbra em 21/7/86 deliberou por unanimidade e aclamação rejeitar frontalmente o «acordo de princípios» a que a direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas chegou, unilateralmente, com os representantes do patronato.

Todos os membros do Conselho Geral, independentemente das tendências a que pertencem, consideram esta atitude da direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas uma **traição** à razão, força e coesão demonstradas por todos os bancários nos dias 9 e 10 do corrente.

Considerando este Conselho Geral que os objectivos essenciais do actual processo de revisão do ACTV não foram atingidos, exorta todos os bancários a continuarem a lutar pelos seus interesses presentes e futuros, dizendo não a tal «acordo de princípios».

Coimbra, 21/7/86

O CONSELHO GERAL
DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO

COVA DA PIEDADE



MANUEL DO NASCIMENTO
FALECKU

Sua esposa, filho, nora, neto e restante família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento de seu querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã dia 23 pelas 10.30 h, na Igreja de Nossa Senhora da Piedade (Cova da Piedade) para o cemitério Vale Flores, Feijó.

Agência Mega
Telefs. 861240 / 863432

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	40\$75	46\$75
ALEMANHA FED. (marco)	68\$60	69\$80
AÚSTRIA (xelim)	9\$70	9\$90
BÉLGICA (franco)	3\$169	3\$369
BRASIL (cruzado)	4\$00	6\$50
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	106\$25	108\$75
(notas de 5 a 1000)	106\$75	109\$25
DINAMARCA (coroa)	18\$30	18\$70
ESPAÑA (peseta)	1\$042	1\$162
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	146\$40	149\$90
(notas de 5 a 100)	146\$90	150\$40
FINLÂNDIA (marka)	29\$00	29\$60
FRANÇA (franco)	21\$25	21\$95
HOLANDA (florim)	60\$80	61\$90
IRLÂNDIA (libra)	20\$520	20\$920
ITÁLIA (lira)	\$092	\$102
JAPÃO (iene)	\$917	\$952
NORUEGA (coroa)	19\$70	20\$20
REINO UNIDO (libra)	219\$30	223\$80
SUÉCIA (coroa)	20\$80	21\$30
SUÍÇA (franco)	84\$85	86\$35
VENEZUELA (bolívar)	6\$10	7\$10

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Alves Redol: vivo, teria hoje 75 anos

Em Glória do Ribatejo e na Palhota na rota das suas duas primeiras obras

Júlio Rodrigues

Fotos de José Tavares



O campo e o Tejo são os meios de que os habitantes da zona se servem para sobreviver, à custa de muito trabalho



É nestes barcos que os pescadores da Palhota se fazem ao Tejo para a captura da tainha/fataça

Palhota: a única lufada de civilização que ali chegou foi há 47 anos, quando Alves Redol montou arraiais numa barraca do pai de Carlos Lobo, um homem de mais de oitenta anos que se lembra muito bem do precursor do neo-realismo em Portugal. Autor, um ano antes, de «Glória – Uma Aldeia do Ribatejo», estudo etnográfico que revelou as suas incalculáveis aptidões ficcionistas Alves Redol chega à Palhota, uma pequena povoação piscatória junto ao Tejo, a doze quilómetros do Cartaxo, por um caminho em que mal cabia um carro de bois. Ainda hoje a estrada que atravessa a estação da CP de Reguengo e aí desemboca, não sendo apertada como há meio século atrás, é triste.

Uma equipa de reportagem do «Diário de Lisboa» foi lá e, nas duas ligações que estabeleceu, a meio de tarde, apenas viu um jovem que se afoitou a calcorrear mais de cinco quilómetros para mudar de ares, ver outras gentes, sentir outro mundo.

Palhota, onde se acastelam nove casas assentes em vigas que as preservam das cheias do Tejo, divididas por passadeiras de cimento povoadas por redes de peixe e cestos de fruta, foi o local a que Redol se recolheu para viver a epopeia dos gaibéus. E aperceber-se, e contar aos outros, ao mundo, que «aos gaibéus basta(va) um pedaço de toucinho derretido no cacifo» e que «com um naco de pão duro a refeição fica pronta».

«Se me lembro de Alves Redol?!», interrogou-se, fitando-nos de alto a baixo, António Moreira, a preparar a rede para mais uma noite à faina, no Tejo. Tainha é o que mais pesca. «Tainha ou fataça, que é o mesmo peixe», diz enquanto parece afagar o seu principal instrumento de trabalho que sazonalmente troca pela enxada, a foice e a gadanha quando a seara promete, a erva daninha lhe desafia a paciência e o campo clama pelo seu suor. Dele e da mulher, porque os filhos há muito deixaram a terra. O torpor, o silêncio, a quietude da pequena povoação piscatória não se coadunavam com os hábitos que adquiriram em saídas para bailes, mais recentemente, ou para a guerra, antes, muito antes de Abril de há doze anos. Quem sai da Palhota uma vez, sai mais, sempre por gosto.

Memória salva falta de letras

António Moreira, que nunca «foi às letras», que não sabe ler – como disse ao «DL» –, é homem de contas precisas, memória asente. Vai na casa dos 67 anos, sabe que vive ali desde os 18 e que foi justamen-

te no ano em que se mudou do Mouchão do Escarpim (do outro lado do braço do Tejo que afoga a Palhota quando a maré enche de mais) que Redol ali chegou.

«Alves Redol e a esposa» – acrescenta. «De vez em quando vinha aqui o pai dele», recorda. António Redol da Cruz, comerciante, há bem pouco tempo falecido.

O filho sabia já que nas poisadas dos rabezanos se cozinhavam batatas, porque não havia tempo para preparar outra ceia. Alás, Alves Redol entrou depressa, e com enorme facilidade – afirma António Moreira –, no mundo dos gaibéus.

Faltam-lhe letras, não lhe escasseia hospitalidade, a afabilidade.

Deixou as redes para nos atender. Mas ele sabia que para chegarmos à Palhota, depois de na Estrada Nacional que liga Vila Franca ao Cartaxo e Santarém, depois da Cruz do Campo, havíamos perguntado pela Valada. E que foi aqui, nesta terra, que a água levou até Lisboa através da EPAL, que o «farol» para a Palhota rolou...

A equipa do «DL» entrava então na rota do segundo livro escrito por Alves Redol, porque por Glória, que da Estrada que liga Porto Alto a Almeirim, já o repórter havia passado, para encontro marcado na Aldeia do Peixe. Tratava-se, afinal, de compreender a razão por que os capatazes se reuniam à sombra dos salgueiros, como Redol conta em «Gaibéus», o primeiro romance do ciclo de ficção temática ribatejana de camponeses e pescadores da Borda d'Água. Vieram depois «Marés», «Avieiros» e «Fanga».

Uma «quinzada» são quinze...

– E os salgueiros de que Alves Redol nos fala no livro que aqui escreveu?

António Moreira ouviu-

nos. Pensou duas vezes.

– «O herdeiro do dr. Gaspar Ramalho, que foi dono de tudo isto, o José Ramalho, tem vindo a cortá-los. Aos salgueiros e a outras árvores que se dão bem na margem do rio» – sublinhou, pareceu-nos que com alguma saudade.

É da fataça que lhe vem o pão. E também os medicamentos, porque, apesar do ar saudável, que tem a Palhota, nem sempre a sua «quinzada» resiste.

– «Quinzada?» – pergunta o repórter?

– Quinzada – explicou-nos – quer dizer que, aqui, somos quinze ao todo. São quinze as pessoas que aqui vivem, e só uma é menor, uma criança de nove anos que é filha de uma rapariga que daqui saiu há muitos anos para a Póvoa (de Santa Iria), mas que aqui vem de vez em quando, com a criança, de férias, ter com os avós.

A tainha é a sua sobrevivência. Dele e, praticamente, de todos aqueles que ali vivem e ainda têm forças para ir à faina, à pesca, subir e descer o Tejo quando o rio está calmo. Como, na última visita, na última visita que ali fizemos: do outro lado, entre palmeiras, uma casa de telha quente e vermelha lembrava uma ilha distante.

António Moreira desfiava as contas das pesagens que fizera durante a semana, vendendo a tainha a 40 escudos o quilo. «É pouco, mas, ainda assim, é o que nos vale», acentuou. Cinquenta quilos havia pescado na última noite, 40 dois dias antes, 36 há mais de 72 horas...

– Tem vindo a aumentar as capturas – observámos.

– É, é isso. A água tem estado mais calma e eu, por outro lado, perdido mais horas no barco – disse.

«Ele ia ao sável connosco, às vezes»

Não há telefone nem posto médico na Palhota. Mas há três casas, pelo menos, em que vimos a luz eléctrica. E de uma, delas saliente, uma antena de televisão. Casas na sua maioria assentes em vigas de cimento, outrora em estacas de rolos de madeira grossa. Vigas bem agarradas à terra movediça, alagada, para que a corrente as não leve quando o Tejo engrossa.

As mulheres já não consertam farrapos por sistema, nem adornam os cachopos. Estes,

ras

tes
respar
de
ho,
sal-
que
rio»
quen o
ca-
o ar
ota,
da»

a o

os -
nos
e as
só
de
ma
há
(de
em
a
osen-
de
n e
fai-
r o
no,
fili-
do
tas,
e e
ilhaava
fi-
en-
s o
da
en-
via
40
de

as

ta-
tro

no

co,

osto

três

que

de

ena

sua

de

s de

gas

ta,

as

en-

tam

nem

tes,

foram-se: partitam há anos, porque ali não havia, então, nem televisão nem telefonia. A vida de que Redol nos fala, de mondas e ceifas com cachopas de veludo, assim a modo que éguas mansas, está apenas na memória das gentes da Palhota.

«Ele vivia numa barraca que o meu pai lhe cedeu», diz-nos Carlos Lobo, vergado ao peso dos anos e dos sacrifícios que uma bengala de carvalho não consegue disfarçar.

Seu pai é ainda hoje uma imagem viva e veneranda entre todos os palhotenses, a avaliar pelo que ouvimos de alguns deles: António Moreira, David Moreira, João Rafael Tomás...

«Recordo-me que veio para aqui em Abril, fazia já sol. Ele usava uma boina que deixava cair até ao nariz. Mas via tudo, não perdia um movimento, perguntava muita coisa, quase não largava a pena», aviva Carlos Lobo, sentado sob uma figueira rebelde.

De salgueiros e choupos, tem António Moreira e Carlos Lobo, o segundo de vez em quando corrigido pela esposa, de memória mais firme, uma saudade que capricham em vincar, acusando da sua nudez José Ramalho e o actual proprietário de tudo aquilo, Carvalho da Silva, que vive em Salvaterra de Magos.

Nenhuma saudade têm da cheia que «nos ia roubando a vida a todos», frisa o primeiro recordando 1979, 12 de Fevereiro. A água subiu, subiu até ao 1.º andar das casas mais altas.

Carlos Lobo volta a Redol, afinal, o motivo que nos levara, por duas vezes, à Palhota, onde alguns amigos do Tejo pretendem preservar essa passagem do autor de «Horizonte Cerrado», «Constantino, guardador de vacas e de sonhos».

«Esteve aqui, pelo menos, um mês. Eramos muito amigos, eu e ele. E o meu pai, claro», lembra Carlos Lobo. «Foi num ano em que apanhámos muito sável», precisa. «Não havia melhor que aquilo, que ele, o seu pai, o meu pai. Tantas vezes que ele foi à pesca do sável conosco», referiu.

Não há, na Palhota, rapaz com vinte anos. A pessoa mais nova é o António Pita, de 50 anos. Carlos Lobo diz-nos ainda visto e observa: «nasci em Benfica do Ribatejo, fui lá baptizado, vim para aqui com nove anos e fui à inspecção a Almeirim».

Os filhos? Tem um em Vale da Pedra, dois no Reguengo e o quarto em Vila Franca de Xira.



Sobre vigas e estacas de cimento armado se erguem as casas da Palhota, para que o Tejo não as invada quando está de «maus humores»



Na estrada do Reguengo, uma placa indica a Palhota, onde se chega por um caminho estreito que levanta poeira, quando a viatura que o pesa é mais pesada



A cheia de 12 de Fevereiro de 1979 subiu até aqui — disse António Moreira à nossa reportagem



Carlos Lobo, com oitenta e tal anos, conheceu bem Alves Redol. «Éramos muito amigos», disse ao repórter



Festa anual da McCann-Erickson/Hora

Fornecedores e clientes da **McCann-Erickson/Hora**, além de representantes da Comunicação Social, reuniram-se no «First Global Party» com que, rispidamente, como é de tradição, aquela agência de publicidade assinalou a sua festa anual.

Desta vez, foi no Ribatejo, mais precisamente no **Centro Equestre da Lezíria Grande**, que amigos e conhecidos se juntaram num «pôr-de-sol» que, prolongando-se noite fora, deu ensejo a que todos, esquecidos por momentos dos seus afazeres, vivessem momentos de descontração, numa pausa de preocupações diárias, propícia à consolidação de amizades e ao estre-

tamento de relações.

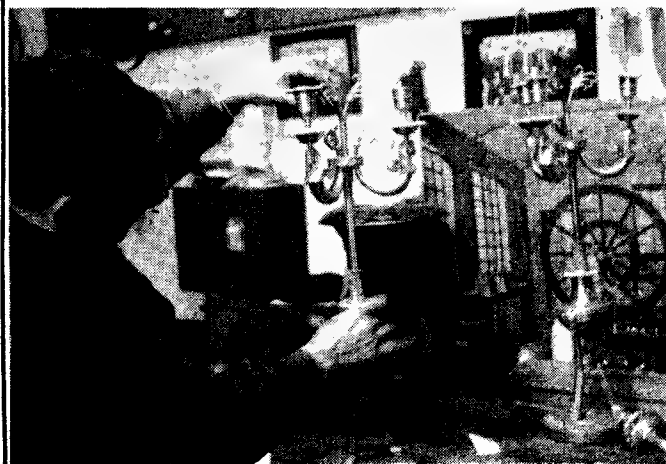
Para que nada faltasse a este «global» desejo de confraternização amigável, houve jogos, música e ranchos folclóricos, vinhos e petiscos, pegas rijas, por improvisados e destemidos forçados, e ainda provas de resistência, em «burral rodeo», que valeram muito trambolhão... e uma viagem a Marrocos.

Parte mais séria do programa foi a exibição dos alunos do **Centro Equestre** onde a festa decorreu. Toureio, alta escola, jogos de volteio e de destreza, sucederam-se, num espectáculo bonito de ver e demonstrativo do excelente nível dos cavaleiros e da qualidade das suas montadas.

Turicoop ganha Oscar mundial de turismo

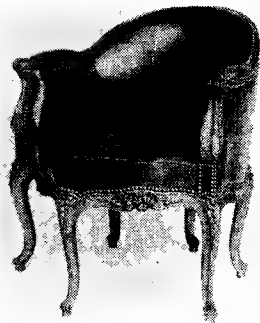
José Antunes, director da agência de viagens portuguesa **Turicoop**, recebeu em Roma o **Oscar Mundial de Turismo**, galardão que, uma vez por ano, é atribuído pelo **Centro de**

Promoção Económica Mundial, com sede na capital italiana, à agência de viagens escolhida entre as agências mundiais.



Exposição de mobiliário artístico no "Lisboa Penta Hotel"

Até ao dia 16 de Agosto está patente ao público, no **Lisboa Penta Hotel**, uma exposição de mobiliário artístico e objectos decorativos inteiramente executados nas oficinas da **Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva**, promovida por estas duas entidades e pela **Confederação da Indústria Portuguesa**, que assim decidiram comemorar o 75.º aniversário do turismo nacional.



Boeing testa nova liga para aviões

A «**Boeing Comercial Airplane Co.**» está a testar uma liga de alumínio mais resistente e ligeira para seu possível uso em aviões comerciais. A companhia instalou recentemente peças de reboque nos trens de aterragem dos **747**, fabricados com uma liga moderna de alumínio e lítio. A sua eficácia será avaliada durante os cinco primeiros anos de serviço normal. Este é o primeiro uso comercial que se dá à dita liga. Os engenheiros esperam que o seu uso reduza o peso dos futuros aviões.

A peça encontra-se no trem de aterragem dianteiro e permite o reboque por tractores. A peça já suportou fortes cargas durante o reboque e esteve largamente

exposta às intempéries durante a descolagem e a aterragem; é facilmente acessível e não é uma peça crítica para a segurança do avião. A liga de alumínio-lítio é 7% mais leve que a liga «standard» que vai substituir. A sua utilização em todo o avião torna possível reduzir o peso de um **747** em mais de 10 000 libras, perto de 5 toneladas.

As peças foram forjadas pela companhia «**Alcoa**», como parte de um programa contínuo levado a cabo pela **Boeing** desde 1982. A sua utilização representa um dos avanços tecnológicos pensados para incorporar o **747 — 400** assim como o programa **737** de aviões avançados para o ano de 1990.



Novo Conselho de Administração da "Air Portugal Tours"

A «**Air Portugal Tours — Programações Turísticas, S.A.R.L.**» tem novo Conselho de Administração, presidido pelo **Eng.º Luís Maltez**, Administrador da **TAP — Air Portugal**. Segundo afirmou o novo presidente, este grossista de viagens, recentemente criado, vai intensificar fortemente a sua actividade, de modo a ocupar, a curto prazo, o lugar que lhe compete no mercado português.

Conta para isso, com o apoio empenhado dos seus accionis-

tas, entre os quais se destacam, para além da **TAP — Air Portugal**, e da **RN** representadas no Conselho de Administração, as mais de **40 Agências de Viagens** espalhadas pelo país, que confiaram neste ambicioso projecto e lhes garantem uma importante rede de distribuição. Também a **Air Atlantis** está representada por um seu administrador no conselho da **APT**, o que denota o interesse posto pela **TAP Air Portugal** em não menosprezar a utilização dos voos fretados.

J. Walter Thompson em seminário

Decorreu em Atenas um seminário europeu sobre os novos meios electrónicos, com a participação de representantes das agências de publicidade da **J. Walter Thompson** de várias cidades europeias, onde se debateram temas que têm a ver com as tecnologias de vanguarda no domínio da comunicação social.

Pela **J.W.T.** portuguesa esteve presente a **dr.ª Antónia Maria Pereira**, directora do sector integrado de meios e pesquisa da agência. No seminário foram tratados, entre outros temas, a criação de um banco de dados em «videotex», patrocínios a nível internacional, estratégias conjugadas para os novos meios electrónicos e sistemas de medida para novas audiências.

Boa classificação da Olivetti

A **Olivetti** consta, mais uma vez, na classificação das 100 melhores empresas mundiais de informática, tendo este ano, deslocado da 13.ª posição para a 12.ª posição absoluta. Esta classificação é feita anualmente pela **Datamation**, a revista internacional mais cotada no sector informático, e baseia-se na facturação mundial de cada produto.

Ao atribuir a 12.ª posição à **Olivetti**, a revista comenta que a empresa italiana foi em 1985 uma «big winner» (grande vencedora) nos mercados mundiais e que observou um crescimento «maciço». Segundo os dados elaborados pela **Datamation**, o aumento da facturação do **Grupo Olivetti** foi de 52 por cento em libras, o que corresponde, em dólares, a 18,7 por cento. Trata-se do aumento mais alto entre as 15 primeiras posições da classificação.

Depois da desistência de Andreotti

Craxi recebe mandato para formar governo

O líder socialista **Bettino Craxi**, que se demitiu da chefia do Executivo a 27 de Junho, recebeu ontem um novo mandato para formar Governo, revelaram fontes oficiais em Roma.

O presidente **Francesco Cossiga** atribuiu o mandato a **Craxi** depois de o veterano democrata-cristão **Giulio Andreotti**, cinco vezes primeiro-ministro, ter desistido das suas tentativas para formar Governo.

As fontes disseram que **Craxi** tinha reservado a sua resposta, afirmativa, uma fórmula normal que significa que só anunciará que aceitou se conseguir formar Governo.

Depois de 11 dias de negociações, **Andreotti** informou o presidente **Francesco Cossiga** de que tinha sido incapaz de reconciliar as divergências entre o seu partido (democrata-cristão) e os socialistas liderados

por **Bettino Craxi**.

Os socialistas recusaram as tentativas de **Andreotti** de voltar a pôr a funcionar a coligação governamental que **Craxi** liderou até se ter demitido a 27 de Junho depois de ter perdido uma votação parlamentar secreta.

Andreotti disse aos jornalistas que encontrou um «acordo substancial» nas suas várias reuniões relativamente a um programa para os próximos 20 meses da legislatura, mas considerou faltarem «as condições necessárias para o trabalho em conjunto entre os partidos».

Depois do primeiro-ministro indigitado **Giulio Andreotti** ter desistido dos seus esforços de formar Governo, o presidente **Francesco Cossiga** convocou o primeiro-ministro cessante, **Bettino Craxi**, para lhe oferecer um mandato.

Espião condenado a oito anos de prisão

Um engenheiro alemão-federal, descrito como o «espião que mais tempo serviu o KGB na Alemanha Federal», foi hoje condenado a oito anos e meio de prisão por ter passado segredos de tecnologia de ponta para a URSS.

Manfred Rotsch, 62 anos, um antigo chefe de investigação na maior empresa aeroespacial germânica, a **Messerschmitt-Boelkow-Blohm**

Meissner, depois de este ter dito a funcionários de Bona que queria regressar de livre vontade a Berlim.

O porta-voz governamental **Friedhelm Ost** disse em Bona que **Meissner** seria autorizado a regressar imediatamente a casa depois de uma entrevista com **Ludwig Rehlinger**, secretário de Estado alemão-federal para os Assuntos Inter-Alemães.

(**MBB**) foi dado como culpado por um Tribunal de Munique por ter espiado para Moscovo nos últimos 30 anos.

O juiz presidente, **Werner Biebel**, disse que os segredos passados por **Rotsch** para a União Soviética incluíam pormenores do avião de combate europeu **Tornado** e projectos de satélites de investigação.

A acusação tinha pedido uma sentença de 10 anos para **Rotsch**, que é descrito como o espião mais antigo ao serviço do KGB na Alemanha Federal.

Rotsch, que deixou a República Democrática Alemã optando pelo Ocidente, em 1954, limpou as lágrimas dos olhos quando o juiz leu a sentença.

Durante o julgamento, que durou três meses, **Rotsch** disse que tinha assinado um contrato para trabalhar como agente comunista depois de funcionários governamentais da RDA terem descoberto o seu plano para emigrar e ameaçarem impedi-lo.

Caso Meissner

A RDA e a RFA resolveram ontem um conflito de seis dias causado pelo economista alemão-democrático **Herbert**

«O caso **Meissner** está encerrado», disse **Ost**.

Meissner passou cerca de uma semana escondido na missão da RDA em Bona depois de ter aparentemente desertado para a RFA e mudado de ideias a seguir.

O conflito foi ontem resolvido quando o deleggado do Ministério Público, **Kurt Rebmann**, cancelou os procedimentos legais contra ele sob suspeita de espionagem e desistiu de um mandato para a sua imediata captura.

Berlim afirmou que **Meissner**, vice-presidente da Academia de Ciências da RDA, fora raptado por agentes secretos alemães-federais e forçado a assinar documentos dizendo que desertara voluntariamente. Acrescentou que ele conseguiu fugir e refugiar-se na missão do seu país na capital alemã-federal.

Funcionários de Bona disseram que **Meissner** pediu asilo em Berlim Ocidental em 9 de Julho depois de ter sido surpreendido num caso de furto num grande armazém da cidade.

Meissner foi levado para a sede dos serviços secretos da RFA em Munique, onde parece ter mudado de ideias e decidido ir para a legação da RDA em Bona.

Fuzilamentos em Bissau suscitam protesto português

O fuzilamento em Bissau dos seis réus condenados à morte suscitou em Portugal os mais vivos protestos, tanto da parte do Presidente da República, como do governo, partidos políticos e outras organizações. Informações recolhidas esta manhã pelo «DL» dão conta de que o Parlamento poderá votar hoje um protesto formal contra os fuzilamentos em Bissau. Apesar de não se saber a data exacta em que foi cumprida a pena de morte, pensa-se que ela poderá ter sido executada quando o presidente Nino Vieira recebia ainda numerosos telegramas e telefonemas pedindo a comutação das penas.

Foi o ministro guineense dos Negócios Estrangeiros, Júlio Semedo, que ontem transmitiu ao corpo diplomático acreditado em Bissau a notícia do fuzilamento de Paulo Correia e cinco outros réus, um dos quais com dupla nacionalidade: portuguesa e guineense.

O ministro dos Negócios Estrangeiros disse ao corpo diplomático que os seis condenados por envolvimento numa tentativa de golpe de estado em 17 de Outubro «foram executados dentro do prazo legal» estabelecido pela lei de justiça militar, sem especificar quando. De acordo com a lei de justiça militar vigente na maior parte dos países, os fuzilamentos têm lugar imediatamente após a leitura ou confirmação da sentença.

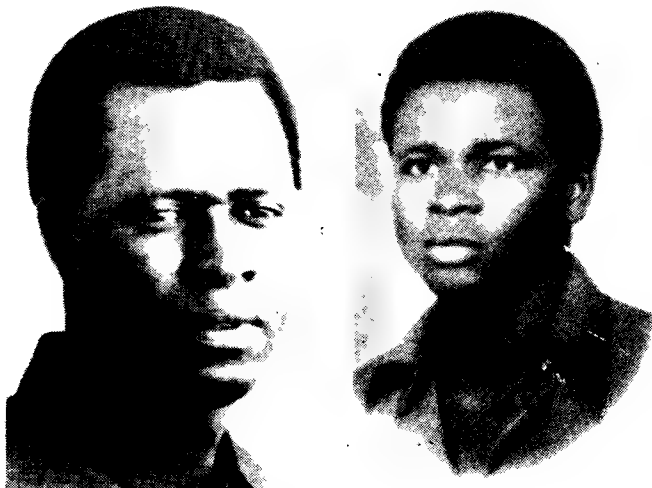
Recorde-se que os seis réus fuzilados viram a pena capital confirmada na passada sexta-feira, após a leitura de um comunicado do Conselho de Estado onde se anunciava a comutação da pena capital a seis outros réus condenados à morte pelo Tribunal Militar Superior.

Ontem, na reunião com o corpo diplomático, Júlio Semedo anunciou que estes últimos réus vão cumprir 15 anos de prisão efectiva, a pena máxima estabelecida em Tribunais ordinários. A pena de fuzilamento é prevista apenas na lei de justiça militar.

Protestos

O Presidente da República Mário Soares, endereçou ho-

je um telegrama à viúva de Viriato Pan, o réu que detinha também a nacionalidade portuguesa, onde manifesta a «sua profunda indignação pela execução» depois de «tudo ter sido tentado para evitar». Em declarações aos jornalistas, Soares recordou que intercedeu por duas vezes junto de Nino Vieira com vista à comutação das penas de morte e que o fez por «



Paulo Correia e Viriato Pan: dois dos réus fuzilados

plora vivamente que não tenham sido ouvidos os apelos à clemência dirigidos às autoridades da Guiné-Bissau».

Entretanto, na Assembleia da República onde hoje deverá ser votado um protesto contra as execuções em Bis-

Soares não recebeu enviado de Nino Vieira

O Presidente da República recusou-se a receber um enviado que o presidente Nino Vieira se dispusera a enviar para Lisboa para explicar as condenações à morte de seis cidadãos guineenses. O enviado especial de Nino Vieira deveria ter partido ontem de Bissau para hoje se avistar com Mário Soares.

«O Presidente da República no seu apelo derradeiro a Nino Vieira na passada sexta-feira foi informado pelo chefe de Estado guineense de que um enviado especial ia seguir para Lisboa para o informar pessoalmente. Nesta

circunstância, o Presidente da República replicou dizendo que tal encontro só valeria a pena se fosse para salvar a vida a seis cidadãos guineenses», disse à ANOP o acessor para a comunicação social de Belém.

«Na segunda-feira, quando se soube das execuções e ainda antes do enviado de Nino Vieira sair de Bissau, o presidente Mário Soares comunicou ao embaixador da Guiné-Bissau que em face disso e de acordo com o governo português não receberia o enviado», acrescentou a mesma fonte.

razões exclusivamente humanitárias».

Uma fonte do gabinete do primeiro-ministro Cavaco Silva disse à ANOP que o chefe do governo «ficou horrorizado com esta falta de respeito pelos mais elementares direitos humanos». Em comunicado hoje divulgado, o governo português «de-

sau, alguns grupos parlamentares manifestaram já ontem o seu repúdio pelos fuzilamentos. Estão neste caso o PRD, o CDS e o PS. O dirigente socialista, Manuel Alegre, saudou à ANOP que as execuções dos seis réus «são contrárias ao espírito humanista e de tolerância de Amílcar Cabral».

Também o bispo de Setúbal manifestou ontem o seu «veemente protesto» pela execução de Paulo Correia e outros cinco réus. Em declarações à ANOP, aquele prelado expressou a sua apreensão pela situação na Guiné-Bissau onde «reina a lei da selva». «Prevejo mesmo que este senhor, que quis aplicar até ao fim a lei da selva no seu país, pode contar que a sua vez também chegará», afirmou o bispo, ao referir-se a Nino Vieira.

O consul honorário da Guiné-Bissau no Porto, Valentim Loureiro, disse, ter «esperança em que a pena de morte seja riscada em breve dos códigos guineenses». Valentim Loureiro recordou que «fez tudo» o que lhe foi possível no sentido da comutação de penas.

A Liga Internacional dos Direitos Humanos e a secção portuguesa da Amnistia Internacional repudiaram também a execução da pena capital em Bissau. Para a segunda organização, o fuzilamento foi «um gesto cruel, desumano e degradante».

Entretanto espera-se para hoje a reacção oficial de Cabo Verde às execuções. Segundo a ANOP, uma fonte oficial cabo-verdiana teria exclamado ontem ao saber dos fuzilamentos: «Oh meu deus, é impossível».

Pieter Botha e Desmond Tutu debatem estado de emergência

O presidente sul-africano Pieter Botha e o bispo anglicano Desmond Tutu encontraram-se ontem no escritório de Botha para debaterem o estado de emergência implantado a 12 de Julho. Após cerca de 90 minutos de reunião, as duas entidades deixaram-se fotografar pelos repórteres mas não fizeram declarações oficiais.

Posteriormente, Desmond Tutu declarou a um jornalista que o encontro com Botha,

realizado a seu pedido, «po-dia ter corrido melhor». No entanto, acrescentou, tinha sido bom o facto de se terem encontrado e a conversa havia sido franca.

Entretanto, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, sir Geoffrey Howe, inicia hoje uma nova busca de uma solução negociada para a crise na África do Sul, mas diplomatas e outras autoridades afirmam que é uma «missão impossível».

A viagem de Howe à África do Sul surge numa altura de grandes problemas políticos na Grã-Bretanha e de um boicote maciço aos jogos da Commonwealth, tudo devido à recusa de Margaret Thatcher em impôr sanções contra Pretória.

Ontem, os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE reafirmaram a decisão sobre a África do Sul tomada pela primeira cimeira comunitária de Junho, em Haia. O

encontro de Haia elaborou uma lista de possíveis sanções contra Pretoria se dentro de três meses não frutificar o diálogo que Howe tenta estabelecer entre o governo da minoria branca e a maioria negra.

O tema das sanções deverá também ser abordado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros da Organização de Unidade Africana que hoje iniciaram uma reunião em Adis Abeba.

24 HORAS

Síria corta relações com Marrocos

A Síria anunciou hoje oficialmente que cortou relações diplomáticas com Marrocos. O anúncio do corte de relações segue-se à divulgação da viagem do primeiro-ministro israelita Shimon Peres a Rabat, durante a noite e que foi mantida rodeada de certo segredo, destinada a proporcionar conversações centradas nas possibilidades de ser obtida uma paz negociada para o Médio Oriente. A Rádio citou um porta-voz oficial sírio como tendo dito que a Síria «vai cortar todo o tipo de relações» com Marrocos e exortar todos os governos árabes a tomarem «medidas decisivas» semelhantes.

Cooperação URSS/RFA

A União Soviética e a Alemanha Federal estabelecerão hoje um acordo de cooperação técnica e científica. O acordo será assinado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Eduard Shevardnadze, pelo alemão-federal, Hans-Dietrich Genscher, que está a visitar a União Soviética, e pelo ministro para a Investigação e Tecnologia da Alemanha Federal, Heinz Riesenhuber. Antes das conversações entre os chefes das diplomacias dos dois países, iniciadas segunda-feira em Moscovo, Genscher reuniu-se durante três horas com o líder soviético, Mikhail Gorbachev, para a análise de assuntos relativos ao desarmamento.

Mortes no Sri Lanka

PELO menos 25 mortes e ferimentos num número indeterminado de civis resultaram da explosão de uma mina colocada por separatistas tãiles em Vavuniya, no Norte do Sri Lanka — indicou um porta-voz militar. Entretanto, eleva-se a 26, segundo fontes militares, o número de mortos resultantes do ataque guerrilheiro de sábado a uma aldeia da província Centro-Norte de Pollonnaruwa.

Pescador morto ao largo do Sara

UM pescador espanhol foi hoje morto e outro ficou gravemente ferido quando o arrastão em que seguiam ao largo do Sara Ocidental foi metralhado e se incendiou, anunciou a Rádio espanhola. A Rádio indicou que o arrastão «Andes», de 341 toneladas, foi atacado quando pescava a seis milhas da costa do Sara Ocidental, perto do cabo Barba.

EUA cortam empréstimos

O Senado norte-americano confirmou segunda-feira, em votação, a recusa de concessão de créditos a Angola, por parte do «Export-Import Bank», enquanto soldados cubanos permanecerem naquele país. A Câmara dos Representantes aprovou na semana passada uma medida semelhante, impedindo aquela instituição bancária governamental de conceder ao Estado angolano créditos subsidiados que atribui a países do Terceiro Mundo, com o objectivo de promover a venda de produtos dos EUA.

URSS e Libéria

A União Soviética anunciou segunda-feira que vai reatar as relações diplomáticas com a Libéria, cortadas há três anos, na sequência da prisão de estudantes librianos. A agência TASS disse que os dois países, «guiados pelo desejo mútuo de desenvolver e consolidar as relações de amizade e cooperação, decidiram reatar as relações diplomáticas e trocar embaixadores».

Chile contra a Espanha

O ministro chileno dos Negócios Estrangeiros, Jaime del Valle, disse no fim-de-semana que a Espanha deveria ser excluída da OTI (Organização de Televisão Iberoamericana) por recusar participar no Festival de Santiago do Chile. A Radiotelevisão espanhola anunciou que não participará na próxima edição do Festival da OTI que se realiza em Setembro em Santiago do Chile, porque «a sua linha de programação é contrária ao regime chileno».

Farense: património cresce

O Estádio de São Luís, em Faro, cedido recentemente pela câmara local ao Farense, vai entrar em obras, que permitirão aumentar a sua capacidade para 30 mil espectadores.

As obras irão incluir também um restaurante panorâmico, com vista para o relvado, que irá permitir aos clientes assistir ao jogo de futebol enquanto almoçam ou tomam uma bebida. Trata-se de uma «ideia inédita em Portugal, baseada num estádio do género existente em Estocolmo, na Suécia».

O Sporting Clube Farense vai construir também duas piscinas em terreno cedido pela câmara, orçadas em cerca de 40 mil contos e que serão financiadas em 65 por cento pela Direcção-Geral do Equipamento Urbano.

Entretanto, deverá estar concluído até final do corrente ano o ginásio-sede do Farense, um empreendimento estimado em 120 mil contos, cujo complexo inclui dois pavilhões para a prática de basquetebol, andebol e hóquei, um dos quais com capacidade para cinco mil espectadores.

Jogos Commonwealth: boicote aumenta

Chipre e Sri Lanka juntaram-se ao movimento de boicote dos Jogos da Comunidade Britânica, cujo início está previsto para quinta-feira em Edimburgo, Escócia.

Eleva-se assim a 26 o número de países que decidiram não comparecer aos Jogos, como forma de protesto face à política condescendente do governo de Margaret Thatcher relativamente ao regime de «apartheid» da África do Sul.

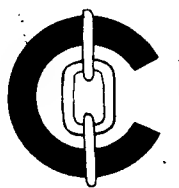
Unidade de acção no desporto

entre países de expressão portuguesa

O primeiro encontro dos ministros do Desporto dos cinco países africanos de expressão oficial portuguesa vai efectuar-se em Bissau de 25 a 30 do mês corrente.

A análise e a projecção das bases necessárias para o início de um regular intercâmbio desportivo entre «os cinco», a formação de quadros e a promoção de competições desportivas, são alguns dos temas dominantes do encontro, cujas sessões se realizam no salão nobre do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Guiné-Bissau.

Estarão em análise dois projectos: um de regulamentação das futuras competições desportivas entre os cinco Estados — São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique — nas modalidades de futebol, basquetebol, voleibol, atletismo e ténis e um segundo projecto sobre a definição dos moldes em que se processará o intercâmbio de delegações e a formação de quadros técnicos e administrativos.



COOMAPOR, C.R.L.

COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO
PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

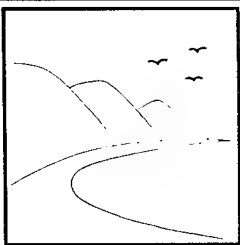
Ao abrigo dos Estatutos e da Legislação cooperativa convo-co todos os associados da COOMAPOR — COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO, C.R.L., para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 24 de Julho de 1986 (5.ª feira), pelas 17.000 horas, nas instalações do Centro Coordenador do Trabalho Portuário de Lisboa (CCTPL), sitas na Av. Infante D. Henrique, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

— PONTO ÚNICO: REAPRECIACÃO DA PROPOSTA VOTADA NA ÚLTIMA ASSEMBLEIA GERAL DE 04 DE JULHO DE 1986, SOBRE PROPOSITURA DE ACÇÃO JUDICIAL.

Se à hora indicada não estiver presente o número legal de sócios, a Assembleia reunirá em segunda convocação uma hora depois, com qualquer número de cooperadores presentes.

LISBOA, 09 DE JULHO DE 1986

O PRESIDENTE DA MESA DA A. GERAL
(CARLOS ALBERTO DE SOUSA GUERREIRO)



EVITE

locais pouco frequentados

Lemond e Hinault: "santa aliança"

Acácio da Silva desceu mais três lugares na classificação geral do «Tour», após concluir a 18.ª etapa na 98.ª posição, a 22 minutos e 49 segundos do vencedor, o francês Bernard Hinault.

Acácio ocupa agora a 75.ª posição, a uma hora, 38 minutos e 41 segundos do camisola amarela, o norte-americano Greg Lemond.

Bernard Hinault e o seu colega de equipa, o norte-americano Greg Lemond, deram uma «lição» de montanha na Volta à França em Bicicleta, ganhando vários minutos de avanço aos seus perseguidores.

Lemond, camisola amarela da prova e companheiro de Hinault na «La Vie Claire», facilitou a vitória de Hinault perto da meta instalada em Alpe d'Huez, a uma altitude de 1860 metros.

Hinault, que perdeu na véspera o comando do «Tour» a favor de Lemond, cortou a meta com o tempo de 5.03,03 horas, tendo Lemond sido cronometrado com o mesmo tempo do bretão.

Já perto da linha de chegada, Lemond colocou o seu braço no ombro de Hinault, deixando o seu chefe de fila sair vitorioso na etapa de montanha nos Alpes franceses.

O gesto foi interpretado como um sinal de enfraquecimento das tensões e rivalidades existentes entre o antigo campeão mundial profissional orjundo da Califórnia e o ciclista que pretende bater o recorde do «Tour» com seis vitórias. «Isto foi uma vitória para a equipa, não a vitória de dois ciclistas. Hoje a luta foi contra Zimmermann e quando existem dois ciclistas como nós nada nos pode deter» — afirmou Hinault no final da tirada.

Descer a 90 à hora

Lemond, por seu turno, não escondeu o seu optimismo, dizendo: «Penso que já ganhei o «Tour», mas se tiver algum azar Hinault estará cá para ganhar».

Hinault atacou ao quilómetro 54, tendo Lemond, Steve Bauer e Pello Ruiz Cabestany «colado-se» ao francês volvidos 15 quilómetros. Os dois ciclistas de «La Vie Claire» escaparam-se na descida de La Croix de Fer, ao atingirem uma velocidade vertiginosa de 90 quilómetros-hora, tendo o director do «Tour», Felix Levitan declarado: «Nunca vi nada semelhante...».

O suíço Urs Zimmermann foi terceiro classificado, com mais 5.15 minutos, seguido do colombiano Reynel Montoya, que gastou mais 6.06 minutos que Hinault, enquanto o colombiano Reynel e o francês Yvon Madiot ocuparam os quarto e quinto lugares, com mais 6.06 e 6.21 minutos, respectivamente.

Desistências forçadas

O espanhol Pedro Delgado, um dos melhores trepadores no «Tour» e que ocupava o quinto lugar da geral-individual, retirou-se da prova depois de ter recebido a notícia da morte de sua mãe.

O colombiano Luis Herrera,



Hinault: novo triunfo

que o ano passado ganhou duas etapas do «Tour», abandonou também a volta à França, devido a problemas de saúde.

Dos 210 ciclistas que iniciaram o «Tour» restam 139, sendo hoje dia de descanso da prova.

Classificações

Na etapa: 1.º, Bernard Hinault (França), 5.03,03; 2.º, Greg Lemond (EUA), mesmo tempo; 3.º, Urs Zimmermann (Suíça), a 5.16; 4.º, Reynael Montoya (Colômbia), a 6.06; 5.º, Yvon Madiot (França), a 6.21; 6.º, Andrew Hampsten (EUA), a 6.22; 7.º, Ronan Pensec (França), a 6.26; 8.º, Samuel Cabrera (Colômbia), a 6.34; 9.º, Pascal Simon (França), a 6.45; 10.º, Alvaro Pino (Espanha), a 6.48; e 98.º, Acácio da Silva (Portugal), a 22.49.

Geral: 1.º, Greg Lemond

(EUA), 86.27,11; 2.º, Bernard Hinault (França), a 2.45 minutos; 3.º, Urs Zimmermann (Suíça), a 7.41; 4.º, Andrew Hampsten (EUA), a 16.46; 5.º, Ronan Pensec (França), a 21.34; 6.º, Claude Criquelion (Bélgica), a 22.27; 7.º, Niki Rutimann (Suíça), a 23.37; 8.º, Robert Nillar (Inglaterra), a 26.00; 9.º, Stven Rooks (Holanda), a 26.30; 10.º, Alvaro Pino (Espanha), a 27.46; e 75.º, Acácio da Silva (Portugal), a 1.38.41.

III Volta a Porto Santo

Organizado pela Associação de Desportos da Madeira e tendo como patrocinadores o Governo Regional, a Câmara Municipal do Porto Santo e Caixa Económica do Funchal, realiza-se nos dias 26 e 27 do corrente, a 3.ª edição da Volta a Porto Santo em bicicleta, destinada às categorias de juniores e seniores. A prova será distribuída por 4 etapas no total de 125 quilómetros e o vencedor receberá o prémio de 12 500\$00.

Na sua agenda

Motocross em Águeda

Em 13 e 14 de Setembro próximo, Águeda voltará de novo a ser palco de uma prova pontuável para o Campeonato do Mundo de uma das classes de motocross, deste feita o Sidecar Cross, que pela primeira vez a nível oficial estará presente em Portugal.

Lisboa e Algarve mais próximos

Mais dois comboios directos Diários!

A CP oferece-lhe agora mais e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve.

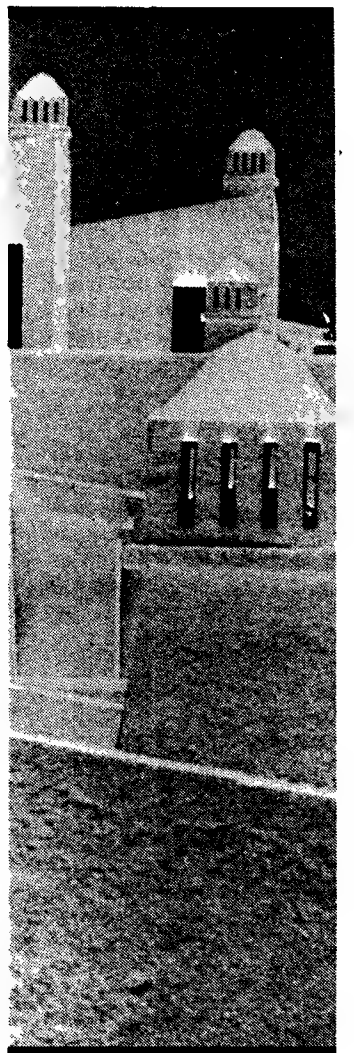
Trata-se de 2 comboios directos com reserva de lugar, ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes 40 minutos.

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens

De um mergulho no Algarve
Ou venha almoçar a Lisboa
De comboio, claro.



Comboio, a opção dinâmica



Futebol nos estádios e nos gabinetes

A sensação situa-se nas indecisões

• Mladenov assina pelo Belenenses

As decisões continuam a merecer a curiosidade dos adeptos de futebol, particularmente no que se refere a benfiquistas e sportinguistas, cujos quadros se encontram bastante desfalcados no confronto com o plantel dos «dragões». No Sporting, espera-se que os contactos estabelecidos no Brasil por João Rocha resultem na contratação de mais um ou dois elementos (Silvinho parece firme em Alvalade), ao mesmo tempo que se espera a fusão de interesses entre o clube e Jaime Pacheco. Quanto ao caso relacionado com Carlos Xavier, admite-se que cheguem a bom termo as negociações que visem a ida do atleta para Coimbra.



Manniche: para quando a decisão?

O Belenenses, ao contratar o búlgaro Mladenov, que recentemente participou no «Mundial» do México, forneceu uma nota de alguma sensação já que aquele futebolista tinha por aí muitos interessados. Trata-se duma aquisição de vulto para o quadro azulino e ao que consta outra estará agendada para breve.

No Benfica, Manniche espera que o presidente o convoque para a reunião anunciada, enquanto o «Record» na sua edição de hoje refere a aquisição do jugoslavo Zivkovic, o que não conseguimos apurar junto dos responsáveis do clube. Também consta que dois futebolistas suecos, bem conhecidos de Mortimore, poderão vir mostrar aptidões à Luz.

No F. C. do Porto, as cedências estão na «ordem do dia». Da saída de Gomes, nada se

diz, e, quanto à contratação de Sousa, Teles Roxo insiste no desmentido. Como se vê a sensação está nas indecisões.

«O Elvas»: apresentação

A equipa de futebol do Elvas, que na próxima época disputa o campeonato nacional da primeira divisão, foi apresentada à imprensa, na sede do clube.

Sob a orientação do treinador Carlos Cardoso, o Elvas terá ao seu serviço, em 1986/87, os seguintes jogadores: **Guarda-redes:** Domingos, Jorge Almeida e Crispim (ex-vitória de Setúbal); **Defesas:** José Carlos, Carapinha, José António, Ribeiro, Mota (ex-Sporting), Ferrinha (ex-Sporting), Covelo (ex-Torreense) e Rui Humberto (ex-Benfica); **Médios:** José Manuel, Miguel, Manaca, Beto, Carlitos, Horácio (ex-Estrela de Portale-

gre) e Amadeu (ex-Académico de Viseu); **Avançados:** Bule, Feijão, Carrasco (ex-Badajoz), Emanuel (ex-Sporting), Roberto (ex-Fluminense do Brasil) e Juanito (ex-Desportivo de Beja).

O clube alentejano está ainda interessado em Padinha, do Benfica, que deverá ingressar no Elvas, se Maniche continuar no clube da Luz.

Rio Ave aguarda paraguaios

A equipa técnica e o plantel do Rio Ave para a próxima época, em que regressa à primeira divisão nacional, foram apresentados no estádio de Vila do Conde.

O presidente do clube, José Maria Pinho, esteve ausente deste acto porque se encontra no Paraguai, onde contratou dois jogadores do Guarany que são esperados sábado no aeroporto de Pedras Rubras. Tratam-se do médio Rolando Chilavert e do avançado Eulálio Mora, que foi o melhor marcador do último campeonato do Paraguai.

A equipa técnica do Rio Ave, que transita da época anterior, é constituída pelo treinador Mário Reis e o adjunto Hermógenes, e os novos elementos apresentados são os guarda-redes: Vítor Manuel (ex-Torralta) Paulino (ex-Boavista); os defesas, Santana (ex-Farense), José Augusto (ex-júnior) Antero (ex-Desportivo das Aves) e Chico Zé (ex-Vianense) e o médio Nando (ex-Torralta).

Inglês e canadiano no plantel do Leixões

O Leixões não vai lutar pela subida à Primeira Divisão, mas por se manter no escalão secundário — disse o técnico Mário Morais na apresentação da equipa para a próxima época de futebol. «Os outros clubes gastam fortunas, e o Leixões apenas vai despendar 20 000 contos», acrescentou o técnico principal do clube da Zona Norte da Segunda Divisão Nacional.

No plantel apresentado no Estádio do Mar, em Matosinhos, integram-se o inglês Bill, vindo do Millwall, e o canadiano Dominique.

Os guarda-redes são Nunes, Serrão e Jacinto João (ex-Sporting da Covilhã) e o restante quadro de futebolistas é constituído por: João Gomes, Chico, Amorim, Ferreirinha, Barreto (ex-Boavista), Jacques, Filipe, Licínio, Pinto Vieira, Nogueira (ex-Lamas), Rui (ex-Paivense), Paulo (ex-Canielo), Reis, Sérgio, Pentead, Paulo Freitas, Fernando Correia (Ex-Castelo da Maia), Gilberto, José António, Silva, Mário Alberto, Tozé e Brandão (ex-Paços de Ferreira).

Após um estágio em Angeiras, a equipa inicia na próxima semana os treinos de campo.

Mário Wilson no Louletano

O futebolista Mário Wilson deverá representar o Louletano na próxima época, clube que será orientado por Carlos Sério e que tem como meta ascender à II divisão.

Para o Louletano também foram contratados os ex-silvenses Luís Fernando, Tito, Virgílio, Nanino, Tó Manel e ainda o quarteirense Carlos André e Avelino, ex-guarda-redes do nacional da Madeira.

Torralta contesta transferência

Um dirigente do Torralta, da III Divisão nacional de futebol, disse que o guarda-redes Vítor Manuel continua ligado por mais uma época àquele clube.

O esclarecimento foi prestado na sequência de Vítor Manuel ter sido dado como reforço do Rio Ave e ter surgido integrado no plantel daquele clube norte-nho, que ontem foi apresentado à imprensa em Vila do Conde.

O mesmo dirigente do Tor-

ralta acrescentou que dada a incorrecção que atribuiu aos responsáveis do Rio Ave, a transferência do jogador poderá eventualmente vir a ser negociada para qualquer clube, à excepção da colectividade de Vila do Conde.

Clubes de elite nos torneios de Espanha

Os clubes brasileiros são este ano os mais numerosos nos torneios de futebol de Verão a realizar na Espanha em Agosto, provas em que está já garantida a participação do Sporting e do Elvas.

As cinco equipas brasileiras já confirmadas vão participar nos Torneios Ciudad de la Linea (1 a 3 de Agosto), Ciudad de Palma (8 a 10), Teresa Herrera, Ciudad de Vigo, Ramon Carranza, Villa de Madrid, Naranja e Valladolid (18 a 20).

O Torneio Ramon Carranza, a disputar nos dias 23 e 24 de Agosto, terá a participação do Sporting Clube de Portugal, Botafogo, Cadiz e Betis.

Entretanto, «O Elvas» parti-

cipa no Torneio «Ciudad de Vigo», a realizar entre 21 e 23 de Agosto, e em que jogam também o Fluminense (Brasil), Real Valladolid e Celta (Espanha).

As equipas estrangeiras já confirmadas para os Torneios de Verão, alguns ainda sem data marcada, são o Fluminense, Flamengo, Botafogo, Cruzeiro e São Paulo (Brasil), Nacional de Montevideo (Uruguai), Sporting e Elvas (Portugal), Steaua de Bucareste, Dinamo de Kiev (URSS), Anderlecht e Liège (Bélgica), Tottenham e Manchester City (Inglaterra), Milão e Sampdoria (Itália).

Entre as equipas espanholas participantes salientam-se o Real Madrid, Barcelona, Sporting de Gijón, Maiorca, Atlético de Madrid, Valladolid, Celta, Cadiz, Bétis e Valência.

Faro: Taça de Honra

Farense e Portimonense disputam nos dias 16 e 30 de Agosto a Taça de Honra da I Divisão da Associação de Futebol de Faro, sendo o primeiro encontro em Faro.

ATRIBUIÇÃO DE MEDALHAS E MONOGRAFIA

LOURES TRADIÇÃO E MUDANÇA (100 anos da sua história)

A Câmara Municipal de Loures, em Sessão Solene a realizar no dia 27 de Julho, pelas 15.00 h, no Cinema da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Loures, vai homenagear todos os eleitos e vogais das Comissões Administrativas, da Câmara, da Assembleia Municipal, das Juntas e Assembleias de Freguesia desde 25 de Abril de 1974 até ao presente e, ainda, as Associações de Bombeiros Voluntários do concelho, bem como a Comissão de Honra das Comemorações do Primeiro Centenário da Formação do Concelho de Loures, atribuindo-lhes medalhas de Prata, Bronze e Monografia «Loures — Tradição e Mudança».

A entrega das referidas ofertas aos homenageados, expressamente convidados para o efeito, terá lugar na Sessão Solene. Quanto às restantes serão as mesmas enviadas pelo presidente da câmara para a residência dos contemplados, num prazo que se deseja breve, dado não ser possível fazê-lo naquela Sessão Solene, por as instalações não comportarem a presença tão numerosa de cidadãos que ao Poder Local Democrático e ao concelho de Loures deram e continuam a dar o melhor do seu esforço.

O Presidente da Câmara
Severiano Pedro Falcão



1886 CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO 1986



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

"Dragões":

festa em Lisboa



Integrado nas comemorações do 16.º aniversário da fundação da Casa do FC Porto em Lisboa, os dirigentes daquela delegação portista reuniram-se, ontem, com os representantes dos órgãos da Comunicação Social, aos quais foi informado, por Arnaldo Pacheco Santos, do programa alusivo à efeméride. Assim, no próximo domingo (dia 27), haverá festa rija na Quinta da Senhora da Paz (Paço do Lumiar, em Lisboa) e Jorge Nuno Pinto da Costa lá estará acompanhado de outros parceiros do executivo do grande clube nortenho, em comunhão dos reconhecidos e apreciados sentimentos de afeição clubista, juntamente com centenas de adeptos da colectividade dos «dragões». Haverá futebol e os dirigentes da delegação lisboeta irão «medir a força futebolística» com os jornalistas num encontro de futebol de cinco; depois os miúdos mostrarão as suas aptidões velocípicas, seguindo-se o almoço de confraternização e, alguns artistas portistas radicados na capital mostrarão o seu talento num espectáculo caracterizado pela fraternidade e convivência bairrista.

Uma festa de união à volta do mesmo emblema, promovida por gente «tripeira» (recorde-se que a delegação conta com 1300 associados) com plena afeição ao clube que constitui um padrão de orgulho nacional.

Microscópio

Canoagem: maratona «Cavaco Verde»

A equipa Eduardo Gomes/Joaquim Gomes (do Nautico de Crestuma), em K2, venceu a 2.ª Maratona de Canoagem «Cavaco Verde», com 22 quilómetros de distância, realizada em Fão. Participaram nesta maratona (pontuável para o campeonato nacional de 1986) onze equipas com um total de 1,8 atletas.

1.º lugar em K1 pertenceu a José Garcia (do Clube Kay) e o 1.º em K1 junior foi António Branco (Recreio de Águeda) tendo Luzia Azevedo (Crestuma) vencido em K1 enquanto Paula Guedes (Crestuma) ficou à frente em K1 (junior femininos). Na modalidade de

C1 a vitória pertenceu a Carlos Cruz (Ka yk).

Remo no «Mundial»

Face aos resultados alcançados nas regatas internacionais de Vichy e campeonatos internacionais de França, em que o skitista Henrique Jorge Capela Baixinho alcançou a medalha de prata (correspondente ao 2.º lugar na final) e o par Jorge Leitão e António Pedro Vieira Nunes que, em Double-Scull, obteve resultados assinaláveis, perante equipas estrangeiras de méritos comprovados, a Federação de Remo resolveu inscrevê-los nos campeonatos do Mundo, que têm lugar em Nottingham de 17 a 24 de Agosto.

DESPORTO

Taça e III divisão: sorteio

Com a participação de 128 clubes, da 3.ª Divisão Nacional e dos «regionais», vai ter lugar a primeira eliminatória da Taça de Portugal, que se realizará no dia 26 de Outubro, com o seguinte programa ontem decidido por sorteio:

ZONA NORTE — Amarante-Pedrouços, Paredes-Ovarense, Mogadourense-Macedo de Cavaleiros, Marco-Gondomar, Santa Maria-Ceramistas, Cezarense-Paivense, Oliveira do Douro-Leça, Arcozelo-Valonguense, Furjães-Joane, Infesta-Merelinense, Amares-Limianos, Ermesinde-S. Martinho, Louzada-Valpaços, União de Lamas-Vianense, Vinhais-Moreirense, Ponte da Barca-Neves, Delães-S. Pedro da Cova, Murça-Valdevez, Vieira-Maria da Fonte e Esposende-Vila Real.

ZONA CENTRO — Argus-Luso, Centro Desportivo Moreirense-Seia, CNazarenos-Carvalhais, Elétrico Ponte Sor-Alcains, Naval Figueira da Foz-Cortegaça, Belmonte-Santacombadense, Caldas-Oliveirense, Benfica de Castelo Branco-Miradense, Cambrés-Sabugal, Oliveira do Bairro-Mealhada, Gouveia-Lousanense, Cernache-Guimense, Viseu e Benficanadia, Usseira-Alcobaça, Tabuense-Marialvas, Oliveira do Hospital-Oliveirinha, Centro Paroquial de Fátima-Amiense, Pessegueirense-Tondela, Bombarralense-Desportivo de Castelo Branco, União de Santarém-Praia da Vieira, Cerrel-Geraldes e Portalegrense-Leiria e Marrazes.

ZONA SUL — Seixal-Santa

Clara, Fronteirense-Lagense, Cartaxo-Pescadores da Costa da Caparica, Campomaiorense-Lusitano de Vila Real de Santo António, Sesimbra-Gavionenses, Piense-Alvorense, Torralta-Atlético de Monsaraz, Amora-Silves, Benfica Águias Sport-Campinense, Quarteirense-Lourinhanense, Vitória de Lisboa-Lusitano de Évora, Odivelas-Quimigal, Louletano-Imortal de Albufeira, Paio-Pires-Juventude de Évora, Santa Iria-S. Lisboa e Olivais, Praiense-Vilafranquense, rep. de Angra do Heroísmo-rep. do Funchal, Olivais e Moscaide-Vasco da Gama, Monte da Caparica-Águias de Camarate, Moura-Cuba, Sintrense-Portel e Cacém-Vialonga.

Data da efectivação desta eliminatória: 26 de Outubro próximo.

3.ª Divisão: começa no dia 7 de Setembro

Igualmente teve lugar, ontem, o sorteio relativo ao campeonato nacional da 3.ª divisão e, no dia 7 de Setembro, teremos a realização da 1.ª jornada com os seguintes confrontos:

Série A — Neves-S. Martinho, Valdevez - Limianos, Valpaços - Amares, Santa Maria-Merelinense, Esposende-Vieira, Vinhais - Ponte da Barca, Macedo de Cavaleiros-Delães e Joane - Vianense.

Série B — Marco-Ovarense, Leça - Oliveira do Douro, Vila Real - Cesarense, Moreirense-Paivense, Lamas - Valonguense, Lousada - Pedrouços, Paredes - Amarante e Infesta-Ermesinde.

Série C — Oliveira do Bairro

- Luso, Seia - Oliveirense, Belmonde - Tabuense, Santacombadense - Tondela, Oliveira do Hospital - Naval, Oliveirinha-Gouveia, Mealhada - Marialvas e Viseu e Benficanadia.

Série D — Lousanense - Nazarenos, Marrazes - Portalegrense, Benfica e Castelo Branco - Ferrel, Guimense-Bombarralense, União de Santarém-Alcains, Centro Paroquial de Fátima - Elétrico de Ponte de Sor, Alcobaça - Caldas e Usseira - Miradense.

Série E — Sport Lisboa e Olivais - Casa Pescadores da Caparica, Praiense - Cacém, Vialonga - Cartaxo, Quimigal - Santa Iria, Odivelas - Vilafranquense, Campomaiorense - Santa Clara, Fronteirense - Sintrense e Vitória de Lisboa - Olivais e Moscaide.

Série F — Campinense - Alvorense, Juventude - Silves, Moura - Seixal, Torralta-Sesimbra, Amadora-Piense, Atlético de Reguengos - Lusitano de Évora, Quarteirense - Vasco da Gama e Imortal - Louletano.

Ténis: Taça Davis

Os Estados Unidos asseguraram a sua passagem às meias-finais da Taça Davis em ténis, ao conseguirem a vantagem de 3-1 frente ao México em confronto disputado na Cidade do México.

O norte-americano Tim Mayotte necessitou de quatro horas para derrotar o mexicano Leo Lavalle, campeão júnior de Wimbledon, pelos parciais de 7-5, 4-6, 0-6, 6-4 e 9-7.

Com esta vitória, os Estados Unidos ficam apurados para defrontar a Austrália na fase seguinte da prova entre 3 e 5 de Outubro.

A Suíça venceu a Hungria por 3-2 nas meias-finais da zona «B» europeia após a realização de uma jornada que tinha sido adiada devido à chuva.

No último dia do encontro o veterano húngaro Balazs Taroczy venceu o suíço Roland Stadler, por 4-6, 7-5, 6-8, 10-8, 6-4, enquanto o seu compatriota Sandor Csepai foi batido pelo naturalizado suíço Jakob Hssek, por 6-2, 6-3, 6-4.

Bibliografia desportiva

Coincidindo com o «I Clinic Setemetros» que contou com o apoio da Associação de Andebol de Lisboa, a revista «Setemetros» acaba de lançar um novo título: «Cadernos Setemetros». Como se pode verificar na «nota prévia», trata-se de uma iniciativa que persegue objectivos idênticos aos da própria revista: permitir, através de textos de qualidade, o enriquecimento do andebol português.

Serão tratados temas actuais,

com artigos que pela sua extensão não teriam cabimento na «Setemetros». Neste número são abordados dois assuntos: a Evolução dos sistemas defensivos (por Miguel Roca) e o sistema defensivo 3:2:1 (da Federação Catalã de Andebol, com base em texto do jugoslavo Hasanefendic, treinador da selecção suíça).

Os pedidos poderão ser feitos para a sede da revista «Setemetros».

COMUNA
TEATRO PESQUISA
ESTREIA
SEXTA-FEIRA

TOURO

Texto: ABEL NEVES
Encenação: JOÃO MOTA
TERÇA A SABADO AS 21.30 H
DOMINGO AS 17 H

veja teatro a preços reduzidos
TERÇA-QUARTA-QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00

PR. ESPANHA (T. 726 0818)
SUB. SEC M/12 A
APOIO F. GULBENKIAN - R. COMERCIAL

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OBRAS

ANÚNCIO

No 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Oeiras, correm editos citando o Réu ARTUR NUNES ANTUNES, com última residência conhecida na Praceta da Índia n.º 10 em Linda-a-Velha, para comparecer neste Tribunal no dia VINTE E CINCO DE JULHO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA E SEIS, pelas 10 horas, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à tentativa de conciliação nos autos de Acção de Despejo n.º 122/85, da 2.ª secção, que lhe é movida por António Lopes Farinha. No caso de não comparecer qualquer das partes ou de não se obter acordo, deverá contestar a acção no prazo de DEZ DIAS, a contar daquela data, consistindo o pedido do Autor em o citando ser condenado a despejar o rés-do-chão direito do prédio sito na Praceta da Índia n.º 10 em Linda-a-Velha, e bem assim a pagar ao Autor as rendas vencidas e vincendas.

A falta de comparecimento quer do Autor quer do Réu, não é motivo de adiamento.

Oeiras, 11 de Julho de 1986

O Juiz de Direito
Álvaro Dionísio de V. Rodrigues
A Escrição
Suzela Inácio Clemente M. da Silva

D.L. 22/7/86 — 1.ª pub.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção de Processos do 2.º Juízo da Comarca de Torres Vedras, correm editos de VINTE dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos nos autos de Acção Especial de Divisão de Coisas Comuns, registados sob o n.º 31/86, que os Autores — Júlia Natália Marques Custódio e marido Amadeu Guedes Custódio, residentes no Bairro Novo, Alto dos Molinhos, Rua A, n.º 38, Pendão, Queluz, Sintra, movem contra os Réus — Alda de Jesus Marques e marido João António Marques, Pedro Manuel Marques e mulher Maria do Carmo Marques e Ivo Horácio Marques e mulher Maria Dolinda dos Santos Jorge, todos residentes em Macieira, A-Dois-Cunhados, Torres Vedras, para no prazo de DEZ dias, posterior àquele dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens objecto da divisão, sobre que tenham garantia real.

Torres Vedras, 8 de Julho de 1986

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,
(a) Henrique Manuel da Cruz Serra Baptista
O Escrição,
(a) Luís Manuel Dias Correia Seco

«DL» 22/7/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

— FAZ-SE SABER que pela 1.ª Secção do 4.º Juízo Cível de Lisboa correm seus termos uns autos de Acção de Despejo, registados sob o n.º 2497, em que são Autores Maria Olívia Soares Gomes, Maria Ana Cabaço Freire Gomes e António Freire Gomes e Réu MANUELA GONÇALVES DE CARVALHO, cuja última residência conhecida em Juízo foi na Rua Professor Lima Bastos, 75-3.º Esq.º em Lisboa, e neles correm editos de TRINTA DIAS, citando a Ré para comparecer pessoalmente neste Juízo no próximo dia 21 de Outubro, pelas 10 horas, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à tentativa de conciliação nos referidos autos, que lhe são movidos pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta Secção à disposição da cidadã. — Fica ainda citada para, no caso de não comparecer ou de não se obter o acordo das partes, contestar a acção, no prazo de DEZ DIAS, a contar daquela data, sob pena de ser condenada no pedido.

Lisboa, 16 de Julho de 1986

O Escrição Adjunto
a) Francisco Antunes do Nascimento
O Juiz de Direito
a) José David Pimentel Marcos

«DL» 22/7/86 — 2.ª Pub.

EDITAL

RUBEM AMARAL JÚNIOR, conselheiro adjunto do Brasil em Lisboa faz saber que a cidadã brasileira MARIA DO CARMO SANTOS DOMINGOS, filha de Bento Domingos e de Maria Manuela Fladeiro Santos Domingos, pretende casar. Se alguém souber de algum impedimento, oponha-o na forma da Lei na Chancelaria do Consulado-Geral do Brasil em Lisboa, sita à Praça Luís de Camões, n.º 22-1.º Esq.º.

Lisboa, em 12 de Maio de 1986

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

8.º JUÍZO

ANÚNCIO para citação dos credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado DOM ALGODÃO - INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES, LDA., com sede na Rua da Trindade, n.º 36-A em LISBOA, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

Lisboa, 9 de Julho de 1986

O ESCRIVÃO ADJUNTO,
Luísa Vaz Pinto

O JUÍZ
Jorge dos Santos

D.L. 22/7/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º Juízo

P.º 5559/86 — 1.ª Sec.

ANÚNCIO

O DOUTOR AMÍLCAR JOAQUIM CORTEZ NEVES, Juiz de Direito do 7.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

FAZ SABER que por este Juízo e 1.ª Secção, nos autos de Execução Sumária, registados sob o n.º 5559/86, correm editos de TRINTA DIAS citando o executado JOAQUIM OLIVEIRA DA SILVA, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Vivenda Grisel, Barata, em Mem Martins, para no prazo de cinco dias, após o dos editos e que se conta a partir da segunda e última publicação do anúncio, pagar à exequente COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P., com sede na Rua Garrett, 56, em Lisboa, a quantia de Esc. 6932\$00, acrescida de juros vencidos, deduzir oposição ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente esse direito, conforme melhor consta na petição inicial, cujo duplicado se encontra à disposição nesta secretaria, sita no 5.º piso do Palácio da Justiça.

Lisboa, 23 de Maio de 1986

O JUÍZ DE DIREITO
Amílcar Joaquim Cortez Neves

A ESCRITURARIA
Maria Margarida Pradêncio
Ricardo S. Neves

«DL» 22/7/86 — 1.ª Pub.

É a 32ª produção do grupo

"Touro" dentro de dias na Comuna

A COMUNA — Teatro de Pesquisa vai estrear dentro de dias um novo espectáculo com que encerrará a temporada teatral de 85/86, e que irá dar a conhecer ao público um novo texto português: «TOURO» original de Abel Neves, um jovem dramaturgo que a Comuna revelou o ano passado quando da estreia do Novo Teatro da Praça de Espanha, com a peça «AMADIS» que alcançou grande êxito, ultrapassando as 100 representações, o que constituiu um caso raro da dramaturgia portuguesa contemporânea. Abel Neves é elemento da Comuna, onde também participa como actor, desde 1979, após a frequência do 1.º Curso de Formação de Actores levado a cabo pelo grupo. De novo a Comuna aposta na dramaturgia portuguesa, base de mais de 80% dos espectáculos apresentados pelo grupo em 14 anos consecutivos de actividade. «TOURO» será a 32.ª produção da Comuna e será apresentada até final de

Agosto.

«A touraria não é uma diversão, é festa. A praça de uma corrida de touros é definida por um círculo preenchido de terra. Nele se desenvolve uma coreografia de passes que ganham emoção quando a compreensão da investida do touro é superior à própria geometria da dança. Neste encontro subtil e apaixonado, é possível viver o mais indizível dos sentimentos: a comunhão da alma com a eternidade. Mas celebração antiga é também o Teatro. Como não lembrar os círculos teatrais na paisagem grega? Tragédia é o termo que o Teatro justamente oferece às artes para que algumas delas, muitas vezes, possam definir-se melhor, ou até engrandecer-se. A tauro-maquia faz viver as possibilidades da tragédia.

No Teatro indica-se a tragédia, no tauródromo ela revela-se.

O teatro e a festa taurina são, por excelência, artes de redução e expansão, isto é, capazes de

maior optimismo utilizando simplesmente o que é essencial: o homem e o seu duplo.» (in programa de «TOURO» de Abel Neves)

«TOURO» tem encenação de João Mota, música original de Carlos Mendes, figurinos de Carlos Paulo, direcção de toureiro de salão de Álvaro Catoja, execução de trompete de Luís Ramos, adereços de Carmen Marques e Jorge Loureiro, montagem de Carlos Delgado, Quim F. Silva e Abílio Apolinário, assistência de encenação de Paulo Ferreira e coordenação geral de Conceição Cabrita.

A interpretação está a cargo de todo o elenco da Comuna: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Carmen Marques, Cecília Sousa, Carlos Paulo, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede e Paulo Ferreira.



Fine Young Cannibals

"Blue": um protesto e uma tristeza

«Blue» é o nome do álbum dos Fine Young Cannibals, uma banda que tem como lema o conceber bonitas canções. O LP é um dos mais cotados na música pop-soul, do ano. Formam o grupo Andy Cox, como guitarrista David Steele, como baixista e pianista e Roland Gift, como vocalista.

Ora o vocalista é a única novidade em termos da cena musical pop, pois tanto Andy Cox como David Steele fizeram parte dos Beat, grupo que surgiu há pouco mais de seis anos, na mesma altura dos UB 40, os Duran-Duran ou os Dexys Midnight Runner.

Dos Beat, o primeiro êxito foi uma versão do tema «The Tears of a Clown». Depois de algumas

digressões pelos Estados Unidos, os Beat constituídos por Ranking Roger e Dave Navealing, além dos já citados, cabaram por se desfazer. Foi nessa altura que Steele e Cox resolveram preparar o terreno para formar aquilo que é hoje os Fine Young Cannibals.

O primeiro «single» da banda foi «Johnny Come Home» que entrou directo para a sétima posição do «topo» londrino. Claro que aqui já entra Roland Gift, descoberto num bar londrino, pelos ex-Beat, que encontraram exactamente a voz que queriam.

A produção de «Blue» está a cargo de Robin Millar, o produtor dos últimos álbuns de Sade. Como convidados estão presentes os músicos Graeme Hamil-

ton, no trompete e Marton Parry, na bateria. Entre os temas do álbum destacam-se a versão do tema de Elvis Presley, «Suspicious Minds», a introdução do êxito «Johnny Come Home» e ainda «Blue», ou «Like a Stranger».

Oriundos de Birmingham, os Fine Young Cannibals têm como temas preferidos a reacção contra o racismo, ou a política repressiva... E dentro deste âmbito que protestam contra a política da «dama de ferro» no seu país e, mais precisamente, na cidade natal do grupo, local de cenas violentas. O autor das letras das canções é Roland Gift, que naturalmente influenciado pelo que o rodeia deixa transparecer uma certa tristeza no que escreve.



Toscanini: o homem e a lenda (1)

Ele era um artista de primeiríssimo plano e também um ser humano que, acima de tudo, lutava pela democracia. Durante o domínio de Hitler, ele renunciou às duas coisas que lhe eram mais caras: o festival anual de Bayreuth e a Itália do seu coração, o país onde nascera e que sempre amou.

Pelo facto de não admitir nenhuma regra de vida oposta, às instituições democráticas, Toscanini renunciou às duas coisas que lhe eram mais caras: o festival anual de Wagner em Bayreuth e, algum tempo mais tarde a Itália do seu coração, o país onde tinha nascido e amava de todo o coração.

Reger a orquestra, na representação dos dramas musicais de Wagner e no próprio teatro que este constituiu, significava, para Toscanini, o apogeu da sua carreira. Nunca recebeu, pelo serviço, renumeração de qualquer espécie. «Não posso», explicava. «Ficaria com a impressão que estava a roubar dinheiro a Wagner». Mas, quando Hitler, começou a perseguir desumanamente artistas e outras pessoas, por motivos raciais, o maestro, com as suas farras de cabelos brancos e as suas feições patricias, corpo ginasticado e espírito ardente, não hesitou um momento: abandonou a regência da orquestra de Bayreuth.

A Itália, era, para Toscanini, a sua pátria. Nada lhe falava mais ao coração, que o colorido das suas paisagens, a doçura da terra natal. Contudo, desde o Verão de 1939 que deixou de visitar a sua terra.

Toscanini já foi apelidado de «o primeiro músico do mundo». Tal eminência, suscitou a criação de lendas e como ele, naturalmente, nunca se dava ao trabalho de rectificar ou desmentir, ainda que fossem as anedotas mais fantásticas, o resultado, — é que estas proliferaram. A sua filosofia de vida era transparente, o que não impedia que muita gente não achasse que ele era um homem misterioso.

Havia realmente em Toscanini aquela simplicidade que é tão própria das crianças e dos realmente grandes. Talvez ele tivesse sido, no

seu ofício, um grande tirano. Era o autocrata da música, sobre quem então se contaram histórias mirabolantes. Por exemplo, contava-se que, quando as coisas não corriam como lhe agradava, atirava a batuta aos músicos, escangalhava o relógio, rasgava as partituras e batia com força com os pés. De qualquer modo, parece não ter deixado de haver certa base para as histórias que se contavam. O próprio Toscanini dizia ter em si dois homens, com a circunstância de que um não podia controlar o outro.

O segundo Toscanini, aquele que os seus amigos com tanto agrado conheceram, nada tinha de tirano. Gostava de uma reunião alegre ou de uma palestra íntima e tranquila. Até em matéria de música era ameno e tolerante, não desprezando a música ligeira. Um dia foi surpreendido no seu estúdio, a tocar ao piano um trecho de música popular americana, enquanto a neta, uma pequerrucha de cinco anos, manejava uma batuta. «Ela marcou o compasso com acerto», vangloriou-se o babado avô.

Outra lenda que foi muito divulgada, era a do seu pendor para o isolamento, mas isso não era em absoluto verdadeiro. A National Broadcasting Company — NBC — preparou-lhe excelentes acomodações que lhe permitissem, quando ali fosse reger a orquestra, em concertos radiofónicos, segrega-se do tumulto e das multidões da Rádio City, cidadela do rádio e do cinema de Nova Iorque. Mas ele só se utilizava das referidas instalações quando tinha de mudar de roupa. Circulava por todo o edifício, visitava escritórios, conversava com toda a gente. Quanto mais tocava o telefone e quanto mais se acentuava o barulho daquela casa, mais feliz ele se sentia.

APOIO Diário de Lisboa

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

De 3.ª a Sáb., às 21.30 h
Sáb. e Domingos,
também às 16 horas

A BARRACA
Rua Alexandre Herculano, 70 — 1200 Lisboa

PROCURA-SE!

0000\$00

2.º MÊS • Ar condicionado

MARIA DO CÉU GUERRA

música

António Cardoso
direcção

Helder Costa

RESERVAS - TEL. 686300

Era uma vez...e depois

Porfirio Alves Pires



Duas artistas no Atelier 15. Aguarelas, acrílicos e monotípias em pequenos formatos para contar histórias dum quotidiano (seria tentado dizer intimista) que relata coisas simples. A arte assumida como memória, o que de resto a arte sempre é. Memória conjugada no tempo presente para um discurso de formas que a nível estético procuram o devir, e no plano das referências um passado mais ou menos cadente.

Nesta exposição duas formas de permanência na arte de Coca: um tapete de desenho concêntrico; uma boneca de trapos. Na cor, o verde fulgurante do tapete e os cinzas avermelhados da boneca.

O cenário, um interior onde às vezes há vasos com flores, onde às vezes há luminosidade, onde sempre há transparências e uma fractura de cor que parte o cenário em dois. Globalmente, pintura que oscila entre a precisão da figuração e um clima onde tudo se esbate, resultando num segredar de meias-palavras, confidenciais do dito

e do não-dito.

Muitas histórias na arte de Teresa Folha. Muitas histórias e sempre a mesma. «Era uma vez um peixe» e «era uma vez um pardal» e «era uma vez uma borboleta» e era uma vez uma artista que dos seus encontros casuais faz a expressão duma vivência. Ao virar da esquina lá

estará sempre a pequena surpresa que Teresa Folha prenderá na técnica complexa das suas monotípias, procurando a exuberância formal do feliz encontro, a singeleza do tema envolto em deslizes de cor e num desenhador aberto, aberto na página e na disponibilidade do motivo estético. E este motivo estético prende-se e desprende-se num emaranhado de formas e na subtilidade da cor, soltando-se uma representação de textura que confere grande presença a estas obras.

Cocas e Teresa Folha, no Atelier 15, pequenos formatos a contar duas vivências diversas, mas que expostas na parede se coadunam perfeitamente.

A bela portuguesa de Agustina

Bela portuguesa é uma roseira que dá rosas cor-de-rosa por alturas da Páscoa não há jardim portuense, que se preze, que não a tenha, entre outras trepadeiras e canteiros de buxo, pois é vistosa e cheira bem... É também uma peça de teatro, escrita por Agustina Bessa-Luís, texto que dentro em breve veremos em cena na Casa da Comédia, sob a direcção de Filipe Faria. Provavelmente, estreará no dia primeiro de Agosto, se o encenador achar

que o espectáculo está capaz de se mostrar.

Conhecemos a Agustina dos romances e das biografias. Das suas incursões pelo teatro somente sabíamos que, uma vez, ousara ser dramaturga com a peça «O Inseparável». Mas a escritora disse, no lançamento do seu livro, uma edição Rolim, que sempre privilegiara o teatro e, se tão raramente se atreveu a tentar esse género literário, é

porque ele «não permite a dispersão».

Mas é sensível ao teatro, desde a infância que com ele convive: «Já a minha mãe, nos pequenos teatros de família, era conhecida pela divina Laura...», e ela própria representou, vencendo a sua timidez, nas festas de colégio. E porque não o teatro? Onde se pode soltar a imaginação, o que de resto se coaduna com o temperamento de

Agustina. «Sim, nunca gostei de fazer pontos escritos», disse a propósito das biografias que, entretanto, escreveu, mais para provar que a disciplina mental não exige curso universitário. Assim, respondeu às acusações que frequentemente lhe dirigem.

E ainda acrescentou que «a história é um romance feito e a ficção... um romance inventado». Agustina prefere inventar...



Uma cena da peça «Avareza, Luxúria e Morte na Arena Ibérica», pelo Teatro Ibérico

Teatro

• O Teatro Ibérico continua em cena no seu espaço (R. de Xabregas) com a peça «Avareza, Luxúria e Morte na Arena Ibérica», de D. Ramón del Valle-Inclán, dramaturgo espanhol de quem se comemora este ano o cinquentenário da sua morte. Este espectáculo, cuja encenação é de Xosé Blanco Gil, integra-se nas Comemorações do Cinquentenário da morte do autor, para o qual, e devido à importância cultural deste projecto, o Ministério da Cultura de Espanha atribuiu um subsídio especial de montagem. Entretanto, prossegue a carreira de «Avareza, Luxúria e Morte na Arena Ibérica», contando com a tradução de Norberto Ávila, música original de Luís Cília e interpretação de Lia Gama, Lídia Franco, Jorge Sousa Costa, António Cruz, Manuela Cassola, Francisco Soromenho, António Filipe, Argentina Rocha, Custódia Gallego, Miguel Martins e Alfonso Blanco. O espectáculo está em cena de terça a domingo pelas 21.30 horas e aos estudantes e reformados é concedido um desconto de 50 por cento.

• No Porto, na Sala da Cooperativa do Povo Portuense, a companhia de teatro Seiva Trupe apresenta diariamente, pelas 21.45 horas, a peça «Toda a Nudez Será Castigada», de Nelson Rodrigues. A encenação é de Angel Facio e a interpretação está a cargo de António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, Luís Cunha, Alfredo Correia, Glória Férias e Lurdes Rodrigues.

• A III Festa de Teatro de Almada, hoje no seu penúltimo dia, apresenta dois espectáculos: no Palco da Esplanada, pelas 21 horas, Francisco Naia e João Pimentel realizam um concerto de música popular, enquanto no Pátio do Prior do Crato, com início às 21.45 horas, o grupo de teatro da Sociedade Guilherme Cossoul leva à cena a peça do brasileiro Oswald Andrade, «O Rei da Vela».

Música

• O segundo dos três concertos da Orquestra Sinfónica de Zurique tem lugar esta noite, em cenário de rara beleza, o claustro do Mosteiro dos Jerónimos, pelas 21.30 horas. O programa incluirá a «Pastorale d'Été», de Honegger, o concerto para clarinete de Kurpinsky (clarinete: António Saiote), a Sinfonia n.º 2 de Beethoven e outra obra em primeira audição em Portugal, «Aurora e Danza a Marena», de outro autor suíço, Heinz Marti. António Saiote, natural de Loures, iniciou os seus estudos musicais na banda local, entrando para o Conservatório Nacional de Lisboa em 1973, onde concluiu o curso de Clarinete na classe de Marcos Romão, com a máxima classificação. Estudou posteriormente com Guy Deplus e Jaches Lancelot, em França e Gerd Starke, Munique, como bolseiro da Fundação Gulbenkian. Actualmente é professor no Conservatório Nacional de Lisboa, membro do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e Director do Ensemble Português de Clarinetes.

Exposições

• No âmbito da «I Expo-Portugueses D'Além Mar e Seus Parceiros», a decorrer na F.I.L., está patente ao público uma exposição/venda de cerca de 500 obras de 90 dos mais conceituados artistas brasileiros contemporâneos, representativos de um variado leque de estilos e técnicas, que vão da tapeçaria à litografia e pintura a óleo.

• Na Galeria do Jornal de Notícias (R. de Gonçalo Cristovão, 195, Porto) está patente, das 14.30 às 19.30 horas, a exposição de fotografias de Cristóvão Dias, de 1983/85.



**III FESTA
DE TEATRO DE ALMADA**

PÁTIO DO PRIOR DO CRATO-ALMADA VELHA
8 A 23 JULHO 1986

HOJE

DIA 22
21.45 h — O REI DA VELA, de Oswald de Andrade
Grupo de GUILHERME COSSOUL. ENC. Hermínio
Fernandes

AMANHÃ

DIA 23
21.45 h — D. AFONSO DE HENRIQUES
O BANDO. ENC. João Brites



Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24 h

Alfa 2

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa 3

JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 18.45, 21.30 e
00.15 h

Alfa Club

T. 763319

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Amoreiras 3

LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24.00 h

Apolo 70

VIVER EM MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Avila

— T. 539930

007 — ORDEM PARA MATAR
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e
23.45 h

Avis

— T. 547163

GELDADO LIMÃO
(maiores 16 anos)
14.30, 18.30 e 21.30

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

LOVE YOU (AMO-TE)
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e
23.00 h



Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteiro e Estúdio 444

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cineholso

SEXO AO VIVO
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19 e
21.30 h

Cine Camões

T. 324194

BORSALINO
(não acons. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222

— T. 579460

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(não acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O SANTO EM ACÇÃO
(n/ acons. a men. 13 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

COTTON CLUB
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

VAMPIROS EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
15.30, 21.30 h

City Cine

— T. 549999

APOCALIPSE NOW
(não acons. men. 18 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h
KRULL, PARA ALÉM DA IMAGINAÇÃO
(maiores 6 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

O HOMEM DE DUAS CARAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

O VIGILANTE
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

RAMBO II
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

CÓDIGO DE SILÊNCIO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

O JOGO DE MÃO
(maiores 12 anos)
16.00, 19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

CONAN — O DESTRUIDOR
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e
23.45 h

Sala 2

ABSOLUTE BEGINNEES
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e
23 h

Imperio

— T. 555134

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

OS DEZ MANDAMENTOS
(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas

— T. 574362

O ROMANCE DE MARTHY
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

JOÃO BRONCAS — O MAIOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

A INSACIÁVEL
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

O VINGADOR DA NOITE
(int. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

AS BICICLETAS SÃO PARA O VERÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

ANGÚSTIA DE VIVER
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
UM LOBISOMEM AMERICANO
(maiores 16 anos)
23.30 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A NOITE FEZ-SE PARA AMAR
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4

PIXOTE A LEI DO MAIS FRACO
(int. a men 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
UM LANCE NO ESCURO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Restelo

T. 610375

ENCERRADO

Cinema Rex

MULHER DEPUTADA... MARIDO FALHADO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

GELADO DE LIMÃO V
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxa

T. 548560

O ÚLTIMO COMBOIO DE GREN HILL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

OS DIAMANTES SÃO ETERNOS
(n/ acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e
23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e
21.30 h

Tivoli

— T. 570595

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

A EXPERIÊNCIA DE FILADELFIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

O PREÇO DO PECADO
(n. acons. men. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Última Reportagem», às 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Fúria da Dança», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Babilónia, «Gente gira n.º 1», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Cineteatro Chaby — Descanso
Estúdio Dois Eme — «África Minha», às 21.30 h (maiores 16 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Operação Relâmpago», às 17.00 e 21.15 (m. 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Homens em Tróia», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Juventude Inquieta», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 6 anos)

Sala 2 — «A Noite do Espanto», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CASCAIS — Miramar/Sala 1 — «África Minha», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «A última reportagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Noite de Espanto», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Oxford — «Noite de Espanto», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Cotton Club», às 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Academia — «O Alvo», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «África minha», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Justiciero de Nova York», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos)

CRUZ DE PAU — Lord — «Era Uma Vez na América», às 16.00 e 21.00 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Pela Noite Dentro», às 15.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cine-Tropical — «Sky Pirates — A Grande Aventura», às 16.00 e 21.00 h (n. acons. men. 13 anos)

MOSCAVIDE — Stop — «Divórcio em Hollywood», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Desaparecido em Combate», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Cineoceano — «O Alvo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Gente Gira», às 16 e 21.30 h (n. acons. men. 13 anos)

Lisboa — PERMANENTE

ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Maribel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **BENFICA - BAIRRO DAS PEDRALVAS:** Gouveia, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja, Dt.ª (T. 707500); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA:** Santos Silva, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **ESTRELA - INFANTE SANTO:** Alb. R. de Santana à Lapa, 156 (T. 663562); **INTENDENTE - CINEMA ROXY:** Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **POÇO DOS NEGROS:** Modellar, L. Dr. António Sousa Machado, 7 (T. 608896); **REGO:** G. Silva, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **ALTO DE SANTO AMARO:** Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS:** São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SÃO VICENTE:** Rosa & Viegas, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **SALDANHA:** Carreira, Av. Duque de Avila, 32-C (T. 543495); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE:** Quejas, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA:** Vidal Reis, Urbanização Alformelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS:** Leitão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA:** Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALCÁNTARA:

Nogueira, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **ALTO DE SÃO JOÃO:** Oriente, R. Lopes, 120 (T. 843381); **BAIXA:** Unifia, R. da Vitória, 21-23 (T. 323793); **CAMPO DE OURIQUE:** Porfírio, R. Francisco Metras, 59-B (T. 663349); **CHILE:** Bastos, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO:** Salas, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO:** Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À TEATRO POPULAR - AVENIDA DA REPÚBLICA:** Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379); **PICHELEIRA:** Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA:** Sousa, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO:** São Sebastião, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — AL-

MADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Guerreiro, lote 31, II, Moimho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FELJO:** Tovar Chaves, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SE-SIMBRA:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADÃO:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANEIRA:** Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA:** Matos Lopes, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355).

Até às 22 horas; **SEIXAL:** Central, E. Nacional, 9, Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Cunha Pinheiro, E. da Canariinha, 32 (T. 29215). Permanente; **Marques, R. Aronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Permanente; Leão Soromenho, R. Machado Santos, 24 (T. 22691). Até às 22 horas.**

Linha de Cascais — AL-

GÊS: Cabrita, P. Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE-CHE:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Pargana, Av. Eng. Bonnevillie Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS:** Oeiras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS:** Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737); **CARCAVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PA-REDE:** Aislar, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMA-

DORA: Dias e Brito, Av. Marques de Pombal, 45-A (T. 4940118). Permanente; **Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Até às 22 horas; DA-MAIA:** D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **AGUALVA:** Guerra Rico, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS:** Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES:** Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias —

MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM:** Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES:** Saraiya, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

TEATROS

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

«VOLPONE», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernando Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 (Tel. 686300)

De 3.ª a sáb., às 21.30. Sáb. dom. às 16.00

«CLAMITY JANE» uma mulher de armas ou o Monólogo da Vaqueira. Dramaturgia e encenação de Helder Costa. Interpretada por Maria do Céu Guerra.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — T. 66 15 15

Sexta, sábado e domingo.

«O MISTÉRIO DO BOI SURUBIM», pelo grupo brasileiro Feliz Meu Bem.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt (Tel. 734309)

Sábado e de segunda a quinta às 21.30

Domingos às 15.00

«O FIM» de António Patrício. Encenação de Jorge Listopad. Cen/fig. de Nuno Carinhas. Música de Paulo Brandão. Intérpretes: Carmen Dolores, Carlos Wallenstein, Filipe Ferrer, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Silva, Maria Amélia e Ricardo Rosa.

Casa dos Tabuenses

R. Poais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkyn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246 Sala Garrett.

De 3.ª a sáb. às 21.30; dom. às 16.00

«MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS», de Bertold Brecht. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Interpretado por: Eunice Muñoz, Irene Cruz, Rui de Carvalho, Rogésio Paulo, Francisco Pestana, São José Lapa, Carlos Daniel, entre outros.

Teatro Iberico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Teatro do Século

R. do Século 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«OS NEGROS», de Jean Genet. Encenação: Rogério de Carvalho. Intérpretes: Gucha Carvalheiro, Lucinda Loureiro, José Nogueira Ramos, Miguel Guilherme, etc.

Teatro Oficina

R. S. Mamede (ao Caldas), 19
Sexta, sábado, domingo, e seg., às 21.30

«COMANDO PARA A MORTE» de Alfonso Sastre, com prólogo de Fernando Dacosta. Encenação de João Barros.

Teatro São Luiz

R. António Maria Cardoso, 40 — Tel. 26 53 59

«A CASA DE BERNARDA ALBA», de Garcia Lorca, pelo Grupo de Teatro de Camide.

Quinta, 24

«COMANDO PARA A MORTE», de Alfonso Sastre, pelo GOTA.

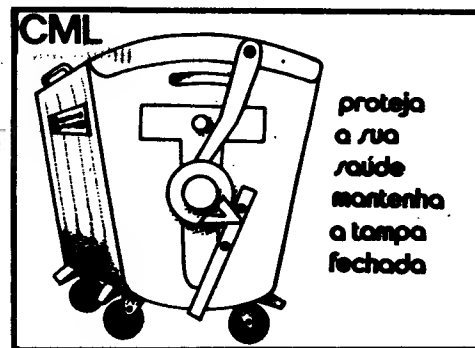
Festival do Teatro Amador de Lisboa.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00

«O CORONEL EM DOIS ACTOS», Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

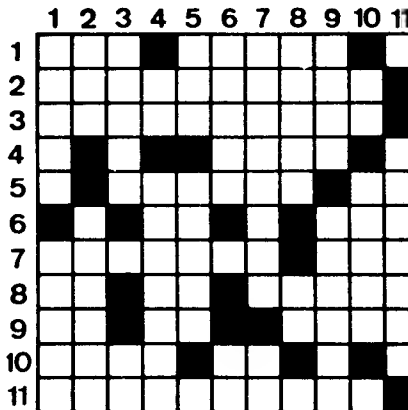


PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 780

HORIZONTAIS:

- 1 Preposição. Qualquer ali-
- 2 Emparelhamento.
- 3 Casais.
- 4 Anéis.
- 5 Cortas com serra. Porco.
- 6 Despido. Coragem.
- 7 Pequeno bastão de madeira que se leva na mão e serve de apoio durante a marcha. Para Barlavento.
- 8 Grande ribeira da Ásia Russa. Nesse lugar. Apelido.
- 9 Vê. Nosso Senhor. Molesta.
- 10 Língua vernácula indiana. Sua majestade.
- 11 Nome de peixes.



VERTICAIS:

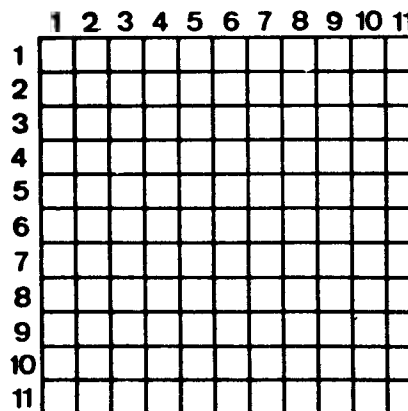
- 1 Cidades de Espanha. Palmatodadas (pl).
- 2 Fútil. Recreio.
- 3 Sugos o leite materno. Cinquenta e um em romano (in).
- 4 Pronome reflexo. Seduzem.
- 5 Utensílios domésticos. Sais frequentemente à rua.
- 6 Sacerdócio (fig.) Serviço nacional.
- 7 Adejaram. Pronome pessoal.
- 8 Instrumentos para atirar setas. O mais.
- 9 Sadios. Variedade de milho miúdo.
- 10 Artigo definido. Vaidosos.
- 11 Permeáveis.

Resoluiu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 618

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho e distrito de Braga. Duzentos em romano.
- 2 O mesmo que aromatizassem.
- 3 Apelido. Inerente.
- 4 Ave Perna. Correios Telégrafos e Telefones (abrev.).
- 5 Gálio (s.q.). Casta de uva cultivada em Portugal.
- 6 Anel. Engolis (pop).
- 7 Fátia.
- 8 Criticavam (fig.). Basta!
- 9 Fecho as asas para descer mais depressa. Concede.
- 10 Preposição. Desembainha.
- 11 Tragédia de Shakespeare. Empregaria.



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Pinhel. Dogura.
- 2 Guameceram de arames. Pronome pessoal.
- 3 Apelido. Sufixo que designa abundância.
- 4 Estimo. Educar.
- 5 Que ou aquele que castiga.
- 6 Arsenio (s.q.). Duas consoantes desiguais. Ruténio (sq).
- 7 Pertences. Bofetadas.
- 8 Compreendem. Irmã.
- 9 Apelido. Crómio (s.q).
- 10 Zomba. Atração.
- 11 Nome de jogo. Tosta. Seguir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 779

HORIZONTAIS:

- 1 NUNCA. FALTA.
- 2 Árias. Aba.
- 3 VA. Osaca. VS.
- 4 Ena! Apartou.
- 5 Lontras. Usa.
- 6 Arar. Ba.
- 7 Tosara.
- 8 Mac. Atrás.
- 9 Tranque. Da.
- 10 Arau. Gari.
- 11 Mama. Elares.

VERTICAIS:

- 1 Navelim. UM.
- 2 Urano Mt.
- 3 Ni. Anataran.
- 4 CÃO. Trocara.
- 5 Assaras. Na.
- 6 Apara. QUE.
- 7 Aças. Rau.
- 8 Abar. Bâtega.
- 9 La. Tua. Ar.
- 10 VOS. LADRE.
- 11 Assuão. Sais.

PROVÉRBIO: Nunca falta um cão que vos ladre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 617

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- | | |
|------------------|-----------------|
| 1 Manteigas. | 1 Madalena. Am. |
| 2 Aviara. Real. | 2 Aves. Amigo. |
| 3 Decoro. Ri. | 3 Nicotina. II. |
| 4 Aso. Petas. | 4 Tã. Oi! Ruas. |
| 5 Toda. Na. | 5 Erradiaram. |
| 6 III. Id. Cs. | 6 Ião. Pai. |
| 7 Man. Apendas. | 7 IE. Sá. |
| 8 Amarra. Robe. | 8 Arrendarias. |
| 9 Uai! Item. | 9 Seita. Dotas. |
| 10 Agiam. Saal. | 10 Cabelo. |
| 11 Mois. Passos. | 11 Lesassem. |

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 18.30: Folhetim, «O Segredo de Marte» (6.º episódio); 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estádio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Pequena selecção da ópera «As Bodas de Figaro», de Mozart; 17.00: Integração; 18.00: Quarteto, n.º 6, em si bemol maior, op. 18, de Beethoven; 18.40: Os grandes intérpretes; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música portuguesa; 21.30: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; 23.30: Solos instrumentais; 24.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 16.00: A feira mágica; 19.15: Musical; 20.00: Conta corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 23.30: Clube dos colecionadores; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; 15.00: As boas tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Alentejo em notícia; 19.30: Diversos.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

RTP/1

15.00 — Desenhos Animados
«Corridas Loucas»

15.35 — Imaginação da Matéria
(4.º episódio): «A Imagem e a Superfície»

16.00 — A Tragédia da Rua das Flores
(4.º episódio)

17.00 — Histórias com Pés e Cabeça
(4.º episódio): «Homenagem aos Pés»

17.30 — Ontem Viu?
«Ferro Forjado na Arquitectura Portuguesa»

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «O Jovem Ramsay» e «Era Uma Vez».

18.45 — País, País

19.15 — Jazz Para Todos

Este programa terá a actuação do trio do pianista Ricardo Paulino e será apresentado por Maria Viana. Produtor: José Póiares; realizador: José Nuno Martins.

19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.58 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(96.º episódio):

Lúcia diz a Alfredo que o namoro de Cláudio é muito sério, mas não lhe diz com quem.

Alfredo, feliz com a notícia organiza uma festa para comemorar o aniversário de Cláudio, pedindo-lhe que leve a namorada para ele a conhecer. Eloá pede a Amuri que deposite na conta da tia Carmen o dinheiro que ela pretende dar a Osmar para comprar a quinta, de forma a ele pensar que tudo faz parte da herança da tia. Ângela tenta suicidar-se tomando vários comprimidos.

Rafael desmarca o encontro marcado com o cantor para poder ajudá-la, contra a vontade de Bia.

21.30 — Programa da Direcção de Informação

22.30 — Um César Americano

(4.º episódio): A partir da Nova Guiné, o general Douglas McArthur começou, metodicamente, a reconquistar ilhas do Pacífico.

23.25 — Volta à França em Bicicleta

23.40 — Encerramento da Emissão

RTP 2

16.30 — Indicativo do «Europa TV»
O Tempo

16.35 — Tempo dos Mais Pequenininhos
«Tic-Tac» e «O Mundo Maravilhoso de Gigi»

17.05 — Count Down

17.45 — O Tempo

17.50 — Eurorepórter

17.55 — Eureka



«Um César Americano»: hoje o 4.º episódio

18.20 — O Mundo Amanhã
O Tempo

18.30 — Documentário

«Estranho Lugar para Crescer» e «O Cultivo das Túlipas na Holanda»

18.55 — A Música de Eugen Jochum

20.05 — Notícias

20.10 — Videopolis

28.35 — Cinema Português em Retrospectiva

«Bárbara»: O célebre drama de Camilo Castelo Branco, numa leitura pessoalíssima de Manoel de Oliveira: os amores de Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, que a oposição de famílias inimigas precipitará num desfecho trágico: é este o tema desenvolvido no filme «Amor de Perdição» que a RTP/2 exhibe esta noite.

Uma releitura originalíssima feita pelo nome mais destacado do cinema português num despoimento que procura captar a essência das situações e sentimentos dos personagens na tentativa de recuperar na sua pureza toda a intensidade do romance original em proposta inédita de cinema de grande beleza.

Desde «Douro, Faina Fluvial», clássico do documentarismo português, Manoel de Oliveira suscita paixões e discussões, mas a sua carreira

está indissociavelmente ligada a um extensíssimo período do cinema português.

Do interesse que este cineasta e as suas obras fazem nascer por todo o mundo, atestam as curiosas palavras de Roger Boussinot: «Manoel de Oliveira é incontestavelmente animado pelo génio cinematográfico, um génio sufocado pelas circunstâncias que impediram um desenvolvimento normal da sua obra, e que acabaram mesmo por desviá-lo. Se a sua carreira tivesse decorrido num país com liberdade de criação intelectual, o seu nome seria o de um grande criador cinematográfico.»

Reportando-se este comentário essencialmente ao período anterior a 1974, poderá dizer-se que, apesar das dificuldades com que sempre se debateu o cinema português, a obra de Oliveira na última década revela-se inteiramente à altura das expectativas criadas à volta deste cineasta de excepção.

Realizador: Manoel de Oliveira

Intérpretes: António Sequeira Lopes, Cristina Hauser, Elsa Wallencamp, António Costa, Ricardo Pais.

Duração: 260 minutos

Ano de estreia: 1979 — Género: Dramático

22.25 — Últimas Notícias

22.30 — Vereda Tropical

(69.º e 70.º episódios)

Amanhã

RTP/1

10.30 — Sumário

10.35 — Documentário

10.45 — Transmissão directa do casamento do Príncipe André

12.30 — Vereda Tropical

(74.º episódio):

Silvana, morta de raiva, abandona a sala de musculação sem responder a Bepe. Catarina consegue interromper a conversa de Gabi com Oliva antes dela conseguir revelar a morte de Vítor. Luca lança uma bola para Bertazzo que faz um belo golo. Bina, que escuta o relato pela rádio, entorna o cozinhado.

Bárbara ameaça Vilela de o despedir da fábrica quando casar com Oliva.

Luca faz o golo pedido por Zeca e fica muito admirado quando Silvana o expulsa de casa.

13.15 — Jornal da Tarde

15.00 — Desenhos Animados

15.25 — Instituto de Socorros a Náufragos

15.45 — O Homem Montanhês

16.15 — O Conde de Monte Cristo

17.10 — O Dia a Dia

17.35 — Ontem Viu

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos

18.45 — País País

19.15 — Telemundo

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Corpo a Corpo

21.40 — Noite de Cinema — «Sebastian»

23.35 — 24 Horas

00.00 — Volta à França em Bicicleta

RTP 2

16.30 — Europa TV

20.15 — Notícias

20.20 — Conheça Melhor

20.45 — A Aventura da Arte Moderna

21.35 — Notícias

21.40 — Foi Êxito na TV

22.35 — Últimas Notícias

22.40 — Vereda Tropical

APR 2015

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

Jazz Para Todos

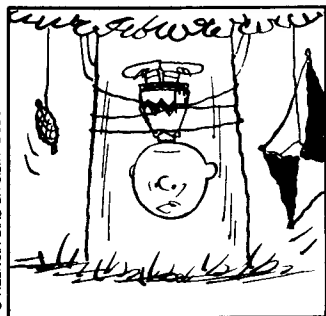
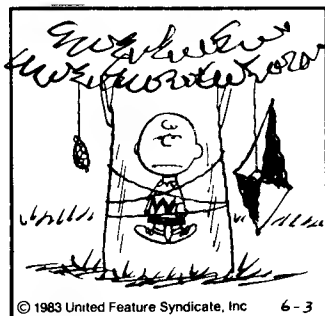
RTP 2

Videopolis

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17
Luz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

Corpo a Corpo



MARES DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR		
03.38 3,90 m	09.09 0,90 m	BRAGANÇA	15°
15.54 4,20 m	21.44 0,70 m	VIANA DO CASTELO	17°
Dia 23		VILA REAL	13°
04.24 3,90 m	09.53 0,90 m	PORTO	17°
16.39 4,30 m	22.29 0,70 m	COIMBRA	17°
		CABO CARVOEIRO	—
		CASTELO BRANCO	—
		PORTALEGRE	15°
		LISBOA	18°
		ÉVORA	17°
		BEJA	17°
		FARO	24°
		SAGRES	19°
		PONTA DELGADA	18°
		FUNCHAL	20°

PREVISÃO DO TEMPO
 Céu pouco nublado ou limpo, apanhando chuva localizada durante a madrugada e manhã no litoral oeste a norte do Tejo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste na faixa costeira ocidental a partir da tarde. Pequena descida de temperatura.

Crédito à habitação: novo regime até 30 de Setembro

O Governo anunciou hoje ter em preparação um diploma que regulamentará o regime geral de crédito à habitação, em função dos novos quadros económicos (caracterizado por taxas de juro e de inflação mais baixas), garantindo que ele estará em vigor antes do próximo dia 30 de Setembro.

Esse diploma visa fundamentalmente reduzir o esforço anual (taxa de progressão das amortizações) e as prestações, ou entradas iniciais, nos pedidos de crédito para aquisição, construção ou beneficiação de casa própria.

Até lá, portanto no espaço de dois meses e pouco, o sistema de crédito sofre no entanto, algumas correcções, que pretendem também estabelecer maior equidade entre os dois regimes em vigor, o que resulta do Decreto-Lei 459 de 30 de Dezembro 1983 e o que decorre do Decreto-Lei 435 de 2 Outubro de 1980.

Essas correcções, consistentes na baixa da prestação inicial e das prestações mensais de reembolso dos empréstimos já concedidos e em amortização, constam da Portaria 377/86, hoje mesmo publicada no «Diário da República». É no preâmbulo dessa portaria, assinada pelo ministro das Finanças e pelo secretário de Estado da Habitação, que o Governo anuncia a entrada em vigor, até 30 de Setembro do novo regime geral de crédito à habitação.

A portaria hoje publicada modifica, também, os quadros de cálculo das bonificações, dos subsídios familiares e dos prazos e montantes dos empréstimos que tinham já sido corrigidos pela Portaria 217 de 15 de Maio último.

Homicídio de sexagenário leva à prisão de estrangeiro

A Polícia Judiciária investiga as circunstâncias em que ocorreu a morte de um sexagenário reformado, José Ferro, cujo cadáver foi encontrado anteontem na residência onde vivia sozinho desde o seu divórcio, na Avenida do Oceano, 5, na Costa de Caparica.

Em princípio, as autoridades suspeitam de se estar perante um caso que envolve tráfico de droga e homossexualismo, tendo detido para averiguações um cidadão estrangeiro, que se encontrava entre os muitos «amigos» recebidos diariamente em sua casa pela vítima.

José Ferro já fora encontrado há anos, no mesmo local, em «miserável estado, com um objecto introduzido no ânus, um penico na cabeça e vários golpes no corpo».

"O Dia" em hasta pública por não pagar imposto do selo

As instalações do matutino «O Dia» vão hoje a praça pública num processo que teve origem na falta de pagamento do imposto do selo, sendo a base de licitação do aluguer do andar onde funciona o jornal, na Rua Vítor Cordon, em Lisboa, e respectivo recheio de quatro mil a cinco mil contos.

José Vitorino da Silva, administrador da empresa, disse que «tudo é possível», pois a empresa pode até à hora do leilão negociar formas de pagamento com o credor, podendo mesmo não aparecer comprador. «O Dia» foi criado há 11 anos, empregando 30 trabalhadores, 17 dos quais jornalistas.

Advogado do Porto candidata-se a bastonário

O advogado portuense Augusto Lopes Cardoso vai candidatar-se, nas eleições de Dezembro, a bastonário da Ordem dos Advogados. Lopes Cardoso, que desempenha há dois mandatos consecutivos o cargo de presidente do Conselho Distrital do Porto da Ordem, afirma ser apoiado na sua candidatura por todos os antigos bastonários da Ordem



RAO KYAO lançou ontem no Brasil o seu álbum «Oásis», num encontro com dezenas de jornalistas e cantores, coberto por vários canais de televisão. O lançamento do disco vem na sequência do primeiro concerto de Rão Kyao realizado domingo à noite na sala «Jazzmania», uma das mais famosas do Rio de Janeiro. Grandes nomes da música brasileira estiveram na estreia do concerto de Rão Kyao e no lançamento de «Oásis», tendo o músico português concedido diversas entrevistas, nomeadamente às televisões «Manchete» e «Globo».

JONNY HALLIDAY, cantor pop, é o protagonista do filme de ficção científica «Terminus», que o realizador francês Pierre-William está a rodar na Hungria. Halliday guia, no filme, um camião «monstro» dotado de um cérebro electrónico. Integra ainda o elenco a actriz Karen Allen, a heroína de «Os Salteadores da Arca Perdida», de Steven Spielberg.

BARBARA PALACIOS, venezuelana de 22 anos, foi coroada Miss Universo na final do concurso que se realizou segunda-feira na Cidade do Panamá. A Miss Venezuela, de olhos castanhos e com um metro e 73 centímetros de altura, impôs-se às restantes 76 concorrentes de todo o mundo. As misses dos Estados Unidos e da Colômbia, Christy Fichtner e Mónica Urbina, respectivamente, foram eleitas Damas de Honor.

PACO DE LUCIA, guitarrista espanhol que está em digressão pela União Soviética, viu os seus espectáculos em Moscovo classificados pela imprensa daquele país como um êxito «verdadeiramente triunfal». Chegase a esta conclusão, escreve o articulista da Novosti Serguei Poliakov, ao assistir-se a qualquer das exhibições do artista na sala do hotel «Rossia» onde o público, que esgotou as lotações assim que os bilhetes foram postos à venda, com muitos dias de antecedência, aplaude entusiasticamente o músico e os seus acompanhantes Ramon Algeciras, Pepe de Lucía, Carlos Benavente, Jorge Pardo e Ruben Dantas.

JACQUES CHIRAC, primeiro-ministro francês, disse ontem, na sua primeira conferência de Imprensa desde 16 de Março, que «o governo em nenhuma circunstância se deixará afastar dos objectivos que tinha fixado». Chirac afirmou ainda que «nada poderá pôr em causa esses objectivos, nem tão pouco a nossa vontade em os atingir serenamente». Jacques Chirac sublinhou nesta conferência de Imprensa depois das Legislativas que «o governo trabalhou muito, assim como o Parlamento, apesar da lentidão devida às obstruções sistemáticas da oposição».

JAIME PACHECO continua a constituir motivo de alguma preocupação entre a maioria dos adeptos do Sporting Clube de Portugal por retardar o entendimento quanto às condições que terá proposto aos dirigentes do grémio de Alvalade com vista à sua continuidade ao serviço do clube de João Rocha. Segundo informações ontem divulgadas pelo dirigente João Abranches é provável que o acordo surja nas próximas horas.

Em declarações prestadas aos jornalistas, Eurico de Melo disse que durante a reunião se verificou que «o Governo tem uma boa imagem, especialmente o Primeiro-Ministro». Este encontro, que decorreu ontem na capital, teve como objectivo «avaliar o impacto e o grau de execução das medidas do Governo a nível distrital», considerado «positivo» pelos governadores civis. Eurico de Melo abordou, com estes representantes do Poder central nos distritos, a dramática situação que se vive no País provocada pelos incêndios, tendo sido sublinhada a necessidade de equipar com material mais moderno as corporações de bombeiros e de uma penalização mais rigorosa para os incendiários.

A este propósito, os governadores civis concordaram em que a limpeza das matas e um melhor ordenamento florestal são factores que poderão evitar a deflagração de incêndios. Membros do gabinete do ministro de Estado e Administração do Território, estão entretanto a visitar as zonas atingidas pelo fogo.

Governo vai desbloquear verbas para as situações de catástrofe

O Governo vai brevemente pôr em prática o desbloqueamento das verbas destinadas a calamidade ou situações de catástrofe. A revelação foi feita por uma fonte do gabinete do ministro de Estado e da Administração Interna, Eurico de Melo, no final de uma reunião que este membro do Governo manteve com os governadores civis dos distritos de todo o País.

Em declarações prestadas aos jornalistas, Eurico de Melo disse que durante a reunião se verificou que «o Governo tem uma boa imagem, especialmente o Primeiro-Ministro». Este encontro, que decorreu ontem na capital, teve como objectivo «avaliar o impacto e o grau de execução das medidas do Governo a nível distrital», considerado «positivo» pelos governadores civis. Eurico de Melo abordou, com estes representantes do Poder central nos distritos, a dramática situação que se vive no País provocada pelos incêndios, tendo sido sublinhada a necessidade de equipar com material mais moderno as corporações de bombeiros e de uma penalização mais rigorosa para os incendiários.

A este propósito, os governadores civis concordaram em que a limpeza das matas e um melhor ordenamento florestal são factores que poderão evitar a deflagração de incêndios. Membros do gabinete do ministro de Estado e Administração do Território, estão entretanto a visitar as zonas atingidas pelo fogo.

Comemorações do assalto ao Quartel da Moncada

Por ocasião do «26 de Julho», data do assalto ao Quartel Moncada por Fidel Castro e os seus companheiros, a Associação de Amizade Portugal-Cuba promove duas comemorações abertas aos não sócios. Dia 24 de Julho (5.ª-feira), pelas 18.00 horas, sessão evocativa da data na Livraria Interlivro, na Rua Pedro Nunes, 9-A (Metro Picoas) em Lisboa, na qual usarão da palavra o escritor José Saramago e o embaixador de Cuba, sr. Armando Torres. Dia 25 de Julho (6.ª-feira), pelas 20.00 horas, jantar comemorativo na Feira Popular (Restaurante «Os Dois Unidos»).

As pessoas interessadas deverão contactar a Associação de Amizade Portugal-Cuba, na Rua Rodrigo da Fonseca, 107-r/c esq.º (Tel. 657305 — parte da tarde).

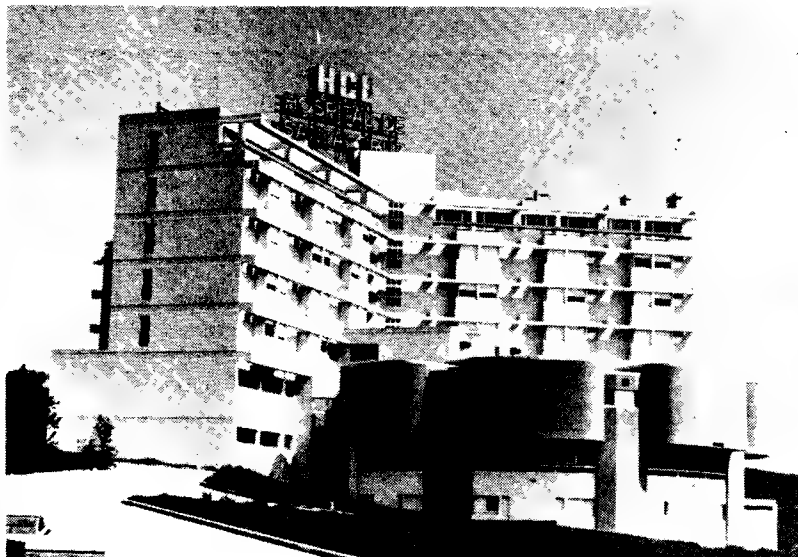
SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

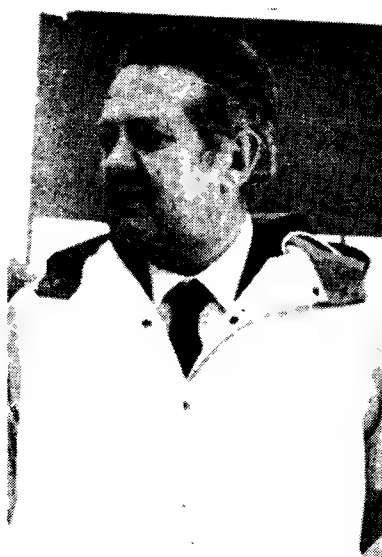
Sinais dos Tempos



Alternância e não conflito



Evacuação não altera boa imagem



Velha vocação marítima



Já executados

Bipolarização: sim, mas...

UMA das novidades introduzidas por Vítor Constâncio no discurso da direcção do PS foi o regresso da ideia de «bipolarização». Dada a «má leitura» que os comentaristas portugueses fazem desta palavra, tão usada por Sá Carneiro em 79/80, o próprio Vítor Constâncio explica agora, à sociedade, que uma coisa era a bipolarização entendida como divisão do País em dois blocos sociopolíticos antagónicos, outra é entendê-la como denotando a desejável alternância do PS e do PSD («alternância socialistas/conservadores») no poder. ■

Reis: um regresso na sombra

TUDO indica que António Reis é um dos novos membros do Gabinete de Estudos do PS. Veiga Simão e Sousa Gomes parecem confirmados, b como Joaquim Mestre. Certo é que entre esse Gabinete e o anunciado «governo sombra» socialista haverá a maior afinidade. Gama na Defesa, Guterres na Indústria, Cravinho na Economia e Finanças, Sampaio nas Relações Internacionais, Barreto na Agricultura e Galvão Teles na Justiça seria o «esboço» adoptado para esse «governo». ■

Síndrome de Saint Pierre

Surto de salmonelas que atingiu quase 120 pessoas do hospital de Santa Cruz, Carnaxide, não foi recebido pela opinião pública como mais um sintoma das más condições que grassam nas instituições hospitalares portuguesas. Santa Cruz prestigiou-se devido às transplantações ali realizadas, e têm aparecido na imprensa cartas de pacientes elogiando o modo como ali foram tratados. Evacuado, o hospital lembra agora o de Saint Pierre, em Bruxelas, quando há anos foi atingido por um violento surto viral «inexpugnável». Os vírus que conseguem desenvolver-se em condições de grande assepsia são, naturalmente, os mais difíceis de combater. ■

Soares e a mãe água

ESTA a causar (a nova) sensação o facto de Mário Soares estar garantido como trilhante no veleiro de António Vasco de Melo (CDS, Associação Naval), na regata Carcavelos-Cabo Ruivo de dia 26. Depois dos banhos e do desafio às tarântulas nas



Todas as polícias

Desertas, as 40 milhas do «Troféu do Infante» serão um mero aperitivo para o Ponta Delgada — Lisboa a bordo do «Sagres» que, esse sim, está a entusiasmar o Presidente. O embarque açoriano está marcado para 10 de Agosto, quando a «Sagres», voltando de Nova Iorque, escala o porto. ■

Diligência final

SOARES esteve em contacto telefónico com Nino Vieira para tentar, em vão, obter clemência para os seis condenados à morte confirmados em Bissau. Ao mesmo tempo, um porta-voz da Amnistia Internacional, secção portuguesa, disse estar, esperando de que as execuções de Paulo Correia, Viriato Pá, Na Tchanda, Nsambu, Pedro Ramos e Braima Bangura não se viessem a verificar. ■

Mobilização não-partidária

A vigília organizada na noite de sábado pela Amnistia Internacional diante da embaixada sul-africana em Lisboa demonstrou que os portugueses são mobilizáveis fora de um contexto partidário, e se movem igualmente por objectivos políticos mais próximos de ideias meramente humanitárias. Fazia falta essa demonstração, quando os portugueses se habituaram a já não encontrar na rua, ao manifestarem-se, senão amigos e conhecidos... ■



Saúde pública: uma polémica de Chiado ?

Chernobyl: nova demissão

EVGUENI Kulov, presidente do Comité para a Segurança Nuclear da URSS, foi demitido das suas funções pelo Soviète Supremo. Ateriormente, como o Sete Ponto Sete noticiou, dois engenheiros-chefes da central acidentada tinham sido afastados dos seus lugares e do PCUS, o que constitui um verdadeiro anátema profissional e humano na União Soviética. Tanto quanto se sabe através da notícia da TASS, Kulov mantém-se no partido. ■

Linha limpa e linha suja

O mal-estar camarário provocado pelos serviços ministeriais que denunciaram os nove locais impróprios para banhos na Linha do Estoril transformou-se em bola de neve. O mais espantoso não é que as Câmaras tentem, em plena época balnear, salvar a face e as praias, mas que antigos governantes com responsabilidades no sector venham a público dizer que a situação não é pior do que em anos anteriores. Assim parecem sugerir que quem foi utente daquelas praias durante tanto tempo, não vai agora, com uns banhos em 86, apanhar herpes ou salmonelas. Entretanto, perante as versões contraditórias e todas elas oficiais, a população continua a gozar «as delícias dos coliformes fecais», pensando que toda aquela conversa se resume ao habitual «jogo de interesses» entre potentados rivais. ■

Intendência-Geral do reino reconstruída

O dito britânico que habitualmente traduzimos por «o homem certo no lugar certo» aplica-se, conforme o seu uso, às situações mais transparentes, mais amíguas ou mais irónicas. Escolha o leitor em qual dos três casos está o ministro da Administração Interna, Eurico de Melo, de quem passará, exclusivamente, a depender o Gabinete Coordenador da Segurança, seja ou não aprovada no Parlamento a Lei de Segurança Interna. Esse gabinete será composto pelos responsáveis máximos da PSP, GNR, Guarda Fiscal, Polícia Judiciária, Serviços de Estrangeiros e de Informações, além do oficial da Marinha mais ligado ao sector. A concentração de todas as Polícias nacionais sob a autoridade do ministro, associada à detenção para identificação e ao dever de delação que a lei consagra, são algumas das novidades desta lei «tão perseguida, tão mal-amada». ■

Cultura em vez de Mercedes 190-D

N O momento em que a Fundação Calouste Gulbenkian celebra os seus 30 anos de vida, o diploma governamental sobre o «mecenato cultural» chama a tenção dos empresários públicos e privados para as facilidades fiscais oferecidas aos seus gastos nas belas-arts, belas-letras e práticas

afins. Os benefícios da nova disposição interessam às contribuições industrial, predial, e aos impostos complementar, e sobre a indústria agrícola. Vamos ter uma minipolítica de mil (e uma) flores? ■

Pedro da Costa contra Yoko Ono

UMA multidão engarrafando a Casal K-beiro no sentido descendente e dois portugueses ultrapassando à partida o lance de Yoko Ono: assim foi quarta-feira à noite na leiloeira «Nova Aliança», à Estefânia, por causa de dois postais dos Beatles autografados por John Lennon, e que uma portuguesa de 29 anos vendia. A viúva do músico ofereceu 3000 contos, quantia que serviu de base à licitação. Pedro da Costa arrematou-os por mais 600 contos, vencendo o rival Pedro Costa Cabral, que viria a levar por 890 contos um lote de retratos de outras vedetas que conta negociar na Sotheby's de Londres. A leiloeira arrecada 10 por cento e a proprietária, Maria Paula, que recebeu as fotos de uma tia londrina quando tinha apenas 9 anos, diz que nunca esperou ganhar tanto com a «lembrança». ■

Vai, vai, ecrãzinho

CENTENAS de jovens dos 18 aos 25 anos estão já a beneficiar do casamento de dinheiros da CEE com outros do Orçamento de Estado em matéria de formação de monitores de informática ou de técnicos de burocracia. Os cursos, que pelo menos num caso se estendem por seis meses, incluem mensalidades entre 32 e 40 contos, por vezes acrescidas de ajudas de custo que mais que duplicam a parada, e de instalação completa num bom hotel de Lisboa. A inflexão a favor das novas tecnologias faz milagres, no País em que o desemprego jovem tanta desgraça faz. ■

Corrida a ideias «Coop»

PARA o mesmo grupo etário (18-25 anos), e com o «slogan» «Crie a sua empresa, apose na solução cooperativa», o Instituto António Sérgio para o sector Cooperativo lança, entre Outubro e Fevereiro, um concurso de projectos empresariais especialmente destinado àqueles que procuram primeiro emprego. ■

Castoriadis

■ *Um desiludido com o jogo entre esquerda e direita*

«**H**Á muito tempo que a clivagem esquerda-direita, tanto em França, como fora dela, já não corresponde aos grandes problemas do nosso tempo», diz Castoriadis, filósofo, psicanalista, animador de **Socialisme ou barbarie**, cujo pensamento preparou o Maio 68.

Não saíu do «silêncio dos intelectuais» depois de 1981. Agora que a direita governa de novo, sente a urgência de um **Kairos**, esse momento crítico em que algo deve ser dito ou feito?

— Vários textos em **Domaines de l'homme** mostram que me exprimi publicamente sempre que achava útil fazê-lo. Mas não se tratava de participar nessa barafunda cujas apostas, actores e motivações eram trivialmente transparentes. Há muito que a clivagem esquerda-direita, tanto em França como fora dela, já não corresponde nem aos grandes problemas do nosso tempo nem a escolhas políticas radicalmente opostas.

Onde está a oposição entre Mitterrand e Chirac em matéria militar, nuclear, africana, de estrutura e de gestão do poder, de educação e mesmo de economia? Durante cinco anos, os pretensos socialistas dispuseram de um poder absoluto. Utilizaram-no para gerir o sistema e — como durante a guerra da Argélia — fazer o que a direita queria e não ousava fazer. Os políticos Bérégovoy e Chevènement são disto os exemplos mais impressionantes.

Desde 1981 que as «reformas» dizem respeito a três tipos de medidas: as que dizem respeito a singularidades e atrasos franceses (descentralização, pena de morte); as que exploram de modo útil uma dogmática paleo-socialista em benefício da burocracia do partido (nacionalizações, substituindo os dirigentes pelos «nossos»); enfim as destinadas a facilitar uma maior penetração do aparelho do Estado pelo aparelho socialista.

Do outro lado, uma «direita» que se diz liberal e atribui a cada uma das suas medidas quinze cláusulas intervencionistas ou dirigistas; que, naturalmente, só diz respeito às camadas menos favorecidas, aos imigrantes e aos estrangeiros; e que sofre irremediavelmente da mesma total falta de ideias e de imaginação política.

Malentendido geral, época aberrante.

— O cretinismo que denuncia não seria próprio dos liberais?

— Sabe-se que houve entre os liberais espíritos profundos e originais; entre outros os pais fundadores americanos; Constant, Tocqueville, Mill. Nenhuma relação com os discursos «liberais» contemporâneos, onde não se encontra uma ideia nova, um único esforço para enfrentar os problemas do presente.

A questão que se põe perante esta miséria é a seguinte: de onde veio a força deste pseudo-liberalismo nos últimos anos? Penso que em grande parte ela vem do facto de a demagogia «liberal» ter sabido captar o movimento e o humor profundamente anti-burocráticos e anti-estatais que movem a sociedade desde o início dos anos 60 (e que tinham escapado

ao olhar penetrante dos dirigentes «socialistas»).

É um grande mal entendido ver no Maio 68 e nos outros movimentos dos anos 60 a origem do «individualismo» contemporâneo. Este resulta do fracasso do Maio 68, e esse fracasso era interno.

O movimento — como os seus análogos noutros países — arrastou consigo muitos absurdos, não soube ultrapassar o estádio da manifestação subversiva, não soube enfrentar positivamente a questão do seu autogoverno. Mas a sua inspiração profunda era a aspiração à **autonomia**, tanto na sua dimensão social como individual.

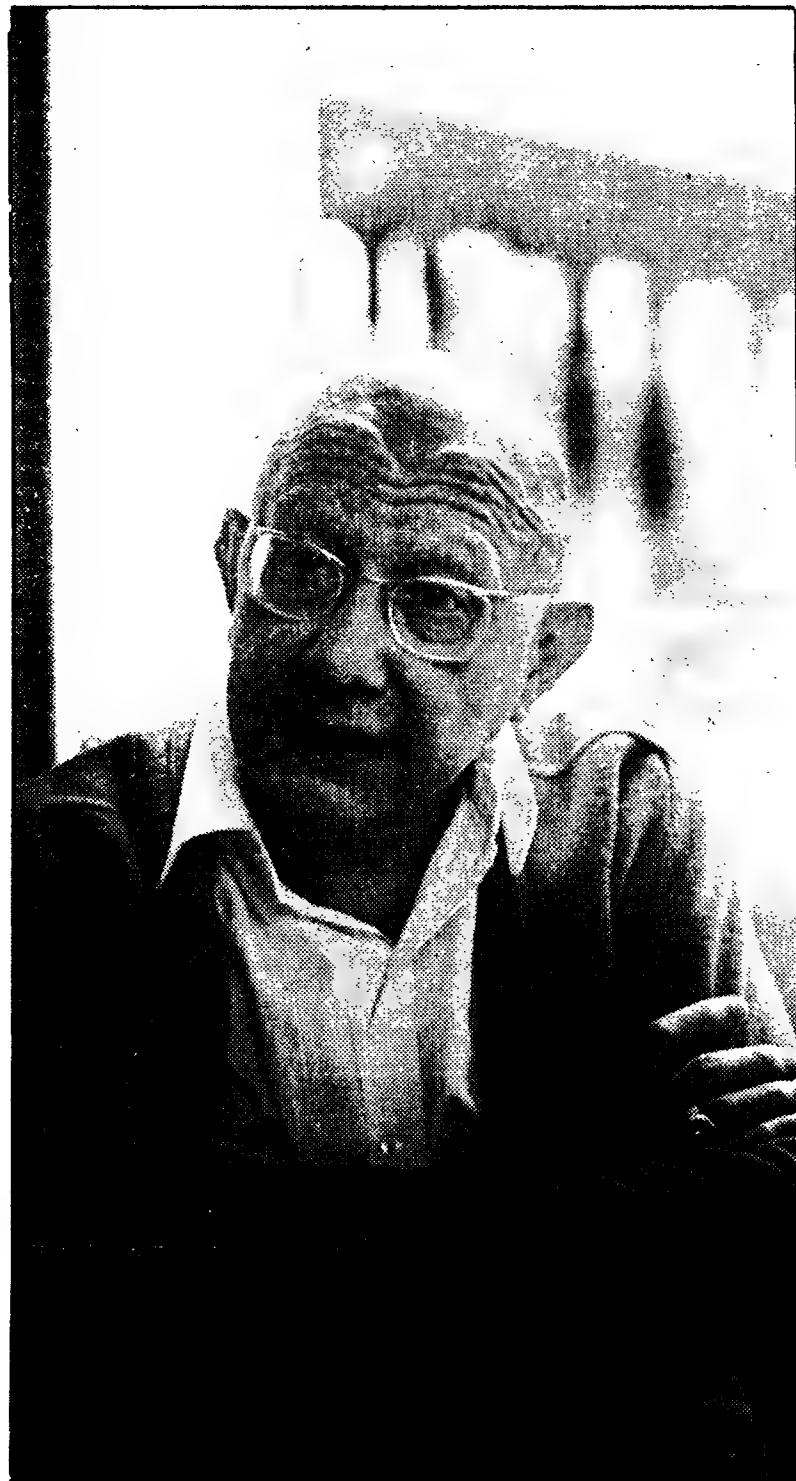
Hoje como sempre a tarefa política é retomar e levar mais longe a grande tradição emancipadora do Ocidente: construir uma sociedade democrática, autogovernada, onde autonomia individual e autonomia colectiva se escorem e se alimentem uma à outra. Mas isso não pode fazer-se fora de um grande movimento democrático da população, que está precisamente ausente. O fracasso dos movimentos dos anos 60 convergiu com as tendências profundas do capitalismo burocrático moderno, levando as pessoas à apatia e à privatização.

De momento o **Kairos** faz falta como **Kairos** político. Isto faz com que pensem, mais longe, com que nos questionemos mais profundamente, como eu tento fazer nos textos filosóficos dos **Domaines de l'homme**.

— Como explicar essa apatia?

— Problema enorme, um dos núcleos do segundo volume de **Devant la guerre**: porquê e como morre uma cultura? Tão difícil como o outro: porquê e como se cria uma cultura? Uma cultura cria-se criando novas significações imaginárias e encarnando-as nas instituições. O mundo está povoado de deuses e de ninfas. Ou: o mundo e os humanos foram criados por um deus onisciente e onipotente. Ou ainda: o mundo não passa de matéria inerte através da qual podemos realizar o que dá sentido à vida humana — a expansão ilimitada das forças produtivas, ou da mestria ou do poder.

Eis as significações imaginárias nucleares de algumas sociedades conhecidas — e vê-se sem dificuldade as instituições que as encarnaram activamente. Essas instituições caem muitas vezes em crise, mas as sociedades também possuem uma enorme capacidade de auto-reparação. Esta depende essencialmente da vitalidade continuada dessas significações imaginárias, quer dizer também e sobretudo, da sua capacidade de formar, animar, inspirar, motivar os indivíduos. Ora está aqui todo o problema: as sociedades ocidentais acreditarão sempre num futuro indefinido cada vez mais cheio de «bem es-



«É um grande mal-entendido ver no Maio de 68 e nos outros movimentos dos anos 60 a origem do individualismo contemporâneo. Este resulta do fracasso do Maio de 68, e esse fracasso foi interno.»

tar», de riquezas que um tal futuro vale a pena? Acreditarão na verdade que um tal futuro vale a pena? Será esta uma ideia pela qual se aceitasse, por exemplo, morrer? Produzem elas indivíduos capazes de outra coisa que não seja viver no sistema?

— O que diz não é em geral muito encorajador nem muito mobilizador.

— Antes de estar de acordo com os outros, tenho vontade de estar de acordo comigo mesmo. e fico estupefacto, às vezes abatido ao ver os prejuízos de um «realismo» pseudo-hegeliano; na rea-

lidade, de um oportunismo de resto, de vistas curtas, mesmo em jovens inteligentes e simpáticos. E dizem-nos como se fosse um argumento, em tom de comisseração: Mas isso dizia-se há dez anos, já não se pode dizer hoje!

Hegel dizia: a história do mundo é o juízo final. Para a nossa época: a emissão de TV desta noite é o juízo final. E como essa emissão é, e com razão, esquecida na manhã seguinte, há juízo final todas as noites — quer dizer, já não há nenhum juízo, nem último nem primeiro, nem memória nem reflexão. Nas boas maneiras do microcosmos

intelectual parisiense, tornou-se indecente lembrar (e mesmo lembrar-se) o que Fulano dizia o ano passado.

— Durante quanto tempo é possível aceitar ser-se minoritário?

— Eu não sou minoritário; sou só, o que não significa isolado. Estava só, estávamos só durante todo o período de **Socialismo ou barbarie**; o tempo mostrou que não estávamos isolados. É possível que tudo o que eu digo e escrevo seja nulo. Também há, em todo o caso, outra hipótese, menos optimista: que as pessoas hoje não têm nenhum desejo de ouvir e de fazer o esforço que um discurso que exige a reflexão crítica, a responsabilidade, a recusa do deixar andar, reclama.

— É muito pessimista?

— A época é aquela em que se inventou o termo sumamente irrisório de «pós-modernismo», para esconder a esterilidade ecléctica, o reino da facilidade, a incapacidade de criar, a evasão do pensamento em proveito do comentário, ou melhor, do trocadilho ou do arrote as mais das vezes. Época de parasitismo e de pilhagem generalizada. O que hoje se passa com o «último grito» do «pensamento» e da «filosofia política» será olhado, estou convencido disso, com piedade, daqui a uma, duas ou três décadas.

Porque, no fundo, o que é que se diz? Que a história parou, ou melhor, que acabou. Desde a Antiguidade grega que a Europa também se define através da filosofia, e dizem-nos: fim da filosofia, já só se pode «desconstruir». Há vinte e oito séculos que a Europa se define através das suas lutas para modificar a instituição da sociedade, as suas lutas sociais e políticas, a sua criação da política, e dizem-nos: a política (a verdadeira, a grande), terminou.

A República parlamentar ou presidencial (que também se chama «democracia», o respeito pelas palavras perdeu-se há muito), eis a forma que a sociedade humana encontrou por fim. Claro que resta fazer algumas reformas: rever, por exemplo, o abono de família dos guardas florestais. Mas, no essencial, a tarefa política, a tarefa estabelecida terminou: Reagan, Thatcher, Kohl, Mitterrand/Chirac para os séculos futuros.

Ao evocar um tal pesadelo só podemos tornar-nos irresistivelmente optimistas. Porque numa tal perspectiva há quase uma contradição interna. Essas pessoas são os subprodutos e os parasitas dos regimes, contemporâneos e em caso algum teriam podido criá-los (como os «desconstrutores» de hoje só podem viver porque existiram os filósofos).

Regimes produzidos pela luta dos povos por objectivos de verdadeira **autonomia**. A filosofia, o verdadeiro pensamento não terminou, podemos mesmo dizer que ele começa. E a grande política deve recomeçar. A autonomia não é simplesmente um projecto, é uma possibilidade efectiva do ser humano. Não temos que prever ou decretar o seu surgimento ou o seu desaparecimento, temos que trabalhar por ela. Atravessamos uma época inferior, é tudo.

Michel Contat

Narcisismo e guerras de papel

I

SEGUNDO Gilles Lipovetsky (em *L'Ere du Vide. Essais sur l'individualisme contemporain*, Gallimard, 1983), se Prometeu e Fausto podem ser considerados as figuras emblemáticas da modernidade, Narciso será sem dúvida o emblema que convém aos tempos pós-modernos, caracterizados pela desertificação do social, substituído em todos os planos e domínios da vida pela privatização e pelo individualismo.

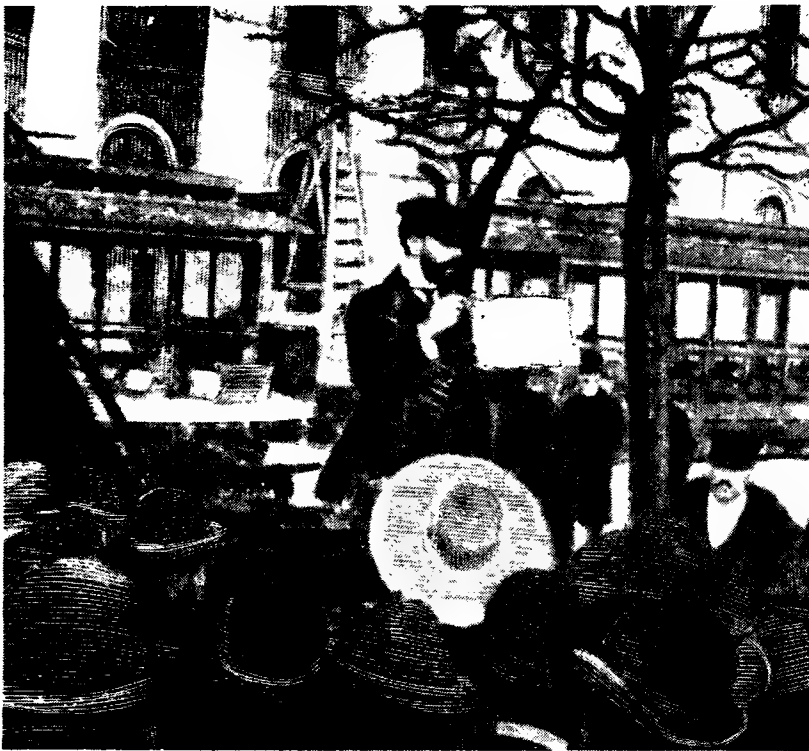
Originária dos EUA, imediatamente trabalhada e aperfeiçoada nos países mais desenvolvidos cultural e economicamente, a nova ideologia propõe-se dar do capitalismo uma imagem anti autoritária e anti-coercitiva, criando, por assim dizer, uma ilusão de corresponsabilidade e de comparticipação, exactamente quando o controlo da economia e das instituições políticas e sociais se torna mais fechado e concentrado.

Este processo de substituir a realidade pela sua imagem invertida está, aliás, em concordância com o desenvolvimento avassalador nos *media* e das suas técnicas, responsável, por sua vez, pela plena eflorescência da chamada «cultura de massas», que está para a cultura como a pequena-burguesia para a burguesia (Roland Barthes *dixit*). Real, com efeito, é o que se vê na televisão; fantasmagórico é o que se vive. Só assim se explica que a opinião pública aceite sem sobressaltos a quebra constante de compromissos por parte do Estado e até, cúmulo dos cúmulos, a delegação dessas responsabilidades em empresas privadas (pensa-se já em «privatizar» pensões, reformas, enfim, o conjunto de serviços que são o foro da segurança e assistência social, e chega-nos agora a notícia de que em França o governo não anda longe de privatizar... as prisões).

A nova ideologia, propondo-se «humanizar» e «personalizar» tudo o que anteriormente estava no âmbito da «res publica», distante dos indivíduos, invade todos os campos do saber e da vida. Na cultura, por exemplo, defende-se a heterogeneidade das lógicas particulares como mais adequada ao saber do que qualquer critério objectivo de verdade. No que diz respeito à sexualidade, afirma-se que o corpo da mulher «tem sexos por toda a parte» (Luce Irigaray, campeã do neofeminismo), dissolvendo a identidade feminina numa figura poliforme votada ao trabalho narcísico e incansável de se autodescobrir. A mulher, em suma, aceita uma troca pouco compensadora: a da sua libertação, da emancipação dos códigos de socialização coercitiva que sobre ela impendiam, pelo seu isolamento e marginalização do social.

Em matéria de psicologia, a mesma veia: o objectivo é transformar o sujeito individual num objecto radicalmente desconhecido. Dispensa-se o Outro porque o «eu é outro», mas este «eu» não é o da «vida roubada» de Rimbaud, não é o homem desaliado e reunificado dos surrealistas, mas uma entidade conformista e vastíssima que exige um trabalho ininterrupto de observação e interpretação. Não há lugar, neste dispositivo, nem para o outro nem para o social.

É inegável o fascínio deste processo de personalização narcísica, assim como também é inevitável a dessubstancialização do próprio eu que ele implica: devido ao excesso de



O «Eu» é «Outro»? Talvez, mas a luta real é invariante

atenção que se autoprodigaliza, o eu acaba por perder as suas referências e conteúdos perdendo do mesmo modo a relação de alteridade.

Por outro lado, e ao contrário do que geralmente se julga, o narcisismo, na versão dos psicanalistas, não consiste exactamente no amor de si mesmo (o que seria um bem), mas na impossibilidade de manter satisfatoriamente relações afectivas com os outros.

Pois é. Tão iguais que são estes utópicos. Tão pequenos-burgueses, tão massificados. A diferença já não interessará realmente a quem, situado no centro deste processo circular, consagra todos os meios de expressão e realização à procura da sua própria identidade. Isto não seria mau se esses meios (o estilo, a linguagem, os símbolos) fossem uma radical criação pessoal, mas não: os meios foram criados e são fornecidos pela sociedade «pós-moderna», e daí a sensação de monotonia e uniformidade que hoje exala o outrora poético e exaltante discurso do Eu.

II

«Abandonam a esquerda, andam uns tempos às escuras e de súbito encontram-se à direita.»

SARTRE

Depois da alienação no trabalho, a alienação no consumo. Aos operários, braçantes, trabalhadores ma-

nuais que não têm nada, nem sequer o seu próprio trabalho, veio juntar-se a legião dos pequenos e médios senhoritos consumidos pela paixão de consumir. A uns aliena-os a privação; a outros o consumo pelo consumo, sem nenhum sentido de satisfação de necessidades autênticas, mas de carências inventadas pelo sistema. Em ambos os casos a base da opressão continua a ser económica.

Alguns destes mutantes (chamemos assim porque vivem na angústia de mudar bens de consumo segundo épocas e períodos planificados pela publicidade) costumam dizer, quando lhes dá a tineta pensante, que a sociedade autenticamente livre não é viável, que é uma utopia. Claro que é, mas no sentido positivo da palavra utopia.

A missão da utopia é sumamente positiva, já que constitui um grande estímulo para fazer lutar e trabalhar as pessoas numa direcção determinada. Não só porque as utopias, paradoxalmente, por vezes se realizam (nem sempre pelos caminhos que a gente pensava, tomando com frequência vias insuspeitadas e surpreendentes), mas ainda porque a ideia da plena libertação, mesmo quando não a alcançamos, serve para caminhar no sentido da sua realização.

Vivemos numa época medíocre, impregnada de cretinismo e ideologia. Sim: aquela ideologia que age sobre o inconsciente colectivo e impede as pessoas de pensar realmente a realidade. Essa ideologia já Marx a

condenou impiedosamente, identificando-a com a falsa consciência, com a mistificação, e propondo a sua substituição pela ciência, mais habilitada a perceber a realidade e a transformá-la.

Em que ponto estamos hoje, com as massas pequeno-burguesas completamente obnubiladas pela ideologia das classes dominantes? Em pleno grau zero da vida social, tão opressiva e alienante como era a do fascismo, com um Estado de barraca de feira, escândalos a cada minuto, todas as instituições em derrocada, nenhuma solidariedade, nenhuma justiça social.

Não chegámos aqui por acaso, mas por via de um «socialismo» que utilizou o Poder para gerir o sistema e fazer o que a direita quer, mas não ousava fazer. Evocando um tal pesadelo, não podemos deixar de ser optimistas: quando um regime só vive dos oportunistas que vivem dele, de parasitas incapazes de qualquer reflexão crítica ou de criar seja o que for, é a irresponsabilidade generalizada que acaba por subvertê-lo. Como recentemente, em entrevista (ler na página 2) sugeria Castoriadis, talvez seja essa a missão histórica do «pós-modernismo»: levar o reino da facilidade, da esterilidade eclética, da evacuação do pensamento em proveito do comentário alexandrino e da pilhagem até às últimas consequências. Aí, o ser humano, para não abdicar da sua possibilidade de ver a pôr termo ao subproduto em que o mundo se transformou e recomençar a grande política.

III

Prossegue o can-can filosófico, a dança nostálgica em volta da ambígua metáfora da «libertação». Saudade da ideologia onipotente, capaz de intervir em todos os campos, de utilizar todas as linguagens e de recompô-las em sínteses lapidárias, aspiração revivista a um papel intelectual com pretensões a substituir a organização política ou a pôr-se diante dela como sua consciência crítica. Em Portugal, é este o único teatro que está sempre chelo.

São coisas velhas que regressam. Aí temos outra vez a ideologia onde o indivíduo e a totalidade do sistema permanecem metafisicamente distantes. Ao sujeito individual só lhe resta encerrar-se no espaço reconfortante da *alternativa*: o indivíduo metafísico deve necessariamente tornar-se moralista e artista. Dá-se assim cobertura ao valor de quem se mantém fora do poder e, simultaneamente, exaltam-se os poderes da palavra, a linguagem como corpo mágico que tudo purifica.

Voltam as acusações de «bárbaros» aos que atentam contra o património cultural da tradição. O conflito é apenas metafórico. A luta intestina trava-se entre as grandes «famílias do espírito», ainda poderosas na Europa e no mundo, desesperadamente em busca de ideias novas para alimentar uma indústria editorial cada vez mais sofisticada. Há quem lute em nome do espírito contra o capital e também há, sempre em nome do espírito, quem ataque o movimento operário. Guerras de papel. A luta real, já lembrou Walter Benjamin aos intelectuais há mais de cinquenta anos, é a que continua a travar-se entre o capital e a classe operária.

Ernesto Sampaio

Tome Nota



Imbróglcio

Um espião que rouba em supermercados é, sem dúvida, um original no seu mundo. Mas se a essa «fraqueza» se juntar, em simultâneo, uma tentativa de traição e uma operação de rapto, ambas culminando numa fuga com êxito, então esse espião é decerto especial.

De tudo isto foi protagonista Herbert Meissner, um economista da Alemanha Democrática que exerce as funções de secretário-geral da Academia das Ciências daquele país. O seu caso conheceu ontem o primeiro epílogo, sem que a opinião pública tivesse sido esclarecida sobre a veracidade das versões postas a circular durante estes últimos dez dias. Ao certo sabe-se apenas que ele foi apanhado a roubar num supermercado de Berlim Ocidental e não estranháramos que esta fosse a única «verdade» oficial dum caso cuja publicidade imediata não foi recebida com agrado pelos serviços secretos das duas Alemanhas.

Tudo começou a 9 de Julho quando Herbert Meissner não resistiu à tentação de um ducho cromado exposto no supermercado Wertheim, em Berlim Ocidental. O roubo foi, no entanto, apreciado por um detective do estabelecimento. Interceptado à saída, o cientista recusou-se a fornecer a sua identificação. A recusa levou o director do supermercado a chamar a polícia, iniciando-se então o episódio de «espionagem».

Segundo as autoridades da Alemanha Federal, Meissner teria declarado a sua vontade em comunicar com os serviços secretos da RFA. Levado para Munique, teve o seu primeiro encontro com aqueles serviços no dia 11. Nessa altura declarou que trabalhava para o Ministério da Segurança do Estado da RDA. No entanto, Meissner já não compareceu ao segundo encontro marcado para o dia 14. O seu paradeiro só viria a ser conhecido dois dias depois: o cientista encontrava-se refugiado na missão da RDA em Bona.

A notícia levou o Tribunal da Justiça Federal a emitir um mandado de captura contra Meissner por actividades de espionagem.

Entretanto, na RDA era anunciado que Meissner tinha sido raptado pelos serviços secretos da Alemanha Federal, ao mesmo tempo que o governo de Berlim ameaçava as autoridades de Bona com retaliações.

Ontem, contudo, o Procurador-Geral da RFA anunciava laconicamente que o processo e o mandado contra o cientista tinham sido retirados «no interesse nacional». No mesmo dia, Meissner deixou a missão da RDA em Bona acompanhado pelo advogado alemão-democrático, Wolfgang Vogel, considerado geralmente um hábil negociador no que respeita a questões de espionagem.

Meissner deve já ter hoje regressado à RDA, mas observadores na RFA consideram que o cientista tem à sua espera ou um processo por «alta traição» ou o fim da sua carreira motivado pelo roubo de um ducho que apenas custava 26,5 marcos.

Na Quinta-Feira

TER ESGREVER

Gide

Moscovo ida e volta há cinquenta anos



DE Staline a Khruchchev, todos os dignatários soviéticos estão alinhados no pódio da Praça Vermelha, com um único estrangeiro (para além do búlgaro Dimitrov, presidente do Komintern), André Gide. Há um vinco na sua fronte desguarnecida, como que para melhor decifrar um enigma. A mãe pátria da revolução enterra o seu Victor Hugo: Máximo Gorki.

Há quatro anos, ao publicar as suas páginas de diário, Gide deu a conhecer a sua adesão ao comunismo soviético. Em 1935, as suas *Nouvelles Nourritures* soaram como um apelo á revolta dos proletários: *Camarada, não aceites a vida tal como os homens a propõem! Se os novos camaradas o tivessem lido melhor teriam aberto com maior prudência as suas fileiras a esse não conformista congénito. Quarenta anos antes, les Nourritures terrestres*, às quais o seu manifesto fazia eco, incitava o leitor a deitar fora o seu próprio livro. Toda a vida, toda a obra de Gide tinham sido uma infatigável emancipação. Família, religião, moral sexual, colonialismo, e agora o sistema económico e social, tudo o que está na base da sociedade do seu tempo sentiu a ponta de um aparo decapante e rigorosamente controlado. Para Gide o comunismo só pode ser uma interrogação, não uma resposta.

A sua «conversão» de 1932 fez grande barulho. O seu *Retour de l'URSS* de 1936, seguido de *Retouches*, de 1937, a sua apostasia, ainda fez mais.

Gide não foi o primeiro visitante a trazer da União Soviética um testemunho crítico. Desde a sua origem, a largada de Brest-Litovsk e o repúdio dos empréstimos russos, a União Soviética não deixara de ser, em França, um objecto de controvérsias, mas muitas testemunhas recentes — de Trotski, exilado por Staline, a Ernest Mercier, grande capitalista — passavam, com razão ou sem ela, por seus adeptos. Georges Duhamel publicara em 1927 uma *Voyage à Moscou*, suficientemente favorável para que o marechal Pétain dissesse, quando da eleição do escritor para a Academia: *Mais un bolchevik*.

A missa em latim

Uma obra devia ter aberto os olhos de Gide: *Vers l'antre Flamme*, três volumes publicados em 1929, em Paris, por Panait Istrati, Boris Suvarine e Victor Serge, com a assinatura do primeiro. Mas ele ignorou Istrati, que morreu em 1935, tal como Suvarine, cuja biografia de Staline, publicada nesse mesmo ano, só teve direito a dez linhas na *Nouvelle Revue Française*. Quanto a Victor Serge, estava preso na URSS desde 1933 e só seria libertado em Maio de 1936, depois de múltiplas intervenções a seu favor, entre elas a de Gide.

Em todo o caso estes desiludidos não tinham nem literária nem politicamente a notoriedade do escritor e as suas censuras não podiam ter a mesma importância. A de Gide fez data e seria seguida, em França, até à guerra mundial, de numerosas queixas de visitantes bem intencionados à partida e que «regressavam» da URSS em todos os sentidos da palavra.

Se Gide sempre se sentira fascinado pela Rússia e pelos seus escritores, a

política, e, particularmente a da esquerda, haviam-no deixado, durante muito tempo, indiferente. A sua velha amizade por Léon Blum dirigia-se ao esteta, não ao socialista. Foi através do anticolonialismo e quando tinha quase cinquenta anos, que «entrou na política». Mesmo assim, só descobriu a realidade colonial em 1925, ao ir ao Congo observar as borboletas...

A perseguição dos comunistas pelos nazis, na Alemanha (onde Gide ia muitas vezes) e o conhecimento de jovens marxizantes fez o resto. A doutrina não teve nada a ver. Gide limitou-se a ler laboriosamente o *Capital*, e disse: *É a missa em latim. Não compreendemos mas inclinamo-nos* (1937). Em contrapartida, o seu cristianismo pessoal teve muita importância. *O que me leva ao comunismo não é Marx, é o Evangelho* (1933).

Mas, embora recusando entrar para o partido, Gide aproximou-se dele sem reservas. Desejando de todo o coração a derrota do capitalismo, deleitando-se com os discursos de Staline, só vendo salvação no plano da Rússia nova, escreve cabeça fria, a 23 de Abril de 1932: *Se fosse necessário dar a vida para assegurar o êxito da URSS, dá-la-ia imediatamente*. Faz discursos, preside a reuniões públicas, (onde se aborrece), levanta o punho como toda a gente, publica *les Caves du Vatican*, em folhetim, no *l'Humanité*, vai a Berlim pedir a libertação de Dimitrov, preso desde o incêndio do Reichstag.

Este grande viajante hesita, no en-

nheiros. Depois, no dia 12 de Julho, todos partem para o Cáucaso e para o mar Negro.

Mas, em Tiflis, Schifffrin e Guilloux decidem regressar a Paris — ora, escreverá Gide, foi a partir de Tiflis que os nossos olhos verdadeiramente se abriram. Em Sebastopol Dabit é hospitalizado e morre no hospital. Assim, só Herbart acompanhou Gide durante todo o tempo.

Se Gide sempre se sentira fascinado pela Rússia e pelos seus escritores, a política, e particularmente a de esquerda, haviam-no deixado, durante muitos anos, indiferente. A sua velha amizade por Léon Blum dirigia-se ao esteta, e não ao socialista.

tanto, a verificar «in loco» a verdade das suas convicções. Dúvidas afloraram em 1934. Mais uma razão para ir ver, diz-lhe Martind du Gard. Gide só se resolve na febre da Frente Popular. Quer rever Gorki, doente, e que dizem desiludido. Para corroborar as suas impressões quer ir acompanhado por um grupo bastante heterogêneo: Herbart, naturalmente, que veio de Moscovo no princípio de Junho de 1936, o seu amigo comum Jef Last, o editor Jacques Schifffrin (que fala russo), e dois jovens romancistas que ele conhece pouco: Eugène Dabit (*Hôtel du Nord*) e Louis Guilloux (*le pain noir*).

«Os nossos olhos abriram-se»

Gide chega a Moscovo de avião no dia 17 de Junho, com Herbart. Os outros vão por mar. Gide é levado em triunfo e é o início de dois meses de festa oficial e popular. Gide só verá Gorki no seu leito de morte, a 18. No dia 20, quando da cerimónia na Praça Vermelha, dirá imprudentemente (e arrepender-se-á disso) que, *sendo revolucionário, o escritor já não é um opo-*

Regressam a Moscovo a 20 de Agosto, no dia seguinte ao início do primeiro dos grandes processos stalinianos a 24, quando voltam para Paris. O *Pravda* anuncia a execução dos dois principais acusados, Kamenev e Zinoviev. Gide não diz nada no seu primeiro livro, e saída com um *até breve* telegráfico a pátria do socialismo vitorioso.

Hipocrisia protocolar? Nada é menos seguro. O que impressiona o leitor do *Retour de l'URSS*, publicado a 13 de Novembro, é a modéstia (cento e vinte e cinco páginas), a moderação (está-se longe do «grito» de Istrati), o sentimento de que a expressão da verdade sobre l'URSS *en formation* (primeiro título pensado) contribuirá para lhe restituir as suas virtudes.

Trata-se de um caderno impressionista, de notas psicológicas, com efusões que fazem sorrir, algumas observações que espantam os visitantes de hoje — *Em regiões inteiras a URSS apresenta o rosto risonho de uma felicidade onde, é certo, a ignorância tem a sua parte* — e uma obstinação ingénua em persuadir o leitor de que o sistema teria melhores possibilidades de êxito em França.

Esse optimismo teimoso parece, no

entanto, um pouco artificial tantas são as observações negativas que o autor acumula: a pobreza, as bichas, as mercadorias lamentáveis, as crianças abandonadas, uma miséria tanto mais atroz quanto, sendo a felicidade do povo garantida pelo Estado, só pode ser culpada. *É certo que já não há classes na URSS, mas há pobres, desmaziados. Pior ainda: o nivelamento, a despersonalização, a uniformidade das aparências e, sem dúvida, dos espíritos. A felicidade de todos só se obtém à custa de cada um. Para se ser feliz deve-se estar de acordo. Todas as manhãs o «Pravda» ensina o que se deve pensar.*

O que mais escandaliza Gide é o desvio do ideal revolucionário, o recurso ao rendimento em nome do stakhanovismo — *Dantes havia o Knut*, — a ditadura dos oportunistas, o emburguesamento dos costumes com as novas legislações contra o aborto e a homossexualidade, a que ele acrescentará em *Retouches* o reaparecimento do misticismo religioso: *Aos espoliados, o ópio*.

Esses *Retouches* do Verão de 1937 são de início destinados a preencher lacunas. Gide completa as suas muitas sumárias referências económicas com muitos números, fornecidos por Victor Serge. Ele denuncia, enfim, mas sem insistir, os processos políticos, o sistema policial, e a denúncia, *virtude cívica*. E, sobretudo, quer corrigir, a um ano de distância, as esperanças que ainda tinham ao voltar de Moscovo. Aos comunistas que lhe censuram o

relações amigáveis, juntam-se ao contrário. O *Humanité* rompe o silêncio no 18 de Dezembro, publicando, processo caro à Imprensa comunista, o artigo do *Pravda*. Aragon ataca os *advogados de Hitler*: Romain Rolland, até então reservado perante Moscovo, fala também. As alusões a presumíveis preocupações comerciais de Gide e à sua suposta pederastia desiludida, não faltam. Ele responde, como antes dele Istrati, que a URSS lhe oferecia uma ponte de ouro para a louvar, e, nos seus últimos escritos, (*Ainsi soit-il*) confessará que a sua confessada tendência não beneficiaria em mais nenhum país, de tanta complacência e convicção, de uma especial imunidade.

Raros comunistas tentarão uma reputação séria: Georges Friedmann, no seu livro *De la Sainte Russie à URSS*, e Paul Nizan (*Tout n'est pas faux, mais tout est mal interprété*), ele próprio fustigado como *contra-revolucionário*, quando se revolta, em 1939, contra o pacto-Hitler-Staline.

A objecção de oportunidade

Entre os companheiros de viagem de Gide, só Louis Guilloux se indigna com a sua «reviravolta total», mas os outros levantam a objecção de oportunidade: dever-se-á atacar o regime soviético no momento em que a URSS se toma a aliada «objectiva» indispensável dos homens de liberdade na guerra já iniciada contra o nazismo em Espanha, e que vai abraçar a Europa e o mundo? Não será legítimo pactuar com o diabo contra um diabo ainda mais ameaçador? Até 1945, este caso de consciência pôr-se-á a todos os democratas. «Impublicável», diz Malraux a Herbart que foi mostrar-lhe o manuscrito do *Retour* sobre a frente espanhola.

Gide mal evocara em dilema na conclusão do *Retour*, esperando que o auxílio soviético aos republicanos espanhóis anunciasse «um feliz restabelecimento». Mas, precisamente, nessa Espanha dilacerada pela guerra civil, as perseguições estalinianas contra os comunistas heréticos do POUM põem-se com uma acuidade ainda mais dramática. Gide protesta e muitos comunistas ou simpatizantes, principalmente intelectuais prometidos à glória, rompem então com Moscovo, ou íntima e secretamente (Malraux), ou publicamente (Orwell, Koestler). É então, em 1937, que Herbart decide publicar o seu próprio testemunho: *En URSS*.

Quanto a ele, Gide achou sempre que, se esperasse de mais, «a oportunidade nunca viria» e que é sempre bom dizer a verdade. Quando Gide morreu, Sartre que foi um «compagnon de route» muito diferente mas igualmente complexo, teve a apreciação mais justa: *Gide teve a coragem de se colocar contra a URSS quando era perigoso fazê-lo, e a coragem, maior ainda, de se desdizer publicamente quando achou, com razão ou sem ela, que se tinha enganado*.

* André Gide e l'URSS, de Rudolf Maurer (Ed. Tillier, Berne) e as publicações da Associação dos amigos de André Gide (Universidade de Montpellier III).

M. Delarve

O analista, o detective e o criminoso

As relações existentes entre a psicanálise e o método policial foram frequentemente sublinhadas, tal é a semelhança entre Holmes e Freud, entre o modo de ler o indício e o de traduzir o sintoma, e tal também a importância da carta roubada de Edgar Poe para J. Lacan. Por uma razão que se esclarecerá a seguir, preferimos dizer que o psicanalista se aproxima mais do detective do que do polícia. O detective é independente, autônomo, não é a obediência à lei que lhe interessa, mas sim a resolução de um enigma. Neste sentido, ele pertence mais ao mundo lúdico da estética do que ao da ética. Mesmo que lhe aconteça concordar com a lei, não a representa. Do mesmo modo, o psicanalista não se interessa pelo doente senão porque tem em vista uma cura benéfica ao próprio doente, e não porque tem em vista eliminar ou apagar o que incomoda a sociedade (ela própria desmontada no seu mecanismo de autoridade), mesmo se, evidentemente, a consequência da cura permite uma melhor inserção do indivíduo na sociedade. O lado «privado», à margem dalei, que o detective e o analista revelam aproxima-os do criminoso. Freud serviu-se do seu próprio caso, fundou a análise dos sonhos em função dos seus e colocou na cena psicanalítica a figura central de um investigador criminal, Edipo.

Holmes encontra no seu inimigo mortal, Moriarty: a sua própria imagem invertida. Ele é o mesmo, mas no crime. Ambos desembocaram num corpo-a-corpo que os precipitará no fundo das quedas de água de Reinc

Reichenbach.

E também porque se entregam à cocaína que Freud e Holmes são fundamentalmente parentes do criminoso. Freud, apesar de ter trocado a voluptuosa droga pela noiva Martha, consome uma apreciável quantidade de tabaco.

Holmes, como se sabe, é um especialista em tabacos e cinzas, tendo até consagrado a estas últimas um estudo.

Para além da seringa hipodérmica, os variados cachimbos integram-se na panóplia holmesiana, como a lupa ou o violino. Em Freud, o tabaco e a mulher substituem a cocaína; em Holmes, o tabaco subsiste ao lado da cocaína que ocupa o lugar da mulher. No final de *Signo dos Quatro*, Watson anuncia o seu casamento e inicia o seguinte diálogo com Holmes: «A mim calha-me uma esposa, a Jones os horrores. Que lhe resta a si, se faz favor?»

«A mim? — espanta-se Sherlock Holmes. — Mas a cocaína, doutor».

Um texto de S. Ferenczi, «Psicanálise e criminologia» (1), permite-nos estabelecer a relação entre os três personagens do criminoso, do detective e do analista. Ferenczi, convidado para uma mesa-redonda de criminologistas, indicará que o papel do psicanalista não consiste em ajudar a instituição. O psicanalista não pode — e, no que toca a Ferenczi, acrescentamos facilmente «não quer» — colaborar no trabalho do legislador. Em primeiro o lugar e sobretudo por uma questão de tempo: o jurista quer andar depressa, o psicanalista, por seu lado, deve «prosseguir tranquilamente as suas investigações». Por outro lado, os elementos que a



psicanálise pode apurar revelam-se de «natureza puramente teórica e estão bem longe de poder ajudar firmemente o legislador ou o jurista em exercício através de conselhos práticos». Portanto, o psicanalista não pode ajudar a instituição nem o criminologista, e o único apoio prático que consente é o de «manter todas as armas teóricas que possui à disposição da criminologia». Ao recusar integrar-se no corpo de polícias, o psicanalista, que inquirir sobre bases teóricas, transforma-se em detective privado, em personagem único

de quem a instituição sonha apropriar-se. Um notório desdém pela justiça legal caracteriza Sherlock Holmes: «em sessenta inquéritos descritos pelo seu memorialista, ele apenas consentiu vinte e cinco vezes em entregar um culpado à justiça legal e vulgar» (2).

Com uma ironia caracteristicamente holmesiana, Ferenczi permuta os papéis. Enquanto os criminologistas desejam conhecer o que a psicanálise tem a dizer sobre os criminosos, Ferenczi responde que, em primeiro lugar, juízes e criminologistas deveriam ser psicanalizados. Curiosa psicanálise que passa a objecto de uma troca impossível: «A primeira tarefa da psicanálise seria portanto a de dar uma formação analítica aos especialistas. Em contrapartida, exigiríamos das autoridades que elas nos remetam os «dossiers» das prisões para que possamos estudar o caso dos criminosos já condenados e que confessaram». O psicanalista detentor dos arquivos, e único leitor capaz de ler verdadeiramente, situa-se fora da lei, ultrapassa-a e submete à teoria psicanalítica, à lei de Edipo, todos os representantes da legalidade que se aproximam dos criminosos através da nevrose. Tal é, em suma, a mensagem final em que Ferenczi nos assinala o caso de um homem normal, o dr. X, que descobre, durante uma psicanálise didáctica, as relações de rivalidade com seu pai, que simbolicamente queimou no dia a seguir ao da sua morte. Último aspecto: «Não guardarei por mais tempo segredo sobre o facto de que esse dr. X sou eu próprio», declara Ferenczi, acrescentando que «em circunstâncias desfavoráveis», ele

próprio se poderia ter tornado incendiário. A «sublimação» conseguida tornou-o psicanalista, princípio químico sobre o qual Holmes trabalha assiduamente no seu laboratório.

Sublimação-evasão, eis-nos devolvidos ao coração do texto de Ferenczi, uma vez que o golpe atingiu os homens vulgares da instituição que se vêem obrigados a alinhar, senão ao lado dos criminosos, pelo menos ao lado dos nevrosados que permitem esclarecer a personalidade criminal.

Entre os nevrosados cuja análise se mostraria útil para a dos criminosos, Ferenczi faz notar os casos de perversão sexual e os de toxicómanos (álcool e morfina): «O estudo das perversões e daquilo a que se chama toxicomanias abre uma perspectiva sobre as técnicas prováveis de uma futura criminoterapia». O criminoso, o perverso, o toxicómano são, de algum modo, «crianças grandes» mais ou menos perigosas, em que se manifesta um conflito edipiano não resolvido e, por essa via, uma certa fraqueza do superego (da consciência moral), ou a sua potência exacerbada (que pode levar ao suicídio). O analista e o detective, personagens fora do comum, quer dizer, à margem da instituição, inquiridores próximos do criminoso, encontram-se, como veremos de modo mais detalhado, na pessoa de Edipo.

Chaké Matossian

Notas:

- 1) S. Ferenczi, *Oeuvres Complètes*, vol. IV, Paris, Payot, 1982
- 2) F. Lacassin, prefácio de *Les aventures de Sherlock Holmes*, Genève, 1971

A obsessão do escritor público Gatti

Em Toulouse, França, o escritor público Armand Gatti, vem prosseguindo há já três anos uma experiência de escrita com adolescentes a caminho da delinquência ou já delinquentes. E a utopia tornou-se realidade.

É o terceiro ano que se realiza na Aquitain uma experiência social, diferente: reintroduzir jovens marginais de toda a espécie (malfeitores, gente à beira do manicómio, analfabetos) no circuito do trabalho, através da escrita. O que disse? Disse que não lhe metem na mão uma turquesa, nem uma chave de parafusos eléctrica, nem um computador de plástico beije, mas sim uma esferográfica. E acredita que...? Não já que acreditar. Há que ver.

Armand Gatti: «A escrita é a única coisa que pode dar dignidade àqueles que a sociedade exclui. Ela é a base de tudo. Conquistar uma escrita é conquistar a cultura. Um homem sem cultura é um homem sem identidade.

— Mas que escrita? Que cultura?

— A sua, mesmo que julguem não ter nenhuma. Pede-se-lhes primeiro que desçam em si próprios, que se vejam tal como se vêem ou se querem, que respondam à pergunta: «Quem sou eu?»

— E eles respondem?

— Respondem.

Silêncio e tensão. Rapazes e raparigas olham para o homem sentado a uma mesa, na frente deles, como um escritor público e que, tranquilamente, lhes diz que escrevam (ele fará o resto). O que quer deles? Por que se interessa

por eles? Professor ou polícia? São quinze, têm entre os dezoito e os vinte e cinco anos, saem da prisão ou vão para lá entrar (Gatti responsabilizou-se perante o juiz deste ou daquele); vagabundaram por clínicas e hospitais psiquiátricos; outros, magrebinos, ibéricos ou do centro da Europa, exilados e refugiados sem bagagem, têm uma noção miserável do francês. O que os une não é a língua nem mesmo a juventude, mas sim a pequena barra de «hash», a seringa, o roubo, a prostituição, a vagandagem cansada. E agora é preciso que se sentem, digam quem são, o escrevam.

Armand Gatti: «Pode perguntar-lhes quais são os seus problemas, os seus desejos, etc. Nenhum deles dirá: a escrita. Nem mesmo têm uma noção disso. Vamos então levá-los até ela. E não à escrita que se vai buscar à direita e à esquerda, mas a que inventamos, a que sai de nós. Claro que a droga, o roubo, é o género de coisas que eles sabem fazer, mas não vão gabar-se disso. Não lhes passaria pela cabeça que é uma matéria para a expressão, para a escrita.»

Primeiros rascunhos informes. Um parto com ferros. Durante dias inteiros ouvem-se pragas, papéis rasgados com violência, idas e vindas furiosas, saídas impacientes. Alguns não aguentam. Outros, sim. E vêem-se cegos da ortografia ajudar os cegos a atravessar perigosos plurais, e mesmo um patrão da droga expulsar do local da experiência os revendedores que se aproximam: «Isto aqui é sério, rapazes!»

Todos devem ler a sua prosa, incluindo as escórias que a envolvem, a toda a companhia. Publicamente. Como os monges ou os militantes perante a assembleia dos seus. Esses, pelo menos, são convictos, mas os jovens delinquentes de que podem estar convictos? Fazem-no, no entanto, incomodados, por entre risos, fanfarronando, ansiosos pelo julgamento dos outros. Mas o julgamento dos outros é o seu, e o que se passa é um sopro de verdade escaldante e desolada.

«Sou um ovo estalado, mal partido, que não chegou ao fim...»

«Sou um carneiro entre tantos outros...»

«Sou um funámbulo que caminha sobre o cordão umbilical da vida...»

«Sou uma pedra na qual está gravado o meu nome...»

«Sou uma manha de Inverno numa pequena cozinha sombria do Sul...»

Declinada a identidade, vem o momento do destinatário «a quem se dirige». E quando se lê o que eles rabiscam, mesmo que se esteja muito bem preparado contra as emoções, é sempre dilacerante: «Dirijo-me ao meu juiz... à minha mãe que me abandonou... às paredes... aos que se estão nas tintas para tudo... à cadeia... ao meu educador... falo à luz... não sei a quem falo... dirijo-me à morte...»

Semanas de iniciação, de fracassos, de desconfiança, de entusiasmos, de depressão. Semanas de interrogações: para onde vamos? Que significa tudo isto?

Gatti: «Vão escrever uma peça

sobre a vossa identidade e a daqueles a quem se dirigem».

Um estagiário: «Essa é boa! Porque não o escreve o senhor?»

Outro: «Tu não tens o direito de lhe dizer isso. O senhor Gatti é alguém, vem no dicionário!»

Outro: «É verdade, eu vi. Gatti: autor dramático, encenador. Anulando as fronteiras do sonho e do real, ele põe ao serviço da sua fé revolucionária todos os recursos de um teatro militante que recolheu as lições de Puscatin e de Brecht...» Isso não o impediu de ficar por meu fiador junto do juiz! Aquilo do dicionário liquida os últimos segundos pensamentos. E eles entram, sem discutir mais nos caminhos pedregosos da escrita dramática. Uma peça? Que peça?

Discute-se. Os mitos da actualidade precipitam-se: a Mafia, o grande assalto, a morte de João Paulo II, o castelo de Frankenstein, a revolta dos astronautas... Mas se o espaço está presente, o tempo é recusado. «Eu não gosto de história porque na história todos morreram». Outros tempos são prudentemente propostos pelo «homem do dicionário» e pelos seus quatro associados (Hélène Chatelain e Stéphane Gatti, especialistas de vídeo e Félix Moussie e Daniel Souque, animadores do CRAFI, colectivo de formação e insenção de Toulouse). Fala-se do anarquista Nestor Makhno, cuja cavalaria levantou a Ucrânia contra alemães, czaristas e bolcheviques, e que morreu miseravelmente em Paris em 1935. Fala-se também dos guerri-

lheiros espanhóis antifranquistas e do pós-guerra (os irmãos Sabaté, Facerras, Ramon) que faziam o vaivém das bombas e panfletos entre Toulouse e Barcelona e que quase todos morreram nesse trabalho. Por fim, de Jean Kepler (1571-1630), que catalogava estrelas e descobriu a pouco e pouco as leis essenciais do sistema solar, durante uma vida de dificuldades e infelicidades sem fim.

Aceitam as personagens históricas para não desconsolar o senhor Gatti. E depois, esses mortos gloriosos também eram excluídos...

Em 1984 o estágio produz e representa no Archéoptéryx de Toulouse, e depois em Beaubourg, a peça baseada em Makhno; em 1985 a dos guerrilheiros espanhóis. Foram feitos filmes-vídeo: *Nous ne sommes pas des personnages historiques*, apresentado por Hélène Chatelain no cinema du Réel, em Março de 1986, e *Le Dernier Maquis*, de Stéphane Gatti, que acaba de ser exibido na Terceira Manifestação Internacional de Vídeo e de Televisão de Montbéliard.

Este ano vai ser exibida a terceira peça numa fábrica abandonada, perto do observatório de Toulouse, com um novo contingente de estagiários. Ela gira à volta de Kepler e do Sol. Projecto na verdade vertiginoso. «Incultos» representando o mundo dos números e das grandezas cósmicas, de que estão ainda mais longe do que do alfabético...

Pierre Joffroy



Folhas soltas sobre o nazismo

Quando o Fuhrer pretendia entender-se com os ingleses

A política externa da Alemanha nazi parece ser um tema familiar. Falta, no entanto, um estudo de conjunto, em francês, tendo em conta a historiografia estrangeira recente. Essa lacuna acaba felizmente de ser preenchida por Charles Bloch, professor na universidade de Tel-Aviv e na de Paris-X.

No grande trabalho, profusamente ilustrado, que acaba de publicar com o título *Le IIIème Reich et le monde*, Charles Bloch faz o ponto das suas próprias investigações e da numerosa historiografia alemã e anglo-americana dos últimos anos. Trata-se de uma síntese sabedora, mas desprovida de erudição inútil. O autor prende-se menos à narrativa dos acontecimentos do que à análise aprofundada dos móveis, das intenções, dos jogos de influência que comandaram as chamadas de decisão.

A política externa nazi inscreve-se na tradição nacionalista alemã ou marca uma ruptura? No interior do período nazi há continuidade ou ruptura a partir de 1938? Nestes debates em que há décadas os historiadores se enfrentam, Charles Bloch toma partido pela continuidade: o mesmo desejo de poder, a mesma sede de expansão imperialista. No entanto, quando depois o autor fala da vontade de conquistar um espaço *Vital de base biológica racial*, não reconhecerá à ideologia nazi uma certa especificidade?

A «linha Goering»

Para além das sinuosidades de percurso desejadas pelas circunstâncias, a política de Hitler é comandada por algumas ideias-força de que não se afasta e que quer realizar em etapas sucessivas, sendo a última um choque, considerado inevitável, com os Estados Unidos a fim de impor uma ordem mundial que repouse em quatro impérios: a Eurásia alemã, o Império britânico, a América, a Ásia oriental japonesa.

Quem decide o que se passa em política estrangeira? O partido nazi, as Forças Armadas, o grande capital, as elites tradicionais, não pesam muito nas grandes decisões, a um tempo por-

que Hitler se aproveita das suas rivalidades, e porque a grande popularidade do ditador leva a inclinar-se os que não são da sua opinião. Em contrapartida o Fuhrer é influenciado por certas personalidades, mas essas influências actuam nos sentidos mais diversos. Um dos méritos do trabalho é sublinhar que o «modelo» do Estado totalitário nada tem de monolítico: grupos rivais de concepções diferentes disputam entre si o serem ouvidos por Hitler. Vê-se constantemente a oposição entre as linhas Goering e Ribbentrop.

De súbito, a preparação para a guerra comanda a política nazi, principalmente no plano económico e no plano psicológico.

Uma das linhas mestras do trabalho é a importância do factor britânico (Hitler preocupa-se pouco com as reacções da França, porque acha que desde 1936-1938 ela deixou de contar como potência e se limita a seguir os passos da Inglaterra). Primeiro, o Fuhrer está persuadido de que pode preparar a conquista do continente de acordo com a Inglaterra, que ficaria senhora dos mares. Depois, ao dar-se conta de que ela não aceitará um domínio alemão na Europa, adopta, para a obrigar a isso, uma estratégia de intimidação: é nessa perspectiva que se deve interpretar a aliança com a Itália e com o Japão, depois o pacto germano-soviético. Mas essa estratégia desconhece completamente o carácter inglês, e leva, apesar dos esforços do «partido da paz», que tem Goering como chefe de fila, à guerra com a Inglaterra, que Hitler queria evitar. Depois o Fuhrer esforça-se por levar a Grã-Bretanha a prestar-se a um entendimento global com a Alemanha vitoriosa (a «batalha de Inglaterra», depois as operações no Mediterrâneo são meios de pressão nessa perspectiva).

A aliança difícil com o Japão

Outro aspecto que o trabalho traz à luz é o difícil entendimento com o Japão, visto a Alemanha ter privilegiado durante muito tempo as suas relações com a China e querido poupar as posições inglesas no Extremo Oriente.

O pacto anti-Komintern não instaura nenhuma cooperação, nem mesmo de concertação. A carta japonesa só adquire importância quando sobe a tensão com os Estados Unidos.

Em todo o caso Hitler deseja retardar o mais possível a prova de força (é preciso primeiro liquidar a Rússia, desenvolver o poder naval e as posições do Reich nos continentes extra-europeus); esforça-se pois por ter boas relações com os Estados Unidos e de impedir que o Japão ataque prematuramente. Entre a Alemanha e o Japão não há nenhuma estratégia global para uma realização comum da guerra, mas diferendos de ordem económica, divergências quanto aos objectivos. Sempre em busca de um entendimento com a Inglaterra, Hitler não quer que o Japão retorne na Ásia a herança do Império britânico, só apoia muito momentaneamente o nacionalismo árabe e recusa-se a encorajar o nacionalismo indiano.

O trabalho termina com os estudos dos planos de paz e sondagens feitas por vários grupos da oposição.

Em suma, pela precisão e acuidade das suas análises, por numerosas opiniões novas que nos traz, um importante livro de referência.

Pierre Guiller

Nota

* *Le IIIème Reich et le monde*, de Charles Bloch, Imprimerie Nationale.



Hitler conversando com Chamberlain (à direita)

A «culpa histórica» de Max Weber

■ Pretende-se sentar o pensador alemão no banco dos réus

A O apresentar a tradução francesa do seu trabalho sobre Max Weber — que surge em França mais de vinte anos depois da publicação do livro na Alemanha —, Wolfgang Mommsen explica o que o levou a empreender esse trabalho. Ele pertence à geração de escritores alemães na qual «a reeducação» (de depois de 1945) deixou a sua marca... Eles entregaram-se a uma avaliação crítica da história alemã recente e resolveram reescrevê-la numa perspectiva liberal (...). Assim, impunha-se uma reflexão sobre Max Weber, esse pensador político de que o liberalismo alemão costuma reclamar-se.

É sobretudo nos seus primeiros trabalhos — publicados antes de 1900 — que Weber surge não só como um teórico da política, mas também como um pensador pragmático. Partindo das conclusões de um inquérito sobre os trabalhadores agrícolas na Prússia Oriental, desenvolve uma análise das classes dirigentes e das mudanças indispensáveis para voltar a dar um impulso ao liberalismo burgês, que o autoritarismo de Bismarck levava à ruína.

«Partidos-máquinas»

Esse inquérito mostrava que ao desenvolvimento industrial e urbano das partes ocidentais do Reich se opunha

uma crise agrícola do Nordeste prussiano. Ora, a aristocracia prussiana da terra controlava a burocracia e as Forças armadas e fazia tudo para manter os seus privilégios. Com o seu autoritarismo, essa classe em declínio impedia o desenvolvimento económico e político do país. Para mais, a política intollerante de Bismarck para com a Igreja Católica e o movimento operário minara, ao longo dos anos de 1880 a credibilidade do movimento liberal-nacional, que o levava ao poder. Depois da desintegração deste movimento no início dos anos 1890, desenvolveram-se dois partidos de massa, o social-democrático e o católico que, segundo Weber, não tinham dirigentes capazes de assumir a direcção da nação.

Assim, ele dava à burguesia novos objectivos, num programa que ligava a parlamentarização do regime a uma política externa de conquistas coloridas, sendo a primeira, aos olhos de Weber, condição prévia para a segunda. Mais de metade do livro de Mommsen trata das ideias expressas por Weber durante esse período.

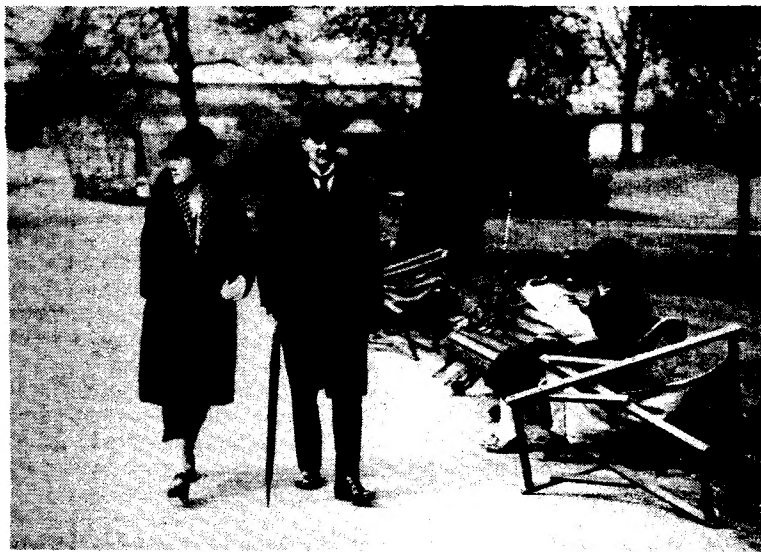
Compreende-se a perturbação que esse estudo provocou entre os historiadores em busca de uma herança intelectual sobre a qual teriam podido construir a Alemanha do pós-guerra. Porque a obra de Mommsen mostra que

Weber favorecera as estruturas democráticas em nome de uma política externa imperialista. Considerado como o precursor de uma Alemanha liberal, não preparara ele o terreno para o expansionismo alemão? Esta interrogação parece particularmente justificada pelas suas tomadas de posição sobre a Constituição da República de Weimar.

Desde 1916 que Weber criticava a política de guerra e reivindicava reformas constitucionais. Ora estas propostas vinham menos de convicções democráticas ou republicanas bem fixas do que uma reflexão sobre as formas políticas que melhor se adaptavam a um Estado-nação moderno na competição internacional. Weber desejava um nivelamento entre «partidos-máquinas» favorecendo a selecção de chefes carismáticos que pudessem impor a sua vontade à burocracia onnipotente. Esse «presidencialismo» plesbiscitário não apresenta «traços autoritários com os quais é impossível que nos enganemos»? Wolfgang Mommsen crê que o pensamento de Weber também pode «ter incitado mentalmente o povo alemão a aclamar um chefe, Adolfo Hitler».

Michael Pollak

* *Max Weber et la Politique Allemande*, de Wolfgang Mommsen. Ed. PUF.



Chamberlain e esposa num jardim de Londres

Como foi «aquilo» possível

A enorme bibliografia consagrada ao Reich hitleriano é orientada segundo dois eixos de interpretação: para os «intencionalistas», Hitler realizou aquilo que quisera à partida. A sua vontade própria manipulou o acontecimento até ao momento em que o acontecimento venceu; para os «funcionalistas», Hitler assumiu o papel de Führer, que era a pedra angular do sistema burocrático nazi. Ele dava uma inspiração, não um movimento.

Os primeiros explicam o Reich hitleriano atribuindo ao homem a superioridade sobre estruturas, e os segundos descrevem o todo-poder quase mecânico dessas mesmas estruturas.

Essa oposição não teve ecos em França, daí o grande interesse dos dois «pontos de vista» consagrados à descrição do III Reich e publicados em francês quinze anos depois da sua saída na Alemanha. Martin Broszat e Karl Dietrich Bracher, hoje grandes historiadores, eram adolescentes no fim da guerra, e a pergunta: «Como foi isso possível?» não era para eles um problema abstracto. Isso era a inserção de Hitler no destino alemão, a sua manipulação do destino europeu, e os massacres que foram a consequência de ambas as coisas.

Martin Broszat é «funcionalista». No seu livro, ele analisa as estruturas de poder e as modificações, os conflitos que surgiam a todos os níveis do Estado e da Sociedade. Uma fractura: 1937-1938. Até então o nacional-socialismo é «mais um cenário do que

uma dimensão substancial, mais uma forma do que um conteúdo», ele veste «uma linha tradicional de tipo nacional-alemão ou pangermanista». Depois, os sucessos internacionais obtidos por Hitler encorajaram-no a afastar os elementos conservadores em favor do Partido Nacional-Socialista. Ele age sob o impulso deste. O seu mito, o seu papel de legitimação e de arbitragem ultrapassam a sua pessoa e as suas escolhas. «O despotismo do Führer era resultado da lei mecânica interna do nacional-socialismo».



Condenado a perpetuar o seu mito

O abandono de todo o nacionalismo, o recurso cada vez mais frequente à violência, são consequência dos primeiros fracassos. «O efeito Hitler» transborda da «realidade da sua pessoa». Ele estava condenado a perpetuar o seu mito fora de toda a norma política, reforçando as doses, como com um estupefaciente.

Fazendo isto ele destruiu-se, até ao momento em que o fim do mito, no



Martin Broszat e Karl Dietrich Bracher esboçam uma nova explicação do Reich

abrigo da chancelaria, significou o seu fim como pessoa.

O que escapa, tanto a Bracher como a Broszat, são as componentes patológicas. O historiador, por definição, não se dá conta disso, visto que faz as contas do apreensível, do explicável, do evidente, do manifesto. O «intencionalista» Bracher, inscrevendo a ditadura alemã numa duração maior do que a da carreira política de Hitler, compõe uma história global do totalitarismo na Alemanha, sob a sua forma mais aguda. Alfred Grosser, graças a quem o edito Privat assumiu a carga meritória desta tradução, acha que não se trata de uma narrativa mas de uma descrição «a todos os níveis da realidade».

Ambos os historiadores são muito claros sobre o lugar da perseguição dos judeus na evolução do III Reich. Não tenderão eles a assimilá-lo à perseguição geral dos adversários do nacional-socialismo? Aqui, outro ponto de vista se reforçou desde que as suas obras foram publicadas, o de Saul Friedländer: «O anti-semitismo e a

política antijudaica do III Reich dão (...) do nazismo uma dimensão nova que desafia as comparações. O «fascismo» cai como conceito suficiente e o «totalitarismo» também; as interpretações marxistas ou freudianas encontram lá os seus limites evidentes... Se se admitir que a relação com o problema judeu foi o centro, a própria essência do sistema, uma boa parte das exposições comuns perdem a sua coerência».

Karl Dietrich Bracher consagra os seus últimos capítulos à continuidade do nacional-socialismo. Eles estão marcados pela problemática do fim dos anos 60, por vezes um pouco ultrapassados, excepto as páginas sobre o caso Speer, de uma lucidez implacável quanto à ingenuidade «objectividade» dos técnicos tomados de nacionalismo.

Jacques Nobécourt

NOTAS

- ★ La Dictature allemande, naissance, structure et conséquences du national-socialisme, de Karl Dietrich Bracher, Ed. Bibliothèque historique Privat.
- ★ L'état hitlerien, l'origine et l'évolution des structures du troisième Reich, de Martin Broszat, Ed. Fayard.

A fascinante Rahel Varnaghen contada por Hannah Arendt

DURANTE vinte e cinco anos, de 1933 a 1958, Hannah Arendt conserva numa gaveta o manuscrito, as notas e os «dossiers» deste trabalho sobre Rahel Varnaghen. Realizou-o antes de deixar Berlim, nos primeiros meses do poder nazi e de se tornar americana, embora sem nunca deixar de ser uma filósofa alemã.

Essa biografia surpreenderá o leitor francês que seria levado a considerar Hannah Arendt uma estrita teórica da politologia. Rahel Varnaghen era, segundo a sua biografia, um espírito espontâneo, original e sem preconceitos, a mais brilhante e a mais interessante das anfitriãs judias, em Berlim do princípio do século dezanove. No seu salão encontravam-se aristocratas esclarecidos, intelectuais burgueses, actores. A única condição para lá ter entrada era possuir uma personalidade única que tornava igualmente possível um comércio e uma intimidade sem limites.

Era o caso da própria Rahel, que, sem ser feia, não era bela, sem ser pobre, não era rica. O seu êxito mundano e intelectual era indiscutível. Ela

polarizava as inteligências, fazia germinar talentos, mas os seus pretendentes sucessivos, um prussiano, um austríaco, um espanhol, tinham medo. Acabou por casar, aos quarenta e três anos, com o escritor Varnaghen von Ense, que lhe era muito devotado e publicou toda a sua correspondência, quando ela morreu.

Os fantasmas da Alemanha

A jovem Hannah Arendt, nos anos em que tentava curar-se do seu amor por Heidegger e trabalhava com Jaspers, pegou nos papéis sobre Rahel Varnaghen, deixados na Biblioteca Nacional da Prússia e hoje desaparecidos. O que deles tirou está muito longe de ser um estudo histórico no sentido corrente: é antes uma longa meditação sobre as condições e finalmente os impasses da assimilação. Os textos de Rahel e o seu comentário por Hannah Arendt desmascaram a camuflagem e mostram a torturante execração dos judeus, até à sua aceitação, nos anos de velhice e a transmissão a Heinrich Heine da revolta que ele irá proclamar. Nestas páginas surgem todos os fan-

tasmas que Hannah Arendt encontrou na Alemanha de Weimar e dos quais ela se despede dificilmente, antes do êxito. Essa biografia de outra pessoa tem as dimensões de uma autobiografia muito palpitante, embora implícita, ao mesmo tempo que acumula o humo de onde surgirá a continuação da obra. Talvez mais do que os de Rahel, é a voz, a ansiedade, a juventude também e o tormento de viver de Hannah Arendt, que surgem nas cartas de que ela fez uma escolha na segunda parte.

O futuro não vem ao nosso encontro, não está diante de nós, mais, cai-nos em cima. Como não encontrar nessa frase de Rahel tanto uma inspiração para a filosofia política que a escolheu no momento de deixar o seu país, como um grito e um suspiro da mulher ainda marcada por uma paixão?

Notas

* Rahel Varnaghen, la vie d'une Juive allemande à l'époque du romantisme, de Hannah Arendt Ed. Tierce.

— A revista *Études Phénoménologiques* publicou recentemente um número especial sobre Hannah Arendt. Encontra-se nela um texto inédito de Hannah: *Travail, Oeuvre, Action* (Ed. Ousia, Bruxelas).



Alemanha Federal, 1986: o espectro político converteu-se em ambíguo fantasma cultural

Bestiário medieval

A maneira mais segura de caçar um tigre: com espelhos ou a descrição das três classes de sereias que habitam o mar figuram no «Bestiário Medieval» recentemente publicado por uma editora espanhola.

A edição esteve a cargo de Ignácio Malacheverria, que escreveu, além disso, um completo epílogo sobre a importância destes livros na história da humanidade e seu misterioso simbolismo.

Alguns dos animais reais ou imaginários mencionados no bestiário são o Grifo, a Águia, o Tigre, a Formiga-Leão, a Centícora, o Catoblepas (isto é: Gnu ou Boi-t. avalo), o Unicórnio, o Cordeiro de Escítia e as Sereias.

Na Idade Média, os bestiários ensinavam-se de memória aos estudantes, e após a Bíblia, o «Fisiólogo» foi o livro mais difundido até ao século XII.

Segundo os psicólogos a partir de Freud, captar plasticamente os animais é uma maneira que o homem utiliza para se tornar dono de tudo aquilo que deseja e não pode conseguir.

Assim, os animais são relacionados com a origem e a evolução do homem, segundo os diversos mitos. Os contos e lendas apresentam-nos como transportadores do herói, conantes e coadjuvantes, e a história das religiões mostra uma constante sacralização dos animais.

As origens do simbolismo animal relacionam-se estreitamente com o totemismo e a zoolatria. Na Idade Média, os bestiários espiritualizavam o mundo sensível, fazendo de certos animais figuras de Jesus Cristo ou da Igreja.

O volume agora publicado em Espanha inclui fragmentos de mais de 30 textos antigos e medievais, como a «História Natural», de Cius Plinius Secundus, o «Fisiólogo» grego do Século III e os bestiários de Philippe de Thaun, de Cambridge e de Pierre de Beauvais.

Também integram este livro, que encerra com a reprodução a cores de 35 miniaturas do «Bestiário de Oxford», textos do quase desconhecido «Imago

Mundi», de Honorius Augustodunensis, do «De Animalibus», de Alberto Magno, e do «Roman de La Rose», composto cerca de 1235.

Segundo os bestiários o Grifo, que vive na região Hiperbórea, odeia os cavalos, tem corpo de Leão e asas e um rosto de águia e é capaz de transportar para o seu ninho um boi inteiro para alimentar as suas crias.

A Formiga-Leão tem os membros dianteiros de um leão e as partes traseiras de formiga. Seu pai é um carnívoro e sua mãe herbívora. Odeia mortalmente todas as outras formigas e oculta-se entre o pó dos caminhos.

A Águia demonstra a sua valentia olhando o Sol de frente, enquanto o Peixe-Serra corta os barcos em duas metades e é capaz de voar. A Centícora tem corpo de cavalo, mandíbula de javali, rabo de elefante e cornos recurvados: um deles voltado para trás em permanente luta com o outro. Sente horror pela cor negra.

O Catoblepas possui uma propriedade terrível, já que quem o fite direc-

tamente no rosto cai morto de imediato. Ao Tigre, pelo contrário, é agradável observar-se nos espelhos, pelo que os caçadores colocam estes objectos nos caminhos que são frequentados por estes animais.

O Unicórnio é malvado e só pode ser apanhado por uma donzela inocente, ao mesmo tempo que o Cordeiro de Escítia nasce dentro de um melão ou de uma cabaça de tamanho extraordinário.

Quanto às Sereias, vivem no mar, cantam quando há tormenta e choram se faz bom tempo. Têm forma de mulher, até à cintura, pés de falcão e cauda de peixe.

Há três classes de Sereias, duas delas metade mulher e metade peixe e a outra metade mulher e metade ave. Todas três cantam, uma acompanhada a trompeta, outra a harpa e a terceira apenas com a própria voz.

EFE/ANOP
Agências

Confirmam-se mudanças na informação PCP

O mínimo que militantes comunistas podem dizer é que, com excessiva frequência, tomam conhecimento de importantes decisões respeitantes à vida interna e ao futuro do seu partido através de notícias de Imprensa consideravelmente alheia à sua área ideológica.

É o caso, agora, das informações, que se confirmam, quanto à futura mudança de «O Diário» da Venda Nova para a Lapa e da criação de estações de rádio «livres».

A mudança de «O Diário» é um projecto antigo, mas que os comunistas têm vontade de realizar mal haja condições para a instalação de material informático e electrónico de jornal no degradado edifício da Rua de São Bernardo. O próprio edifício, aliás, carece de obras de envergadura que viabilizem essa mudança.

Também se confirma que António Borge, da chefia do jornal, tenciona regressar à RTP, em vez de aceitar a indemnização por inteiro, acrescida de nova quantia, que a empresa pública ofereceu aos «readmitidos» que não desejassem para lá voltar. Esse facto deverá ocasionar reajustamentos internos na redacção do jornal, embora pareça excessivo falar de uma «nova» contestação de que estaria a ser alvo, internamente, o director suspenso, Miguel Urbano Rodrigues.

Por outro lado, confirma-se igualmente que o PCP prepara a instalação de estúdios de rádio e de TV num edifício da área do Chiado onde funcionou, em tempos, uma organização «unitária» de juventude. Rui Pedro e João Paulo Guerra, antigos profissionais de rádio, estariam encarregados das principais acções conducentes à concretização do projecto, entre as quais a formulação de convites a jornalistas comunistas para que nele participem. Essa estação emissora poderá vir a funcionar transitoriamente com o estatuto de «rádio livre».

Outro jornalista de «O Diário», José Luís Fernandes, está a consolidar a implantação, em Évora, e



O edifício da Lapa para onde deverá transferir-se a redacção de «O Diário»

sob a forma de cooperativa, de uma «Rádio Regional no Alentejo» destinada à cobertura de toda a região Sul do País.

A corrida do PCP à antena livre,

quer em matéria de rádio quer de televisão, era previsível desde há anos, quando se tornou claro que a sua influência nos órgãos de comunicação estatizados não voltaria a

exercer-se, conduzindo assim a sua informação e «agit-prop» para um espaço que o próprio partido teria de criar — assim nasceu, aliás, o próprio «Diário».

Mensagens Pessoais

Praia/Campo-Fontanelas

3.500 m² no Alto do Moinho, Fontanelas/Sintra, c/ projecto de moradia aprovado e duplo acesso. Ar do mar filtrado por pinhais, vista de serra e desafogada para Norte. Praia da Aguda a 2 km, centro Lisboa a meia hora automóvel. 6.000 contos, particular a particular. Telef. 545955 tarde, 312257 jantar.

Máquina Escrever

Compro máquina escrever teclado nacional semiportátil em muito bom estado. Telefone, 2683176.

Carrinha Opel 1204

Vendo, ano 1978, muito estimada, sujeita a todas experiências, 350 contos. Telefone 2683176.

Revista de Ciência

Compro revista de Ciência Ilustrada n.º 5 edição brasileira. Distribuidora Jardim, saída em Portugal em 1984. Contactar, Manuel V. N. Dias, Pcta da Liberdade, 611.º, Dto. 2700 DAMAIA.

Cadeiras restauradas

Vendo quatro cadeiras antigas restauradas, de couro gravado (conjunto 25.000.00). Telefone: 2425943 (a partir das 20h).

Calculadora

«Vendo máquina calculadora Sharp Elsimite EL-230 por 700\$00, adquirida em finais de 1985 em óptimas condições de funcionamento e de apresentação. Ocasão única. Aproveite! Contactar Fernando Simões, Tel. 661960, depois das 19 h, de qualquer dia do ano».

Diversos mobília

Mobília de quarto com guarda-fatos de casal e cama de corpo e meio. Também duas camas estreitas, iguais, em madeira de castanho, bonitas. Posso vender só uma ou duas peças. Dois candeeiros, de pé, (vulgares) um secador de roupa não eléctrico, e uma queijeira. Tudo como novo.

Bigode ruivo

Tenho 26 anos, atraente bigode ruivo, carro e emprego estável. Sou bom rapaz e até um pouco tímido, mas, apesar de tudo, gostava de encontrar uma companheira para férias e fins-de-semana. Como tal espero que tu que és desinibida, divertida e bem-disposta me telefones. Carlos — 218 17 88

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.